

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (POSCOM)
DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO**

**POTENCIALIZAÇÃO DO ACONTECIMENTO E RACIONALIDADE PATÊMICA
NOS DISCURSOS SOBRE OS REFUGIADOS SÍRIOS:
A HIPÓTESE DO ÁPICE MIDIÁTICO**

Adriana Domingues Garcia

**Santa Maria, RS
2020**

Adriana Domingues Garcia

**POTENCIALIZAÇÃO DO ACONTECIMENTO E RACIONALIDADE
PATÊMICA NOS DISCURSOS SOBRE OS REFUGIADOS SÍRIOS:
A HIPÓTESE DO ÁPICE MIDIÁTICO**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) como requisito parcial para obtenção do título de **Doutora em Comunicação**.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Rejane de Oliveira Pozobon

**Santa Maria, RS
2020**

Garcia, Adriana Domingues Garcia
POTENCIALIZAÇÃO DO ACONTECIMENTO E
RACIONALIDADE
PATÊMICA NOS DISCURSOS SOBRE OS REFUGIADOS SÍRIOS:
A
HIPÓTESE DO ÁPICE MUDIÁTICO / Adriana Domingues
Garcia Garcia.- 2020.
184 p.; 30 cm

Orientadora: Prof^a. Dra. Rejane de Oliveira
Pozobon
Pozobon
Tese (doutorado) - Universidade Federal de
Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas,
Programa de
Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2020

1. Refúgio sírio 2. Análise de Discurso Emotivo
3. Território 4. Acontecimento Mudiático 5.
Estratégias de
Comunicação I. Pozobon, Prof^a. Dra. Rejane de
Oliveira Pozobon II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Tese de Doutorado

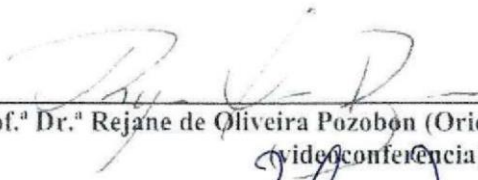
POTENCIALIZAÇÃO DO ACONTECIMENTO E RACIONALIDADE
PATÊMICA NOS DISCURSOS SOBRE OS REFUGIADOS SÍRIOS:
A HIPÓTESE DO ÁPICE MIDIÁTICO

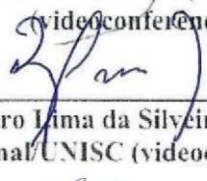
elaborada por
ADRIANA DOMINGUES GARCIA


Aprovada em 03 de abril de 2020.


Como requisito parcial para obtenção do título de
Doutor em Comunicação

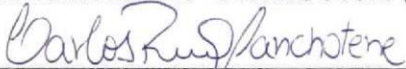
COMISSÃO EXAMINADORA:


Prof.ª Dr.ª Rejane de Oliveira Pozobon (Orientadora) – Poscom/UFSM
(videoconferência)


Prof. Dr. Rogério Leandro Lima da Silveira - PPG em Desenvolvimento
Regional/UNISC (videoconferência)


Prof.ª Dr.ª Giuliana Redin – PPG em Direito/UFSM (videoconferência)


Prof. Dr.ª Reges Toni Schwaab - Poscom/UFSM (videoconferência)


Prof.ª Dr. Carlos Renan Samuel Sanchotene – UEMG (videoconferência)

Santa Maria, 01 de dezembro de 2020.

DEDICATÓRIA

A minha amada filha Valentina, ícone do melhor acontecimento da minha experiência neste mundo, símbolo do amor incondicional, inabalável e indestrutível. Minha força vital e sobrenatural. A responsável pelos meus mais profundos e sinceros sentimentos de zelo, cuidado, proteção, paciência, dedicação, motivação, empatia, solidariedade e compaixão. Esta tese surgiu também do meu amor por ela. As duas cresceram juntas nos últimos quatro anos, entre descobertas, renúncias e (r)evoluções.

AGRADECIMENTOS

A jornada começou tão plena e entusiasmada, porém, os percalços da vida tornaram-na árdua, pesada e transformadora. Como na teoria, as emoções vivenciadas no período do doutorado são da ordem do inapreensível, mas podem ser, intencionalmente, expressas por meio desse agradecimento:

Sou grata a Deus e a todas as forças positivas do Universo pelas pessoas que encontrei durante essa caminhada de aperfeiçoamento profissional, intelectual, emocional, espiritual e principalmente de humanização. Elas foram fundamentais para eu continuar o trajeto com motivação, esforço e determinação.

Primeiramente, agradeço a minha orientadora, professora Rejane de Oliveira Pozzobon pelo acolhimento na UFSM, ainda como aluna especial e nos encontros do grupo de pesquisa Comunicação & Política. Depois, durante o doutorado, pela enorme compreensão, empatia, apoio, convivência respeitosa e acompanhamento tão amável, cuidadoso e comprometido.

Às professoras Dras. Liliane Dutra Brignol e Márcia Franz Amaral, pelas importantes e valiosas contribuições na banca de qualificação da tese, além dos ensinamentos nas atividades acadêmicas, com cursos e disciplinas pertinentes e essenciais para esta pesquisa. Assim como ao professor Dr. Rogério Leandro Lima da Silveira e professora Dra. Giuliana Redin pelas tão específicas, criteriosas e amigáveis considerações durante a banca de qualificação, dando suporte ao desejo de construirmos uma tese multidisciplinar.

Aos professores Drs. Reges Toni Schwaab, Ada Cristina Machado Silveira, Maria Ivete Trevisan Fossá, Eugenia Maria Mariano da Rocha Barichello, e a minha querida patronesse Viviane Borelli, todo o meu apreço e admiração, por terem compartilhado seus conhecimentos e experiências.

Ao professor Dr. Carlos Renan Samuel Sanchotene, o qual sempre foi exemplo e motivação para o meu aperfeiçoamento profissional e acadêmico, que hoje tenho o prazer de tê-lo como examinador da tese.

A todos os colegas do Poscom, os quais tive o prazer de conhecer, pelos momentos de estudo, solidariedade e companheirismo, em especial à Andressa Dembogurski Ribeiro, pela sinergia e parceria em várias dimensões materiais e espirituais; ao Gabriel de Souza, pelos momentos de desabafo, descontração e bom humor; à Vera Martins, inspiração de mulher forte e empoderada; à Charlene Dalcol

Azevedo, exemplo de profissional competente e conselheira atenciosa; ao Cristiano Magrini pela companhia sempre gentil e agradável; à Carolina de David, pelo entusiasmo de pesquisadora dedicada e focada; à Marizandra Rutilli, pelos momentos de coleguismo, otimismo e alta vibração. Todos vocês contribuíram para enriquecer essa jornada, compartilhando conhecimentos e despertando afetos.

A minha família, meu pai Antonio, pelo suporte de sempre, de um pai zeloso e amoroso. Aos irmãos, Adriano, Luciana, Andressa e Anderson, pela nossa irmandade, respeito, admiração e união. Agradeço, em especial, à memória de minha mãe Sirlei, que dentro do possível nos últimos anos de vida dela foi a melhor avó que a Valentina poderia ter, deixando boas lembranças para a neta.

Ao Geferson Paines, pela participação nessa conquista. Registro aqui a minha verdadeira gratidão e reconhecimento pelo incentivo e apoio, em todos os momentos.

Ao Alessandro Mathias, por confiar no meu trabalho durante tantos anos e entender os meus sonhos, assim como aos colegas da DG5 Comunicação, pela convivência agradável e respeito mútuo, em especial à Agnes Borges, pela amizade, entusiasmo e solidariedade que somente pessoas do bem podem oferecer.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela concessão da bolsa do Programa de Demanda Social, a qual possibilitou a realização de um grande e ousado sonho, chegar ao mais alto título acadêmico e ser a primeira doutora de todas as gerações da minha família.

“Os refugiados simbolizam, personificam nossos medos. Ontem, eram pessoas poderosas em seus países. Felizes. Como nós somos aqui, hoje. Mas, veja o que aconteceu hoje. Eles perderam suas casas, perderam seus trabalhos. O choque está apenas começando.”

Zygmunt Bauman, Fronteiras do Pensamento, 21 de maio de 2018.

RESUMO

POTENCIALIZAÇÃO DO ACONTECIMENTO E RACIONALIDADE PATÊMICA NOS DISCURSOS SOBRE OS REFUGIADOS SÍRIOS: A HIPÓTESE DO ÁPICE MIDIÁTICO

AUTORA: Adriana Domingues Garcia

ORIENTADORA: Prof^ª. Dra. Rejane de Oliveira Pozobon

Esta pesquisa analisa as estratégias discursivas das construções de realidade nas abordagens midiáticas sobre o acontecimento do refúgio sírio. Especificamente, identificamos estratégias discursivas patêmicas, mapeamos as formações de redes observatórias autofortificadas que se constituem no sistema social, além disso, verificamos as relações dos acontecimentos midiáticos e suas questões de territorialidade e contribuimos para os estudos que trabalham as relações entre mídia e discursos emotivos. A seleção do *corpus* foi realizada dentro do critério de observação da regularidade discursiva, a partir de acontecimentos que marcaram a história recente dos refugiados sírios, que despertaram debate público, identificados nas notícias que envolviam crianças mortas ou feridas. Foram escolhidos quatro episódios comunicacionais (BRAGA, 2013): a) Aylan Kurdi; b) Zaid Abdul; c) Omran Dageenesh; e d) Aya e Ahmed al-Yousef, publicados nos jornais digitais Folha.com, Euronews, Al Jazeera e The New York Times. A metodologia adotada foi a Análise de Discurso Emotivo, de Patrick Charaudeau (2007) e Análise Discursiva Textual (ADT), por meio do Software Iramuteq. Com o auxílio dessas ferramentas identificamos três principais categorias analíticas: “Qualificações”, “Compaixão” e “Experiência”. As análises revelaram que os refugiados são vistos de forma negativa, de um modo geral, sendo que suas adjetivações remetem à inferiorização do indivíduo, não somente nos quesitos da vulnerabilidade e da vitimização, mas também como invasor, fugitivo e ameaça. Além disso, verificamos a recorrência significativa da intenção de sensibilizar os públicos com a construção discursiva da “Crise de Refugiados”. Destacamos a estratégia autorreferencial dos jornais em justificar o uso das imagens das crianças, mostrar os bastidores das notícias e, principalmente, personalizar o acontecimento, criando e sustentando discursivamente a designação de nomes para serem representantes de cada episódio, ícones e símbolos do macroacontecimento. Essa dinâmica a qual denominamos de episodialização é uma das molas propulsoras da lógica da hipótese do ápice midiático, pois, junto com todos os elementos da “racionalização patêmica”, configura-se como um processo comunicacional autofortificado por relações intrassistêmicas, por meio de autorreferencialidade, essencialmente encontrada na categoria “Experiência”, heterorreferencialidade, com recurso de reentrada (remissões) e referência a outros sistemas sociais, principalmente o político, o cultural e o religioso. Consideramos que esse conjunto de ações sociotecnodiscursivas são as estratégias mais eficientes para o alcance das notícias em larga escala e a reverberação mundial da temática do refugiado sírio.

Palavras-chave: Refúgio sírio. Análise de Discurso Emotivo. Território. Acontecimento Midiático. Estratégias de Comunicação.

ABSTRACT

POTENTIALIZATION OF THE EVENT AND PATHEMIC RATIONALITY IN DISCOURSES ABOUT SYRIA REFUGEES: THE HYPOTHESIS OF THE MEDIA APEX

AUTHOR: Adriana Domingues Garcia

ADVISOR: Prof^a. Dra. Rejane de Oliveira Pozobon

This research analyzes the discursive strategies of the constructions of reality in the media approaches about the event of the Syrian refuge. Specifically, we identified pathemic discursive strategies, mapped the self-made formation observatory networks that constitute the social system, in addition, we verified the relations of media events and their issues of territoriality and contributed to the studies that work the relations between media and emotional discourses. The selection of the corpus was carried out within the criteria of observing discursive regularity, based on events that marked the recent history of Syrian refugees, which aroused public debate, identified in the news involving dead or injured children. Four communicational episodes were chosen (BRAGA, 2013): a) Aylan Kurdi; b) Zaid Abdul; c) Omran Dageenesh; and d) Aya and Ahmed al-Yousef, published in the digital newspapers Folha.com, Euronews, Al Jazeera and The New York Times. The adopted methodology was the Emotive Discourse Analysis, by Patrick Charaudeau (2007) and Textual Discursive Analysis (ADT), through the Iramuteq Software. With the help of these tools, we identified three main analytical categories: “Qualifications”, “Compassion” and “Experience”. The analyzes revealed that refugees are viewed in a negative way, in general, and their adjectives refer to the inferiorization of the individual, not only in terms of vulnerability and victimization, but also as an invader, fugitive and threat. In addition, we verified the recurrence meant the intention to raise public awareness with the discursive construction of the “Refugee Crisis”. We highlight the newspapers' self-referential strategy in justifying the use of children's images, showing behind the scenes of the news and, above all, personalizing the event, creating and discursively supporting the designation of names to be representatives of each episode, icons and symbols of the macro event. This dynamics, which we call episodialization, is one of the propelling springs of the logic of the media apex hypothesis, because, together with all the elements of “pathemic rationalization”, it is configured as a communicative process self-fortified by intrasystemic relationships, through self-referentiality, essentially found in the category “Experience”, heteroreferentiality, with the resource of reentry (remissions) and reference to other social systems, mainly the political, cultural and religious. We believe that this set of socio-technological and discursive actions are the most efficient strategies for reaching news on a large scale and the worldwide reverberation of the Syrian refugee theme.

Key words: Syrian refuge. Emotional Discourse Analysis. Territory. Media Event. Communication Strategies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema de análise discursiva de Charaudeau (2007)	72
Figura 2 - Notícia sobre Aylan Kurdi no jornal digital FSP – 02/09/2015.....	87
Figura 3 - Notícia sobre Aylan Kurdi no jornal digital Euronews – 03/09/2015	89
Figura 4 - Notícia sobre Aylan Kurdi no jornal digital The New York Times – 02/09/2015	91
Figura 5 - Notícia sobre Aylan Kurdi no jornal digital Al Jazeera - 04/09/2015	93
Figura 6 - Notícia sobre Zaid Abdul no jornal digital FSP - 08/09/2015	95
Figura 7 - Notícia sobre Zaid Abdul no jornal digital Euronews - 09/09/2015	96
Figura 8 - Notícia sobre Zaid Abdul no jornal digital The New York Times – 08/09/2015	98
Figura 9 - Notícia sobre Zaid Abdul no jornal digital Al Jazeera – 09/09/2015	99
Figura 10 - Notícia sobre Omran Daqneesh no jornal digital FSP – 18/08/2016.....	100
Figura 11 - Notícia sobre Omran Daqneesh no jornal digital Euronews – 18/08/2016.....	101
Figura 12 - Notícia sobre Omran Daqneesh no jornal digital The New York Times – 18/08/2016...	102
Figura 13 - Notícia sobre Omran Daqneesh no jornal digital Al Jazeera - 19/08/2016	103
Figura 14 - Notícia sobre Aya e Ahmed no jornal digital FSP – 05/04/2017	104
Figura 15 - Notícia sobre Aya e Ahmed no jornal digital Euronews - 06/04/2017.....	105
Figura 16 - Notícia sobre Aya e Ahmed no jornal digital The New York Times – 06/04/2017	107
Figura 17 - Notícia sobre Aya e Ahmed no jornal digital Al Jazeera – 12/04/2017	109
Figura 18 - Alerta de imagens agressivas FSP/Aylan	150
Figura 19 - Padrão de comportamento discursivo sobre a violência	151
Figura 20 - Reentrada do episódio Aylan na construção discursiva do episódio Omran	153
Figura 21 - Esquematização para visualizar o fenômeno do ápice midiático.....	148

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Elementos da composição da notícia – Episódio Aylan Kurdi/FSP	86
Tabela 2 - Elementos da composição da notícia – Episódio Aylan Kurdi/Euronews	88
Tabela 3 - Elementos da composição da notícia – Episódio Aylan Kurdi/The New York Times	90
Tabela 4 - Elementos da composição da notícia – Episódio Aylan Kurdi/Al Jazeera	92
Tabela 5 - Elementos da composição da notícia – Episódio Zaid Abdul/FSP	94
Tabela 6 - Elementos da composição da notícia – Episódio Zaid Abdul/Euronews.....	96
Tabela 7 - Elementos da composição da notícia – Episódio Zaid Abdul/The New York Times.....	97
Tabela 8 - Elementos da composição da notícia – Episódio Zaid Abdul/Al Jazeera.....	98
Tabela 9 - Elementos da composição da notícia – Episódio Omran Daqneesh/FSP	99
Tabela 10 - Elementos da composição da notícia – Episódio Omran Daqneesh/Euronews	101
Tabela 11 - Elementos da composição da notícia – Episódio Omran Daqneesh/The New York Times	102
Tabela 12 - Elementos da composição da notícia – Episódio Omran Daqneesh/Al Jazeera	103
Tabela 13 - Elementos da composição da notícia – Episódio Aya e Ahamed al-Yousef/FSP.....	104
Tabela 14 - Elementos da composição da notícia – Episódio Aya e Ahamed al-Yousef /Euronews ..	105
Tabela 15 - Elementos da composição da notícia – Episódio Aya e Ahamed al-Yousef /The New York Times	106
Tabela 16 - Elementos da composição da notícia – Episódio Aya e Ahamad al-Yousef /Al Jazeera..	108

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Foto de destaque da Folha.com - 02/09/2015	79
Imagem 2 - Foto de destaque The New York Times – 08/09/2015.....	80
Imagem 3 - Foto de destaque Al Jazeera – 19/08/2016.....	81
Imagem 4 - Foto de destaque The New York Times – 05/04/2017.....	82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1. O STATUS DE REFUGIADO: CONTENÇÕES FÍSICAS E SIMBÓLICAS DE DESLOCAMENTO HUMANO FORÇADO	23
1.1. A PSEUDOCIDADANIA DO REFUGIADO: A RACIONALIDADE NORMATIVA DAS POLÍTICAS MIGRATÓRIAS E O FALSO UNIVERSALISMO DOS DIREITOS HUMANOS.....	24
1.2. ÉTICA, SOBERANIA E OBJETIFICAÇÃO DO REFUGIADO NO ESPAÇO-TEMPO GLOBAL	30
1.3. PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO E RECONHECIMENTO DO REFUGIADO SÍRIO 32	
1.3.1. Políticas de gestão de sofrimento coletivo: o refugiado sírio como vítima	37
1.4. HISTORIZAÇÃO CULTURAL DO ÊXODO SÍRIO E OS PROCESSOS SOCIOTECNODISCURSIVOS FORMADORES DO ESTIGMA DO REFUGIADO.....	40
1.4.1. Contexto comunicacional das redes de autofortificação.....	41
1.5. ESTIGMATIZAÇÃO DO REFUGIADO: PROCESSOS DE REPRODUÇÃO SOCIAL E QUADROS SOCIAIS.....	47
2. CONSTRUÇÃO SOCIAL DA “CRISE DOS REFUGIADOS”	52
2.1. PROCESSOS SISTÊMICOS AUTO/HETEROFORTIFICADOS DA POTENCIALIZAÇÃO DO ACONTECIMENTO	52
2.2. A NATUREZA DO ACONTECIMENTO	55
2.3. DA GÊNESE AO ÁPICE: A HIPÓTESE DO ÁPICE MIDIÁTICO	60
2.4. ESTRATÉGIAS EMOCIONAIS COMO POTENCIALIZADORAS DA EXPERIÊNCIA.....	63
2.5. PARTICULARIDADES DO DISCURSO MIDIÁTICO EMOTIVO.....	66
3. MODELO DE ANÁLISE DISCURSIVA-EMOTIVA: ESTRATÉGIAS E EFEITOS PATÊMICOS VISADOS.....	68
3.1. CATEGORIAS PATÊMICAS: O DISCURSO EMOTIVO COMO MEDIAÇÃO REPRESENTACIONAL	71
3.2. EMOÇÕES COMO ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS.....	74
4. CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA: SENSIBILIDADES INDICIÁRIAS DA PESQUISA	77
5. SISTEMATIZAÇÃO DE ANÁLISE: GARIMPANDO AS CATEGORIAS PATÊMICAS	85
5.1. VISÃO DO TODO: FORMAÇÃO DE UM CONTEXTO COMUNICACIONAL.....	85
5.1.1. Análise macro: elementos da composição da notícia e pontos de vistas situacionais.....	109
5.2. PONTOS DE VISTAS SITUACIONAIS DAS NOTÍCIAS	110
5.2.1. Ponto de vista situacional do episódio Aylan Kurdi	111
5.2.2. Ponto de vista situacional do episódio Zaid Abdul	114
5.2.3. Ponto de vista situacional do episódio Omran Daqneesh.....	115
5.2.4. Ponto de vista situacional do episódio Aya e Ahmed al-Yousef.....	116
5.3. PONTOS DE VISTAS INTENCIONAIS DAS NOTÍCIAS	118

5.3.1. Recorrência de palavras no episódio Aylan Kurdi.....	118
5.3.2. Recorrência de palavras no episódio Zaid Abdul.....	122
5.3.3. Recorrência de palavras no episódio Omran Daqneesh	126
5.2.4. Recorrência de palavras no episódio Aya e Ahmed	129
5.4. MECANISMOS ESTRATÉGICOS DO MODO DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO	133
5.5. INTERPRETAÇÃO DISCURSIVA DA RACIONALIZAÇÃO PATÊMICA DAS NOTÍCIAS	145
5.5.1. Categoria Qualificações	145
5.5.2. Categoria Compaixão.....	147
5.5.3. Categoria Experiência.....	148
Considerações finais	155
Referências bibliográficas.....	164

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta como tema a construção social de realidades sobre os refugiados sírios, por meio de dinâmicas sociotecnodiscursivas complexas, difusas e improváveis para a ciência da comunicação, das quais acabam por forjar fenômenos inéditos, resultando na potencialização do acontecimento, impulsionada por sucessivos “episódios comunicacionais” (BRAGA, 2013) que atendem a determinadas lógicas do sistema midiático, os quais podem ser vistos como “microacontecimentos” (SANTOS, 2005), dotados de “estratégias discursivas com visadas emocionais” (CHARAUDEAU, 2007) resultando no que demonstramos como “racionalidade patêmica” enquanto agente potencializador do acontecimento.

A delimitação temática encontra-se nas inter-relações sistemáticas entre mídia, direitos humanos e políticas sociais no que tange às questões específicas do *status* do refugiado, haja vista as condições de existência e proteção internacional desta categoria migratória, desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, seguida da Convenção de 1951 e do Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados, em 1967.

O fio condutor desta tese é a hipótese de ápice midiático, desenhado como um processo comunicacional de acionamento social, baseado na visão de Luhmann (2005), que afirma que os observadores de realidades, dentro de seus próprios sistemas, selecionam o que lhes parece mais relevante, segundo suas próprias regras, e multiplicam informações em um processo sistêmico interno autofortificado, objetivando a produção e reprodução de sentido para a redução da complexidade do mundo. Essa formulação tem como base a perspectiva construcionista, em uma abordagem multidisciplinar, não-linear e pós-funcionalista em que a sociedade é vista como uma rede de comunicações intrassistêmicas, impulsionada pelas cada vez mais abundantes tecnologias de difusão.

Nesse contexto, ápice midiático é uma proposição empírica, que repousa em lógicas e dinâmicas observadas e medidas de acordo com a sensibilidade e experiência vivenciadas desde a proposta inicial desse estudo, extraídas nas primeiras aproximações com os materiais de análise. Sendo assim, a hipótese tem a premissa de que o emprego de imagens de crianças nas informações sobre a violência contra refugiados sírios causa maior comoção social, possibilitando, em alguns momentos específicos, a elevação do assunto ao topo da escala midiática.

No campo teórico, temos autores que sustentam afirmações já consagradas sobre as estratégias discursivas, por meio de uma metodologia de análise sobre os índices de efeitos visados de emoção, reconhecendo-os como materialidades discursivas, entre eles: Patrick Charaudeau (2007), com as categorias de efeitos patêmicos e a problemática discursiva das emoções; e Ruth Amossy (2011), com a visão de *ethos* discursivo e a forma como os oradores se afirmam dizendo o que dizem.

As premissas de pesquisa nos levam a pressupor que a categoria vítima é de grande relevância, já que está associada ao campo semântico da emoção e da violência, nas narrativas jornalísticas, denotam sofrimento, dor e padecimento. Além disso, com o referido esquema metodológico, será possível identificar as demais categorias emotivas recorrentes, emergidas dos materiais. Nesse intuito, refletimos sobre os processos de territorialização e reconhecimento do refugiado sírio, entendendo que são instituídas políticas de gestão de sofrimento coletivo que administram e agenciam a dinâmica das migrações forçadas.

Diante desse cenário comunicacional, o sistema midiático desenvolve estratégias que podem dar conta dos critérios de função social da produção jornalística, favorecer o ascendimento e o apagamento das opiniões públicas, a estigmatização sobre o tema dos refugiados sírios, além de suprir as necessidades mercadológicas empresariais dos veículos. Essa operação pode se dar através da escolha de estratégias discursivas específicas, como o uso de imagens de crianças mortas ou feridas, o que coloca em questionamento o *ethos* jornalístico. Com essas práticas comunicacionais, o assunto entra em circulação e aciona o *pathos*, ou seja, desperta sensibilidades, sensações e alcança a audiência estritamente pelo emocional.

Como consequência desse processo comunicacional complexo, outros desdobramentos podem ocorrer na estrutura social, como manifestações e definições no sistema político. Isso decorre por um lado das pressões das instituições imigrantes, humanitárias, culturais e religiosas, com o propósito de integrar o refugiado na sociedade acolhedora; por outro lado, do Estado, nos aspectos econômicos e de segurança nacional, com o objetivo de regulamentar e dar respostas positivas ou negativas aos problemas das minorias étnicas que buscam garantias universais de direitos humanos.

Partindo dessa premissa, o problema de pesquisa que se coloca é: **Como a construção de realidades sobre os refugiados sírios intensifica a circulação de discursos emocionais que permitem que esta pauta se autocomplexifique, permaneça na agenda midiática e, conseqüentemente, se potencialize como acontecimento**

mediático? Para o entendimento dessa questão central, esta pesquisa tem o objetivo geral de **analisar as estratégias discursivas acionadas pelos atores midiáticos e políticos, na construção de ações de visibilidade, envolvimento e engajamento social, nas abordagens midiáticas sobre o acontecimento do refúgio sírio.** Os objetivos específicos são: **Identificar estratégias discursivas patêmicas nas abordagens midiáticas sobre os refugiados sírios; Mapear as formações que se constituem no sistema social, buscando relações com acontecimentos midiáticos e suas questões de territorialidade; Assinalar as redes observatórias participantes das operações sistêmicas formadoras da potencialização do acontecimento sobre o refugiado sírio; Propor o conceito de ápice midiático no contexto dos desdobramentos episódicos de um macroacontecimento (SANTOS, 2005); Contribuir com os estudos que trabalham as relações entre mídia e discursos emotivos.**

A escolha do tema, primeiramente, se deu pela observação empírica de um fenômeno comunicacional envolvendo os deslocamentos humanos forçados da última década, o qual aproxima as realidades dos mais distantes pontos geográficos do globo terrestre, estritamente pela visibilidade proporcionada pelas tecnologias de difusão, práticas e processos sociais em que a formação de redes de informação e comunicação são constitutivas das dinâmicas de territorialização dos refugiados sírios. Esse movimento é caracterizado por episódios comunicacionais em que o público aciona uma corrente midiática, viralizando e transpondo os desdobramentos em curso, passando de um estado de estabilidade para um estado de euforia social, chegando ao ápice, gerando acontecimentos midiáticos extremos, causando mudanças estruturais em determinados setores sociais e políticos.

Essa é uma constatação inicial e hipotética da pesquisa, a qual possui muitos aspectos a serem trabalhados, e, justamente por isso, exige um aprofundamento dos movimentos desenvolvidos pelos atores midiáticos e políticos nas suas estratégias de visibilidade, envolvimento e engajamento social. Da mesma forma, também precisa ser observada a complexidade do funcionamento comunicacional da sociedade, pois é perceptível que o acontecimento em si nem sempre justifica o ápice, constituindo-se de repetições de microacontecimentos (SANTOS, 2005) que, por vezes, acabam extrapolando as suas significâncias por meio de estratégias comunicacionais.

Entendendo que o objeto de estudo é formado por processos de interdisciplinaridade, a busca pela ampliação de sensibilidades e experiências foi possibilitada pela participação, a partir de outubro de 2016, no Migraidh – Grupo de

Pesquisa, Ensino e Extensão Direitos Humanos e Mobilidade Humana Internacional, do Programa de Pós-graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Maria (PPGD/UFSM), que atua de forma multidisciplinar, objetivando a promoção dos direitos humanos de imigrantes e refugiados, por meio de pesquisa e extensão acadêmica, para a inserção social da população migrante. Além disso, o Migraidh é responsável pela Cátedra Sérgio Vieira de Mello da UFSM, que representa uma parceria da Universidade com a Agência da Organização das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) para a promoção e difusão do Direito Internacional dos Refugiados.

Durante o ano de 2017, integramos o setor de extensão do Migraidh, prestando assessoria e acolhimento a refugiados e imigrantes em situação de vulnerabilidade, em Santa Maria. A função prática desempenhada foi o gerenciamento da Página do Facebook¹, interagindo com o público, produzindo conteúdo e respondendo dúvidas sobre Programa de Acesso à Educação Técnica e Superior para Refugiados e Imigrantes em situação de vulnerabilidade, regulamentado pela Resolução Nº 041/2016, em vigor desde 9 de fevereiro de 2017². A atuação possibilitou uma vivência privilegiada de imersão ao objeto de estudo, visando o conhecimento e debate dos atravessamentos políticos, jurídicos, psicológicos e culturais, como forma de entendimento da complexidade que envolve a mobilidade humana internacional. A experiência permitiu a ampliação do horizonte de compreensão dos diferentes tipos de fluxos migratórios, assim como a valorização das culturas, da tolerância e da integração ao que nos é diferente, em contraposição aos discursos políticos e midiáticos excludentes.

Nesse sentido, a relevância de se estudar as construções de realidades sobre os refugiados sírios por meio de processos sociais e midiáticos, os quais atuam na criação de violência política e estigmatização, se justifica como um desafio que contribui para o debate acadêmico multidisciplinar, embasado em uma investigação de um prolongado e trágico “acontecimento social” (Queré, 2005), em processo, o qual entrará para os registros da História, que está sendo escrita também pelos meios de comunicação. Na última década, o povo mais penalizado pelo deslocamento de guerra é o sírio. Por isso, muitas vezes, o chamado “êxodo do século XXI” é comparado com os deslocamentos

¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/MigraidhCSVMUFSM>.

² Em 9 de fevereiro de 2017, a UFSM disponibilizou o Programa Permanente para Ingresso de Refugiados e Imigrantes em Situação de Vulnerabilidade (Edital 005/2017), em que 5% das vagas dos cursos Técnicos, Tecnológicos e de Graduação podem ser reservadas a esse público. Disponível em: <http://site.ufsm.br/arquivos/uploaded/editais/ad1ceb4e-d83a-43d8-9222-cb0ce7ced3dd.pdf>. Atualmente, o Programa de Ingresso está suspenso.

forçados durante a Segunda Guerra Mundial, quando os judeus deixaram tudo para trás fugindo da matança provocada pelos nazistas.

O ponto inicial deste estudo parte da referência do conceito de refugiado no sistema jurídico, para se ter uma noção das intercorrências em todo o sistema social. Por isso, o primeiro capítulo da tese apresenta a descrição do objeto de pesquisa, partindo do preceito jurídico da instituição do Estatuto do Refugiado, de 1951, lançando o primeiro questionamento das relações entre refúgio e cidadania, defendendo a ideia da existência de uma insuficiente política migratória, repleta de falsas garantias a todos os tipos de migrantes, em especial ao refugiado, aqui conceituada como “pseudocidadania” fortemente atrelada a questões no campo da ética e da soberania, bem como a objetificação do refugiado no tempo-espaço-global. A discussão é ancorada nos autores (SEYFERTH, 1997, 2008), (FELIX, 2018), (MEZADRA, 2015), (REDIN, 2013), (MEDEIROS, ET AL, 2014) e (REGIS, 2006).

Entendemos que nas relações de poder, marcadas pelas disputas de territórios e conflitos geo-historicamente situados (HAESBAERT, 2014), são instaurados fatores geradores de violência política e sofrimento social. Para refletirmos como é gerenciada a dor coletiva, é preciso visualizá-la dentro de um processo de construção social, em que vários fatores institucionais e estruturais da sociedade agem e reproduzem a imagem da vítima e do algoz. Para essa discussão, identificamos categorias relevantes utilizadas pelos meios de comunicação midiática em relação aos refugiados sírios e constatamos qual o lugar da categoria vítima, partindo da premissa de que o sofrimento deve ser contextualizado culturalmente, como uma realidade socialmente construída, conforme Das (2008) sugere ao propor uma “antropologia da dor” (2008), problematizando as mortes e violência como uma forma de ruptura cultural, a qual gera diversas marcas e sofrimentos históricos a um grupo social e, conseqüentemente, ressignificam diferentes questões culturais.

Entendemos esses processos como formações de redes que se relacionam com os seus territórios (SILVEIRA, 2016), onde ocorrem tipos de violência institucional e estrutural (MIGUEL, 2015), que reproduzem socialmente a estigmatização do refugiado (GOFFMAN, 1975) por meio de reprodução social e quadros sociais (BOURDIEU, 2012). Como cenário, descrevemos a contextualização histórico-cultural do êxodo sírio (MASSOULIÉ, 1993); (TEIXEIRA ET AL, 2011) e identificamos os recursos sociotecnodiscursivos, vistos como formadores de redes comunicativas (WEBER, 2007)

que impulsionam a potencialização do acontecimento sobre o refugiado sírio e que também contribuem para que esta tematização não saia da agenda midiática.

Na sequência, abordamos a construção social da Crise dos Refugiados, apresentando as discussões de Verón (1987), Queré (2005) e Santos (2005), atreladas à visão sistêmica proposta por Luhmann (2005), dentro de um modelo explicativo de sociedade complexa, com acionamentos comunicacionais díspares, dispersos e difusos no espaço-tempo-global. A partir disso, criamos o arcabouço teórico para defendermos a hipótese de ápice midiático, descrevendo traços emocionais indiciais e apresentando algumas premissas da pesquisa. Além de refletimos sobre a natureza do acontecimento e particularidades do discurso midiático (CHARAUDEAU, 2006; RODRIGUES, 2002), para, então, identificarmos a situação de comunicação e os processos discursivos nessa construção social.

A matriz metodológica é apresentada na sequência a partir de uma perspectiva de construção emocional, já que partimos da premissa de que efeitos emotivos visados são estratégias de impulsionamentos, em escala global, do tema dos refugiados, principalmente com o uso de imagens de crianças mortas ou feridas. Para isso, adotamos o modelo de organização discursiva da situação de comunicação, com as categorias patêmicas de Charaudeau (2007): regulação/contato/relação; identificação/imagem/ethos; dramatização/emoção/pathos; e racionalização/narrativa/argumentativa/logos; assim como, articulamos à problematização do papel das emoções na argumentação, proposta por Amossy (2018a).

As análises revelaram que os refugiados são vistos de forma negativa, de um modo geral, sendo que suas adjetivações remetem à inferiorização do indivíduo, não somente nos quesitos da vulnerabilidade e da vitimização, mas também como invasor, fugitivo e ameaça. Sobre as formas discursivas que despertam empatia e políticas de compaixão, a intenção de sensibilizar os públicos foi bastante recorrente, principalmente pelos termos serem destacados já nos títulos das notícias: “comoção social, guerra, drama, tragédia e crise”. Outro ponto recorrente foi a necessidade de justificar o uso de imagem de crianças mortas ou feridas nas notícias, com abordagens metajornalísticas, explicitando os bastidores da notícia e desvelando a “realidade da construção” para inspirar maior confiança nos públicos, conforme defende Luhmann (2005). A personalização do acontecimento é outra estratégia significativa, pois dela resulta a dinâmica que chamamos de “episodialização”, que embrionariamente entendemos como o ato de desdobrar e

sustentar discursivamente um microacontecimento previsto, com força de megaacontecimento imprevisto (BERGER E TAVARES, 2010).

Por fim, trazemos as considerações finais sobre as descobertas de pesquisa, inquietudes, desafios e resultados mais importantes. Além disso, demonstramos o esquema para visualização do fenômeno do ápice midiático. Assim como, sinalizamos perspectivas e encaminhamentos crítico-reflexivos sobre a empatia e a compaixão, emoções caras aos refugiados e a todos os grupos minoritários e vulneráveis “pertencentes” a qualquer sistema social ao redor do mundo.

1. O STATUS DE REFUGIADO: CONTENÇÕES FÍSICAS E SIMBÓLICAS DE DESLOCAMENTO HUMANO FORÇADO

Nunca compreenderemos o que é ser refugiado, se não formos um deles. Ser um refugiado não é um privilégio, mas uma necessidade para a sobrevivência. No entanto, as relações de poder advindas do Estado, da sociedade e das instituições de controle, as quais tensionam o direito “garantido” de refugiar-se, reconfiguram a realidade política, econômica, cultural e social, tornando-se objeto de exaltação da mídia para, muitas vezes, forjar a opinião pública, ocasionando um discurso de insegurança e risco (HAESBAERT, 2014). Partimos do ponto de vista de que há uma falsa concepção de “cidadão do mundo”, tendo em vista as políticas migratórias das grandes potências mundiais, as quais estão, cada vez mais, adquirindo caráter de contenção de fluxos de pessoas.

A relação entre ética e soberania é entendida nesta pesquisa como conceito-chave para o processo de objetificação do refugiado, considerando que o princípio de soberania não está abalado pelas intervenções humanitárias, embora haja uma superexposição midiática sobre a perpetração de crimes contra a humanidade. Os autores abordados para essa base conceitual são Fernanda de Medeiros, Marina Pontes, Sofia Fernandes e Yasmin Góes (2014), com a reflexão específica sobre a Primavera Árabe, apresentando uma análise crítica sobre as destabilizações do país acolhedor e as responsabilidades do Estado; e André Regis (2006) com a reflexão sobre as Intervenções Humanitárias e a responsabilidade de proteção do refugiado.

A seguir, trazemos o conceito de (multi)territorialidades e suas dimensões simbólicas desenvolvido por Haesbaert (2014), atrelada à visão de rede e suas relações com o território de Silveira (2016), visualizados como processos locais e globais de dominação pela produção e fluxos materiais e imateriais, em termos jurídicos-políticos, econômicos, filosóficos e culturais. Articulamos esta ideia à reflexão sobre a violência política contra os refugiados, em um viés multidimensional, dialogando com os autores como Luis Felipe Miguel (2015) sobre violência estrutural e aberta das instituições, Myriam Jimeno (2010), com a natureza emocional da categoria de vítima e Cynthia Sarti (2011) sobre a construção da pessoa como vítima e as formas de reconhecimento social ao sofrimento.

Na sequência, é apresentada uma historização cultural, desde a Primavera dos Povos Árabes, quando iniciaram as revoltas populares contra alguns regimes ditatoriais

do Oriente Médio, resultando em vários conflitos internos e internacionais, de aliança e oposição com potências mundiais, com base nos autores Massoulié (1993) e Zahredine, Lasmar e Teixeira (2011). Para dar ênfase ao contexto midiático-comunicacional, em diálogo com Maria Helena Weber (2007), é realizada a identificação de “redes de comunicação” que se formam e constituem o motor gerador da tematização da causa do refúgio no espaço público, nesta pesquisa, considerada como uma estratégia sociotecnodiscursiva determinante nos processos comunicacionais para a manutenção e atualização do acontecimento da crise dos refugiados sírios.

1.1. A PSEUDOCIDADANIA DO REFUGIADO: A RACIONALIDADE NORMATIVA DAS POLÍTICAS MIGRATÓRIAS E O FALSO UNIVERSALISMO DOS DIREITOS HUMANOS

O deslocamento de pessoas em busca de asilo, refúgio e melhorias de vida é uma das práticas mais antigas da civilização. A imigração faz parte da história de qualquer sociedade e de qualquer Estado, muito embora hoje, no Ocidente, tente-se legitimar o mito de que as pessoas devem ficar confinadas em um Estado, com seu mecanismo de controle governamental regendo delimitado território, impondo suas políticas e constituindo o Estado-nação moderno. O que este modelo apresenta de novo, em relação ao Estado tradicional, é o nacionalismo, a identidade unificante e mobilizadora, além do desejo de exercício da cidadania, partilhando de direitos e deveres assegurados, o poder de interferência e influência nas decisões políticas.

Na história do Brasil, a imigração aparece de variadas formas. Depois da abertura dos portos, em 1808, a preferência pela colonização estava atrelada à premissa de eficientes agricultores, sempre ligada aos aspectos econômicos e de trabalho livre, estabelecendo o europeu como o colono ideal. O imigrante teve reconhecimento político somente em meados de 1840, com a consolidação do Estado brasileiro, como apresenta Seyferth (2008). A autora expõe que em 1869, a partir das ideias de Galton, surgiu o discurso eugenista como ciência e prática de controle de populações, miscigenações e caldeamentos, estabelecendo padrões de seleção rigorosos sobre os interesses da raça, da moral e da segurança política e social do país.

Nos textos diplomáticos datados em 1846 eram desejados os imigrantes sóbrios, resignados, trabalhadores que respeitavam as autoridades, porém, evitados os vagabundos e imorígeros. Já em textos históricos depois de 1930 eram evitados, entre outros, ciganos,

prostitutas e nômades. Entre 1937 e 1945, em uma campanha de nacionalização, em que seria realizado o processo assimilador característico da formação social brasileira, os “alienígenas”³ não faziam parte dos planos políticos.

Depois da primeira guerra mundial surgiram novas subcategorias de imigrantes: minorias, apátridas e refugiados, porém, eles também não tinham o perfil desejado para um Estado-nação. Seyferth (2008) destaca que, em 1920, o termo refugiado já era usado para designar uma pessoa que, por força maior, deixou seu lar, dependendo da hospitalidade dos outros, uma espécie de imigrante involuntário. Entretanto, progressivamente, através dos anos, a categoria imigrante se constitui de perturbações ao modelo Estado-nação. A autora afirma que isso se dá devido ao paradoxo de que os países precisam de importação de mão-de-obra, principalmente os mais desenvolvidos e com baixas taxas de natalidade. “Significativamente, a imigração qualificada não tem problemas. São os pobres que incomodam e é a eles que a categoria imigrante se aplica” (SEYFERTH, 2008, p.17).

Nesse contexto histórico, é importante, para efeitos desse estudo, tratar da diferenciação entre imigrante econômico e refugiado, pois, o primeiro designa a pessoa que decide deslocar-se para melhorar as perspectivas de vida para si mesma e para sua família. Já o refugiado necessita deslocar-se para salvar sua vida ou preservar sua liberdade. Sendo assim, ele não conta com a proteção de seu próprio Estado e muitas vezes é o próprio governo que o persegue.

Com base nessas definições, o panorama político-jurídico do *status* de refúgio é que depois dos deslocamentos em massa decorrentes da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que podem ter chegado a 70 milhões⁴ de pessoas desenraizadas de suas origens, em busca de sobrevivência em outro lugar do mundo, a Convenção de Genebra de 1951⁵, passa a designar “refugiado” como: aquelas pessoas que temendo serem perseguidas por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontram

³Seyferth (1997) apresenta registros históricos evidenciando que o termo “alienígenas” fazia parte dos discursos políticos do Estado Novo e englobava imigrantes e descendentes de imigrantes classificados como “não-assimilados”, portadores de culturas incompatíveis com os princípios de brasilidade.

⁴O número de refugiados durante a Segunda Guerra Mundial é bastante controverso. Segundo levantamento de Paiva, Ole Just faz menção à cifra de 14 milhões de refugiados e Estanislau Fischlowitz aponta para a existência entre 60 e 70 milhões de refugiados tanto na Europa quanto na Ásia.

⁵Convenção adotada em 28 de julho de 1951 pela Conferência das Nações Unidas de Plenipotenciários sobre o Estatuto dos Refugiados e Apátridas, convocada pela Resolução n. 429 (V) da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 14 de dezembro de 1950. Entrou em vigor em 22 de abril de 1954, de acordo com o artigo 43. Série Tratados da ONU, N° 2545, Vol. 189, p. 137.

fora do país de sua nacionalidade e que não podem ou, em virtude desse temor, não contam com a proteção desse país.

Nos dias atuais, se intensificam as denominadas “Crise Migratória”, “Crise de Refugiados” ou “Crise Humanitária” provocadas por guerras civis na África e diversos pontos do Oriente Médio, o que fez com que os números registrados fossem ultrapassados. Segundo a Agência da Organização das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), a partir do ano de 2012, o aumento de perseguições, conflitos e violações dos direitos humanos na Síria, Iêmen, Iraque, Burundi, República Centro-Africana, República Democrática do Congo, Sudão do Sul e Sudão causaram um aumento acentuado do deslocamento forçado, atingindo em 2016 o mais alto nível de deslocamentos forçados registrado na história.

O relatório anual Tendências Globais (*Global Trends*)⁶, revelou que, até final de 2018, 70,8 milhões de pessoas saíram de seus locais de origem devido a perseguições, conflitos e violência generalizada, sendo que 50% eram crianças e jovens menores de 18 anos. Desse total, 25,9 milhões são reconhecidos como refugiados, sendo que 20,4 milhões estavam sob o mandato do ACNUR, 5,5 milhões de refugiados palestinos sob o mandato da Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina (UNRWA), 41,3 milhões eram deslocados internos e 3,5 milhões eram solicitantes de refúgio.

As pessoas deslocadas eram principalmente de cinco países: República Árabe Síria (6,7 milhões); Afeganistão (2,7 milhões); Sudão do Sul (2,3 milhões); Myanmar (1,1 milhões); e Somália (0,9 milhões). Os países que mais recebem refugiados são Turquia (3,7 milhões), Paquistão (1,4 milhões), Uganda (1,2 milhões), Sudão (1,1 milhões) e Alemanha (1,1 milhões). O levantamento realizado com base em dados dos governos e de instituições parceiras do ACNUR divulgou que a cada minuto, 25 pessoas foram deslocadas a força em decorrência de conflitos ou perseguições. O movimento inverso também foi relatado, apontando o retorno ao lar de 2,9 milhões de deslocados internos e de 600 mil pessoas com *status* de refugiado.

Trazendo esse contexto para o Brasil, até o presente momento, o país integra os tratados internacionais. Os dados do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare)⁷, órgão interministerial presidido pelo Ministério da Justiça que atua na formulação de

⁶ Disponível em: <https://www.unhcr.org/5d08d7ee7.pdf>

⁷ Disponível em: http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numeros_1104.pdf. Não há atualizações neste relatório até 12/07/2019.

políticas para refugiados no país, apontam que durante todo o ano de 2017, das 33.866 solicitações de refúgio recebidos (17.865 eram de venezuelanos), o Brasil reconheceu um total de 587 refugiados de 10 nacionalidades⁸. O ranking de países com maior número de refugiados reconhecidos no Brasil nos últimos 10 anos é: Síria (2.771), República Democrática do Congo (953), Colômbia (316), Palestina (295). De acordo com esse relatório, até 2017 “apenas 18 nacionais da Venezuela foram reconhecidos como refugiados no Brasil. 4 em 2015 e 14 em 2016” (CONARE, 2018).

De acordo com o relatório do Conare (2017), os desafios atuais, com o vigor da Nova Lei de Migração, é o fortalecimento do sistema de refúgio no Brasil, sendo “necessário atualizar os normativos infralegais e ampliar a estrutura administrativa. Para isso, estão sendo feitos investimentos em pessoal e em capacitação”. (CONARE, 2017, p.4). Ainda na visão do órgão interministerial, é necessária uma articulação com outras instituições da Administração Pública para o trato de fluxos migratórios mistos, a qual se reflete no diálogo entre o Conare e o Conselho Nacional de Imigração (CNIg). Além disso, a participação das organizações da sociedade civil deve ser a base das políticas migratórias, para o fortalecimento do sistema de refúgio no país.

Após introduzir o panorama atual do refúgio no mundo e no Brasil, por meio de dados dos órgãos oficiais, abordamos a instituição do refúgio perante o Direito Internacional a partir da seguinte questão: Refugiado é cidadão do mundo? Esta provocação guiará a construção dessa proposição, para entendermos como se constitui o regime internacional de proteção e todos os instrumentos normativos que reconhecem o direito de refúgio da pessoa humana.

Buscamos no conceito de refugiado a base para esse debate, já que este é um tipo específico de migrante que é diferente em relação ao migrante voluntário ou econômico, asilado, asilado político e apátrida, nos termos da Convenção da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre o Estatuto dos Refugiados (1951)⁹, que diz que refugiado é qualquer pessoa que:

temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua

⁸ Síria (310), Líbano (7), Palestina (50), Egito (16), Guiné (5), Mali (7), Camarões (6), República Democrática do Congo (106), Paquistão (24).

⁹ Entrou em vigor em 1954, de acordo com o artigo 43 da série tratados da ONU, n2545, v. 189. p, 137 (FELIX, 2015).

residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele (ACNUR, 1951, p.1)

Essa definição é originada em um momento histórico marcado por grandes guerras, limitadas geograficamente à Europa, mas que foi estendida a todo o planeta em 1967, pelo Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados. Segundo Felix (2015), esse regime de proteção aos refugiados foi fortalecido e ampliado regionalmente, à África e América Latina, consolidado pelos Estados e suas legislações, exigindo reflexões e adaptações constantes aos novos cenários. “Atualmente estendem-se pelo mundo crises de grandes proporções, umas mais veladas, outras notórias em razão da eficácia dos meios de comunicação e do avanço da preocupação da sociedade com a dignidade dos seres humanos” (FELIX, 2015, p. 282).

O autor faz um estudo sobre a situação do refugiado sírio no Brasil, por meio de instrumentos legais, de solicitações de refúgio, de acolhida e permanência nesse caso específico de proteção internacional. Suas considerações são de que assim como os Direitos Humanos, o Direito Internacional dos Refugiados não está completo e acabado, pois somente a existência da resolução não garante eficácia. Para ele, o estudo de caso com os refugiados sírios mostrou que para uma norma posta possa ter resultado positivo, há a necessidade de implementação, acompanhamento e controle social. Ela indica a Resolução 17 do Conare que dispõe sobre a concessão de visto apropriado, em conformidade com a Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, e do Decreto 86.715, de 10 de dezembro de 1981, a indivíduos forçosamente deslocados por conta do conflito armado na República Árabe Síria.

No entanto, ele alerta que não basta abrir os portos e aeroportos brasileiros, não basta pisar em solo brasileiro e ter a solicitação de refúgio atendida. “Não basta obter documentação caso não sejam concedidas as devidas condições à inserção de todo e qualquer refugiado no Brasil, superando sua condição de vulnerabilidade, proporcionando serviços, acesso a direitos e a políticas públicas” (FELIX, 2015, p. 298). Nesse entendimento do autor, as necessidades de um refugiado estão além da hospitalidade, do direito e do dever, pois reside na solidariedade, no compromisso entre seres humanos.

A discussão sobre a categoria do refugiado dentro da teoria política é trazida por Mezzadra (2015). Ele aborda as nomenclaturas de imigrante e refugiado, defendendo a necessidade do uso apropriado dos termos, critica o uso de palavras como de migrante “ilegal” ou “clandestino”, pois isso traz consequências acerca das mudanças dos

processos de inclusão e exclusão desses sujeitos. Assim, o autor expõe a crise léxica dos conceitos, dizendo que é preciso superar ideias constituídas dentro de uma lógica neoliberal e mercadológica, pois estamos falando de seres humanos que fogem de guerras para manterem-se vivos.

Nessa perspectiva, Mezzadra (2015) apresenta duas categorias que desempenham um papel mais humanístico: “Migração Forçada” e “Direito de Fuga”. Na primeira, inclui-se o refugiado com todos os problemas que dão esse direito a ele. Na segunda, caracteriza que a migração pode ser também voluntária e que o ser humano tem a liberdade de ir e vir no mundo, para buscar melhorias para sua vida.

A cidadania do refugiado é uma questão tratada do ponto de vista da impossibilidade de participação no espaço público, da restrição de direitos fundamentais, das negociações políticas e jurídicas que resultam em bloqueios e até devoluções humanas. Essa violência silenciosa em que o sujeito não tem voz nem ação é denunciada por Redin (2013) ao defender que é preciso que as políticas públicas migratórias sejam plenas desde o ingresso no país, passando pelo acompanhamento até a permanência. Segundo a autora, o plano político-jurídico do Estado-nação estigmatiza o imigrante como o “de fora”, o “estranho”, tornando-o objeto do Estado, incluindo-o para excluí-lo, por meio de um discurso biopolítico vinculado ao legítimo interesse do Estado.

Redin (2013) discorre acerca da insuficiência das categorias jurídicas de enquadramento do imigrante internacional utilizadas no plano normativo nacional e internacional para definição da ação de imigrar. É exatamente essa falta de cidadania do refugiado que caracteriza a violação dos direitos humanos, que dá a ele a condição de vulnerabilidade, sufocando a sua subjetividade. Nesse sentido, para que se legitime o direito de migrar, é preciso que haja uma reorganização do espaço público e a superação da estrutura do Estado-nação para o Espaço-Tempo-Global.

Com base nessas ideias, consideramos que esteja vigente uma forma de pseudocidadania, em que impera a falta de equidade e efetividade. Apesar dos direitos humanos reconhecidos em planos nacionais de governos e avanços conquistados com políticas públicas para migrantes e refugiados, as experiências práticas demonstram fragilidades. Essa realidade causa prejuízo ainda mais grave aos refugiados, que ficam excluídos da sociedade e dos demais direitos e deveres garantidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), impedindo que eles possam vivenciar uma cidadania plena.

1.2. ÉTICA, SOBERANIA E OBJETIFICAÇÃO DO REFUGIADO NO ESPAÇO-TEMPO GLOBAL

O deslocamento humano para a sobrevivência sempre existiu. No entanto, a responsabilidade sobre aqueles que necessitam de abrigo envolve diferentes atores no decorrer do desenvolvimento da civilização, passado primeiramente pelas instituições religiosas, depois a partir do final do século XIX para os Estados, conforme relata Medeiros et al. (2014). Os autores destacam as mudanças profundas ocorridas durante o século XX que agravaram e complexificaram o processo de refúgio, sobretudo o novo cenário político, fruto da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), depois o desdobramento da Guerra Fria, aliado ao processo de descolonização africana, à eclosão de conflitos no Oriente Médio e à aproximação entre os países decorrente do desenvolvimento dos transportes e das tecnologias de comunicação.

Franke (2009) apud Medeiros et al. (2014) trata o processo de objetificação do refugiado como aquele que o indivíduo perde suas características como ser humano e é visto apenas como um excedente humanitário que desloca recursos do país receptor. Os autores propõem duas visões principais sobre como lidar com a situação dos refugiados: do ponto de vista da ética social e individual e do ponto de vista da soberania do Estado. Ou seja, o refugiado visto como um problema humanitário e/ou político-econômico para o país/indivíduo receptor. Essa abordagem é fundada no espectro das relações internacionais e os autores buscam o diálogo com Shuck (1997), para ressaltar que o compartilhamento de responsabilidades ou a participação no *burden-sharing* (divisão do fardo) de refugiados só pode acontecer por consentimento expresso do Estado, pois, “todos só devem participar do processo se consentirem, mas cabe aos Estados participantes (da sociedade internacional) garantirem que outros também participem através de negociações diplomáticas e barganhas políticas” (SHUCK, 1997, apud Medeiros et al. 2014). Assim, pode acontecer uma divisão justa das responsabilidades e diminuir as chances de qualquer país se tornar a primeira opção de destino, o que acabaria causando prejuízo pelo fluxo desestabilizador de refugiados.

Enquanto a ética diz respeito ao dever de acolhimento humanitário, a soberania diz respeito ao direito de proteger os cidadãos pertencentes a determinado território. Medeiros et al. (2014) ponderam que embora se tenha a noção humanitária, há implicações sociais, políticas e financeiras no acolhimento aos refugiados. Desse modo, é recorrente e delicado o conflito de interesses entre a necessidade de proteção dos

indivíduos refugiados e a preocupação dos Estados soberanos com a segurança de seus nacionais.

Regis (2006) faz uma revisão do conceito de soberania, defendendo que ele é incompatível com a responsabilidade de proteção do Direito Internacional Humanitário, pois as intervenções humanitárias dificilmente ocorrerão em Estados soberanos, apenas nos falidos. A partir de 1990, com a globalização, o Estado soberano continuou sendo o principal ator da política internacional, porém, o conceito de soberania passou a sofrer pressões de todos os sistemas sociais devido à revolução da informação e, conseqüente, a ampliação do alcance da mídia, fazendo com que, a partir da divulgação midiática dos acontecimentos, ocorressem intervenções políticas nos assuntos internos dos países. “Estabeleceu-se a ideia de que, quando em situações de crises extremas, a Comunidade Internacional adquire o direito de intervir, para ajudar populações desprotegidas pelos Estados” (REGIS, 2006, p.10).

Sendo assim, os defensores das Intervenções Humanitárias, em concordância com a Carta das Nações Unidas, passaram a justificar que qualquer regime que provoque fome ou genocídio, é uma ameaça à paz mundial e assunto de todos. No entanto, Kofi Annan (2000 apud RÉGIS, 2006) adverte que os meios usados pela Comunidade Internacional em situações de crise humanitária têm variado significativamente e, dessa forma, variam também as justificativas para as intervenções ou para as omissões. “Em alguns casos houve vontade de agir, enquanto noutros, não houve” (p.11).

Esse debate especula a ideia de que a globalização trouxe mais interdependência econômica internacional do que política, fazendo com que os Estados estejam perdendo autonomia e não soberania.

Não obstante, se provado que o impacto do conhecimento sobre a perpetração de crimes contra a humanidade esteja provocando uma revolução na ideia de soberania, sendo este conhecimento resultado da globalização, aí sim podemos falar que a globalização redefine a prática do princípio de soberania (REGIS, 2006, p.12)

O choque de conceitos fica evidente quando o autor conclui que o princípio de soberania não tem sido abalado pelas Intervenções Humanitárias, pois em sua análise, as intervenções ocorrem em Estados falidos, em pleno colapso, ou seja, sem soberania. Isso significa que eles estavam sem suas estruturas governamentais ativas e perderam a capacidade de controlar politicamente e economicamente seu território.

Nesse contexto exposto pelo autor, é emblemático o caso da Síria, onde as instituições não conseguem garantir segurança, lei e ordem, infraestrutura econômica, serviços de saúde e educação. As consequências desse colapso extremamente evidenciado midiaticamente são as debandadas humanas pelo mundo todo.

1.3. PROCESSOS DE TERRITORIALIZAÇÃO E RECONHECIMENTO DO REFUGIADO SÍRIO

Refugiar-se em um novo local está relacionado a uma constelação complexa de conceitos sobre a relação espaço-temporal e sua realização social. Rogério Haesbaert (2014) apresenta a problemática da multiplicidade contemporânea de tempos-espacos, mobilidades e fixações, aberturas e fechamentos territoriais, que reforçam práticas ligadas a uma percepção de crescente incerteza e insegurança, uma espécie de vida no limite ou nas fronteiras. Isso refere-se ao que Prigogine (1996 apud HAESBAERT, 2014) destaca sobre o papel primordial das flutuações e instabilidades, em todos os níveis de observação científica, os quais estão associados às noções de escolhas múltiplas e horizontes de previsibilidade limitada, em que as leis fundamentais exprimem agora possibilidade e não mais certezas.

A contribuição significativa de Haesbaert (2014) sobre a questão territorial e do refúgio diz respeito à ideia das múltiplas formas de des-controle, e, assim, por uma intensificação daquilo que o autor denomina de multi ou mesmo transterritorialidade - a multiplicidade territorial em que estamos envolvidos e que, muitas vezes, promove a intensificação do trânsito entre esses diversos territórios, em busca de maior segurança, funcional e simbólica.

Nesse sentido, a concepção de território que Haesbaert (2014) traz é de uma dimensão espacial que se revela em processos de dominação mais concretos, ou seja, “território de dominância funcional”, tanto pela produção material quanto em termos jurídico-políticos. É também um espaço apropriado em termos imateriais na produção de identidade, subjetividade e simbolismos, ou seja, “território de dominância simbólica”. “Enquanto espaço-tempo vivido, o território é sempre múltiplo” (HAESBAERT, 2014, p. 57).

Segundo o autor, a dominância funcional é indissociável da simbólica, haja vista que muitos grupos se redescobrem e reconstroem suas identidades a partir da delimitação e legitimação territorial. “[...] é evidente que o acionamento de uma identidade, muitas

vezes sufocada ou praticamente esquecida, é a garantia de um ‘empoderamento’ (no sentido [...] de fortalecimento de relações de poder)” (HAESBAERT, 2014, p.63).

O território também assume um viés multidimensional, seja político, jurídico, econômico, filosófico e culturalista, e os movimentos dos agentes e grupos entrando e saindo de territórios manifestam os processos de (des) territorializações e (re) territorializações. O autor entende esses processos considerando a historicidade de cada território e os objetivos de cada territorialização¹⁰, ou seja, dominação/e ou apropriação do espaço. Além disso, não entende a desterritorialização apenas como sinônimo de deslocalização, desenraizamento e fim das fronteiras e do território, por considerar politicamente desmobilizador¹¹.

O autor entende que a configuração de multiterritorialidades está relacionada aos efeitos da globalização ao estabelecer processos de apropriação em pontos distantes do espaço e envolver escalas diferentes de dimensões tecnológicas, culturais e a instabilidade das geometrias de poder, como os cidadãos globais ou as redes terroristas internacionais. Nesse patamar, quem vive no limite de fronteiras econômicas e políticas, alcança a transterritorialidade ao compartilhar valores e códigos culturais de diferentes “mundos” ou territórios alvos de estratégias de contenção e controle, ou seja, os muros das sociedades de segurança.

Ele destaca que a experiência multiterritorial não se trata simplesmente da imbricação, conexão ou justaposição de múltiplos territórios, pois, existem implicações políticas no conceito de multiterritorialidade devido às diferenciações entre o caráter potencial (possibilidade de ser construída) e efetivo (realizada). No entanto, não podemos qualificar como positivo ou negativo, mas entendermos que os grupos subalternos são obrigados a circularem por múltiplos territórios e construir a sua multiterritorialidade, insegura, marcada por traços de desterritorialização, principalmente no sentido de perda de controle e/ou referências territoriais.

sabemos que a disponibilidade do ‘recurso’ multiterritorial – ou a possibilidade de ativar ou de vivenciar concomitantemente múltiplos territórios – é estrategicamente muito relevante na atualidade e, em

¹⁰O autor classifica cinco grandes objetivos da territorialização: 1) aconchego, abrigo e segurança física; 2) fonte de recursos materiais fortalecedor do poder político-econômico; 3) identificação de grupos sociais e seu poder simbólico; 4) controle e disciplinarização pela definição de espaços individualizados; 5) controle e direcionamento da circulação, de fluxos de pessoas, mercadorias e informações.

¹¹Para Haesbaert (2014), estamos muito mais do que perdendo ou destruindo nossos processos de territorialização, estamos, cada vez mais, principalmente no caso dos grupos hegemônicos, vivenciando a intensificação e complexificação de um processo de reterritorialização muito mais múltiplo.

geral, encontra-se acessível apenas a uma minoria. Assim, enquanto uma elite globalizada tem a opção de escolher entre os territórios que melhor lhe aprouver, vivenciando efetivamente uma multiterritorialidade, outros, na base da pirâmide social, não têm sequer a opção do “primeiro” território. (HAESBAERT, 2004, p. 360)

Nesse sentido, no cenário multiterritorial em que vivemos, nem o território como abrigo é garantido politicamente, mesmo que seja a condição mínima da dignidade humana. O autor afirma que essa atual realidade tem um potencial de perspectivas políticas inovadoras, trazendo novas modalidades de territorialização.

A visão de rede e suas relações com o território de Rogério Leandro Lima da Silveira (2016) contribui para refletirmos sobre os grandes fluxos que atravessam as fronteiras em praticamente todas as direções e escalas geográficas, que são os fluxos migratórios, os fluxos de mercadorias, os fluxos de informações e os fluxos de capitais. O autor cita Castells (1997) e coloca em debate o avanço das técnicas e sistemas reticulares de informação e de comutação de dados, imagens, hipertextos e sons, através da telemática, que possibilitam a expansão da internet no mundo, formando um organismo planetário, em que a sociedade organiza-se em rede. Apesar das diferenças e desigualdades de acesso nos distintos países, a dinâmica da vida cotidiana configura-se para que a noção de rede se imponha pelo uso e referência permanentes, como exemplo, a rede elétrica, a rede de comunicação, a rede de transportes, a rede urbana, a rede de empresas e a rede social.

O autor adverte que o caráter multidimensional e polissêmico atribuído às redes acaba por gerar o aspecto de instabilidade e ascende o debate crítico sobre o significado e o uso do conceito. “No atual contexto de afirmação dos fluxos e de consequente demanda de maior fluidez e funcionalidade técnica aos territórios, pensar a noção de rede implica que consideremos seu caráter instável pela dinamicidade de sua constituição e funcionamento” (SILVEIRA, 2016, p. 913). Além disso, é preciso também considerar a existência de duas dimensões complementares que toda rede expressa: a formal, que se refere à infraestrutura que transporta a matéria e a constitucional, que diz respeito à essência, ou seja, os conteúdos sociais e políticos.

Outro aspecto destacado por Silveira (2016) é a conexidade, responsável pelas dinâmicas de organização, solidarização ou exclusão, de promoção de ordem ou desordem. Segundo ele, a rede também é caracterizada por ser dinâmica e ativa, em forma de produto da sociedade em determinado momento histórico e como suporte de ações

sociais. Ainda de acordo com o autor, a visão da interação entre rede e território é que não há neutralidade quanto à dinâmica territorial, pois existe a possibilidade da criação ou do reforço da interdependência entre os lugares, formando um sistema tanto de integração quanto de exclusão.

Silveira (2016) compreende que as interações entre as redes são determinadas pelas ações e estratégias dos atores que as planejam, modelam e regulam, já a lógica que orienta a dinâmica dos territórios resulta da oposição entre mercado e sociedade civil.

a lógica territorial também deve ser desvendada como resultado de mecanismos endógenos – relações que acontecem nos lugares entre atores conectados pelos laços de proximidade espacial – e mecanismos exógenos – que fazem com que um mesmo lugar participe de várias escalas de organização espacial” (DIAS, 2005, p.20 *apud* SILVEIRA, 2016, P.915).

Segundo o autor, a rede pode ser pensada como metáfora, em que entidades, indivíduos ou mesmo ideias estão conectadas entre si. Além disso, Marques (2000 *apud* SILVEIRA, 2016) apresenta três principais usos da rede na área das Ciências Sociais, que é o de pensá-la como metáfora, desenvolvendo a concepção de que entidades, indivíduos ou mesmo ideias estão de alguma forma conectadas entre si, como norma e como método. Dessa forma, podemos visualizar as redes em relação, para verificar a sua estruturação, relacionalidade, funcionamento, objetivos e métodos, para que a descrição e a análise dos padrões de relação presentes possam ser compreendidas.

Em uma primeira aproximação com o conceito de Silveira (2016), se formos pensar as redes atuais, constituídas pelo refúgio sírio, vivenciamos mais contenções do que liberações dos fluxos migratórios. Sobre esses bloqueios (multi) territoriais entendemos que ocorre uma violência política contra esses refugiados. Miguel (2015) apresenta a ideia de violência como o coração oculto da política, já que o uso dela no exercício político amplifica o drama maquiaveliano da política, na busca da efetividade da ação, em tensão com a observância de princípios normativos. O autor pondera que o banimento da violência é um passo civilizatório na história da humanidade, no entanto, não significa que ela não esteja sendo praticada e que não seja capaz de influenciar a interação entre os agentes políticos. Para ele, a violência tem a capacidade diferenciada de mobilizar e ameaçar convincentemente por ser um recurso de primeira grandeza, além do acesso ao exercício legítimo da violência ser um bônus crucial da conquista de posição de poder.

O autor aborda a institucionalização da violência política lembrando que O Maquiavel da obra “O Príncipe” é aquele que coloca com maior nitidez a violência como elemento central da vida dos Estados. Para Miguel (2015), devemos produzir instituições que canalizem o conflito, permitindo a expressão dos interesses, o antagonismo, o engajamento agonístico, o consenso conflituoso, porém, impedindo sua manifestação violenta. É importante que o conflito não coloque em risco a continuidade dos laços sociais. Nesse sentido, o autor pondera que as instituições não são canais neutros por onde passa o conflito, pois, elas assumem um papel ativo, beneficiando interesses em disputa, prejudicando outros. Assim, as instituições são seletivas, no momento em que são mais permeáveis a determinados interesses, favorecendo a continuidade da dominação.

O autor cita Offe (1972) para explicar que a seleção ocorre conforme o nível das estruturas - como o espaço que é passível de decisões políticas, da ideologia - que reduz o espaço da política estruturalmente possível, do processo – que são as regras que favorecem os grupos, temas e interesses e da repressão. “Em vez de imaginar o funcionamento da seletividade como um portão que se abre ou fecha, é mais interessante vê-la como uma espécie de algoritmo incrustado na estrutura institucional” (MIGUEL, 2015, p. 39). Nessa lógica, a despeito de sua neutralidade ostensiva - em que todos seriam iguais perante a lei, ou o princípio da impessoalidade, as instituições acabam filtrando reivindicações utilizando critérios implícitos, relacionados com sua origem social, com a radicalidade das demandas, com o tipo de transformação que projetam e com o modo pelo qual são expressas.

Essa noção de violência estrutural, ou seja, a violência produzida pela organização econômica e política das sociedades é evidenciada na desigual distribuição do poder e, conseqüentemente, em oportunidades desiguais, na discriminação e na injustiça (na distribuição do rendimento, no acesso à educação ou à moradia, por exemplo). A violência estrutural não se define necessariamente como um processo ativo e deliberado, mas pode revelar-se pela ausência de proteção e garantia de direitos e necessidades. Pode até desembocar na impossibilidade de manutenção da própria vida dos indivíduos/cidadãos, como no caso da negação do acesso à saúde ou à alimentação. São exemplos de violência estrutural, decisões políticas como as ditas “medidas de austeridade” que conduzem a um empobrecimento coletivo e a um retrocesso nos direitos sociais, como emprego, saúde, educação, e no acesso a bens essenciais, como a água.

Com isso, configura-se, nesse cenário, um espaço hierarquizado e excludente, impondo ônus àqueles que não agem de acordo com suas regras. Para Miguel (2015),

criam-se padrões de comportamento e de discurso, que estão ligados às posições privilegiadas e que são exigidos de quem busca agir com efetividade no campo político. A violência estrutural sentida no domínio econômico pode favorecer o surgimento ou o aprofundamento de atos de violência aberta, como criminalidade, violência juvenil, violência doméstica, bem como de violência política, como a xenofobia, discriminação, repressão de resistências e contestação violenta.

O autor salienta que a tradição teórica sobre o campo político, de Pierre Bourdieu, corrobora com essa seletividade. Veremos mais aprofundadamente essa discussão no item 1.5. na discussão sobre as “reproduções sociais” (GOFFMAN, 1975) e “quadros sociais” (BOURDIEU, 2012) que se formam nessas seleções, criando o estigma do refugiado.

1.3.1. Políticas de gestão de sofrimento coletivo: o refugiado sírio como vítima

A violência política sofrida em um determinado contexto histórico-cultural gera uma categoria específica de vítima, na concepção de Myriam Jimeno (2010), que aborda a natureza emocional da categoria de vítima, como a versão compartilhada dos acontecimentos de violência. Essa linguagem eminentemente emocional cria laços entre as pessoas. São os argumentos da linguagem do testemunho pessoal que geram os efeitos políticos e servem de alicerce para uma ética do reconhecimento e para ações de protesto e de reparação. Nesse entendimento, o discurso de vítima emocional serve como um mediador simbólico entre a experiência subjetiva e a generalização social.

Segundo a autora, os vínculos são expressos publicamente sob a forma de encenações, mobilizações e imagens compartilhadas. “Assim a linguagem do testemunho pessoal conforma comunidades no sentimento, por mim chamadas de comunidades emocionais, de moralidade, fundadas numa ética do reconhecimento” (JIMENO, 2010, p. 99). A autora conceitua a categoria vítima como o decantado simbólico e o ponto de confluência desse processo de reconhecimento. O grande ineditismo dessa prática está no compartilhamento, pois permite ventilar os fatos de violência pela lógica dos que sofreram.

As emoções são uma linguagem política, não apenas um sentimento íntimo; esta linguagem que ao ser compartilhada publicamente, possibilita comunidades morais sustentadas pela ética do reconhecimento que alimenta a ação política. A noção de vítima aspira a

sintetizar a magnitude do ocorrido e a se converter em símbolo cultural dos sentimentos de dor e de raiva (JIMENO, 2010, p. 116).

Nesse entendimento da autora, o reconhecimento da categoria de vítima precisa ser público e notório, principalmente por ser um processo ético civil, que envolve pessoas com objetivos em comum, correndo o risco de ser efêmero, caso não se ancore em organizações, ações civis e institucionais. No entanto, pode se tornar uma solução de cura de feridas que ainda não sararam na memória coletiva.

Sarti (2011) problematiza que comumente se dá visibilidade à violência de uma forma particular, em que o lugar da vítima já é dado, ao indagar quem é vítima e quem é agressor. A partir disso, são definidas prioridades, desenhadas políticas públicas e formas contemporâneas de sociabilidade relativas ao problema da violência. Segundo a autora, existe um cenário de novas configurações da violência, afetando existências singulares, pessoais e coletivas, mas que também afeta a ordem social e política.

Esse movimento é resultado das ações em defesa dos direitos das “minorias” socialmente desfavorecidas, as quais contribuíram para tirar da esfera privada e trazer à luz o debate social sobre a violência. Assim, a figura da vítima toma forma de acordo com os atores envolvidos e seus agenciamentos, seus contextos sociais, locais e temporais. Conforme Sarti (2011), a construção da pessoa como vítima é pensada no mundo contemporâneo como uma forma de conferir reconhecimento social ao sofrimento, circunscrevendo e dando inteligibilidade ao fato.

Nesse entendimento, a ideia de vítima ou algoz muda de acordo com o contexto. O papel do pesquisador não é julgar, ou nomear quem é ou não vítima, porém, ele deve entender os processos e as razões, sendo o interprete dos fatos, ponderando imparcialmente os acontecimentos e analisando como se constroem essas lutas pela classificação dos fatos. A maior contribuição é a contraposição à ideia de que a vítima já é pré-determinada, visão essa corroborada pelas noções de direito, pois, ao ser identificada, inclui uns e exclui outros, o que ajuda para essa complexa dimensão relacional da violência, em suas formas de espelhamento e contrastes. Isso ocorre nas áreas da Psicologia, Direito (vitimologia/direitos humanos), História, Comunicação, quando essas áreas utilizam seu capital de conhecimento para construir e institucionalizar a categoria vítima.

Na prática cotidiana, essa construção se dá assim: o Direito (a verdade jurídica) julga os algozes e identifica as vítimas; a Psicologia trata as vítimas; a História descreve

os fatos; a Comunicação reproduz e nomeia os fatos. Todos esses processos criam uma forma de visibilidade, um esquema de interpretação, uma construção discursiva, uma tradução que é direcionada ao imaginário social. No entanto, Sarti (2011) adverte sobre o caráter relacional da vítima, em que o sentido muda conforme os mecanismos de reconhecimento e nomeação da violência. Nesse sentido, devemos pensar: Quem são os agentes envolvidos na produção social das vítimas? Quem são os atores que enobrecem as vítimas no mundo contemporâneo?

A problematização desta pesquisa nos leva a pressupor que a categoria vítima é de grande relevância, já que está associada ao campo semântico da emoção e, nas narrativas jornalísticas, denota sofrimento, dor e padecimento. Além disso, será possível identificar demais categorias emotivas emergidas dos materiais. No caso dos refugiados sírios podemos classificar de um lado: a) as vítimas do terrorismo do Estado, ou seja, aquelas que sofrem as restrições de direitos humanos, na forma de violência institucional, ou violência política; e, de outro lado: b) as vítimas da violência civil, que no caso da Síria, são os grupos de terroristas jihadistas da oposição armada ao governo de Bashar al Assad.

Sendo assim, o caso emblemático do menino sírio Aylan Kurdi, que morreu afogado em 2015, em um naufrágio no mar mediterrâneo, enquanto buscava refúgio em outro país junto a sua família, e que fenomenalmente se transformou no ícone da violência sofrida pelos sírios, foi construído por um processo de reconhecimento social arquitetado fortemente pelos meios de comunicação, em escala global. O mecanismo de reconhecimento e nomeação da violência foi empregado de forma que grande parte do mundo ficou comovida com a morte de Aylan, acendendo o debate público sobre o tema dos refugiados sírios.

Visualizamos este episódio do menino Aylan de acordo com o que Veena Das (2008) propõe sobre a “antropologia da dor”. A autora problematiza a morte e a violência como uma forma de ruptura cultural, a qual gera diversas marcas e sofrimentos históricos a um grupo social e, conseqüentemente, ressignificam diferentes questões culturais. Essas rupturas são chamadas de “eventos críticos”, ou seja, acontecimentos extremos e traumáticos que geram a possibilidade de uma reinterpretação de diferentes estruturas e formas de agenciamentos. Segundo ela, é por meio de revelações e silêncios que os sofrimentos coletivos são socialmente construídos e devemos inseri-los no cotidiano, relacionando com as vivências dos indivíduos envolvidos e todo o contexto de determinado período histórico e cultural.

1.4. HISTORIZAÇÃO CULTURAL DO ÊXODO SÍRIO E OS PROCESSOS SOCIOTECNODISCURSIVOS FORMADORES DO ESTIGMA DO REFUGIADO

Este item trata da historicização política da cultura árabe, vista como um mundo à parte, profundo e de costumes e tradições ultra enraizadas. Apresenta a descrição e discussão da literatura sobre os conflitos ocorridos no Oriente Médio, com foco na República Árabe da Síria. Nesse intuito, para compreendermos a gênese dos deslocamentos forçados, precisamos entender os motivos que levaram à guerra civil que se estende por sete anos.

Massoulié (1993) e Zahreddine, Lasmar e Teixeira (2011) traçam um panorama geopolítico sobre as reservas de petróleo e assédio político e militar do ocidente, da história da formação da região, desde os impérios até o surgimento dos Estados modernos. Eles destacam também a formação da base cultural árabe, atrelada à fundação de pelo menos quatro importantes religiões: Judaísmo, Cristianismo, Islamismo e Zoroastrismo. Além disso, há o ordenamento político predominante no Oriente Médio e o uso político-estratégico que as grandes potências ocidentais fazem das “jovens democracias”, como é o caso do Afeganistão e Iraque, conforme destaca Zahreddine (2013). Essa breve descrição já nos remete à complexidade da oposição entre os dois blocos: ocidental e oriental e as possíveis dinâmicas entre grupos terroristas, rebeldes, civis e do governo.

Outro ponto principal de compreensão é sobre a Primavera Árabe. Apoiamo-nos nas ideias de Santos Filho (2013), o qual questiona a forma como iniciaram os movimentos contestatórios na Tunísia, com a autoimolação de um jovem, o que representa um dos atos mais estranhos aos olhos ocidentais. Com essa afirmação, o autor entende que as demandas políticas se expressam por meio de valores religiosos ou através de costumes tidos como pré-modernos ou simplesmente primitivos. Outro autor que reflete profundamente sobre o assunto é Roche (2011), que propõe que para compreendermos o alcance dos movimentos de reivindicações das populações, é importante partir da constatação de que o mundo árabe-muçulmano sunita evoluiu muito nos últimos 20 anos, tanto no plano do pensamento político jurídico-religioso quanto nas práticas sociais, políticas e religiosas, assim como nas referências aos defensores da suna (tradição).

Nesta pesquisa, o deslocamento forçado da Síria é entendido como um fenômeno emigratório recorde, superando o número de deslocados da Segunda Guerra Mundial, ultrapassando a marca dos 70 milhões de seres humanos saídos de suas residências com destino a qualquer lugar do mundo. Se faz necessário o registro de uma construção de raciocínio que exponha e explique a crueldade dos fatos. Sendo assim, não é possível uma comparação, nem justificção, mas, sim o entendimento da lógica dessa realidade tão brutal que assola o mundo e já adquiriu a nomenclatura de “Crise Humanitária”.

Como consequência desse fenômeno, são positivas a força produtiva e a capacitação dos refugiados sírios que chegam em outros países com sérios problemas de raiz estrutural, como barreiras linguísticas, culturais, religiosas e emocionais, além de restrições de cidadania. No entanto, acima de qualquer circunstância, precisam continuar vivos, trabalhando, estudando e contribuindo para o país de destino, até mesmo quando é rejeitado e marginalizado.

Nessa linha de pensamento, fica evidente o emprego de recursos de fortificação comunicacional, como exemplo, pelo uso de internet, redes sociais online e aplicativos em seus dispositivos tecnológicos, câmeras fotográficas, filmadoras, computadores, *smartphones* e *tablets*, como forma de sobrevivência durante as fugas por longas rotas, por caminhada ou em alto mar. O uso dessas tecnologias são determinantes para os registros das atrocidades da guerra, do percurso, do país de destino, o que gera um fluxo imenso de informações com teores de agressividade altíssimos, mostrando cenas durante os bombardeios na Síria, vídeos com cadáveres de bebês, adultos e idosos, corpos em chamas, cobertos de pó de concreto, agonizantes, esmagados pelos escombros, assim como vídeos de naufrágios no mar Mediterrâneo, imagens de corpos boiando na água e a crueldade da recepção aos refugiados nos países de destino ou passagem. Compartilhamentos de todos esses fatos chocam a cultura ocidental, porém, com tempo podem se naturalizar.

1.4.1. Contexto comunicacional das redes de autofortificação

Como contexto desses processos sociotecnodiscursivos, entendemos que as relações entre sociedade civil e as mídias se configuram nas ações coletivas de agentes midiáticos. Esse é o grande diferencial desse fenômeno migratório da Síria, pois os acionamentos emanam de movimentos paralelos e/ou alternativos ao jornalismo

profissional e tradicional. Com isso, se formam as grandes redes de circulação de sentidos, através de processos e práticas sociais que ativam recursos para que o tema dos refugiados tenha visibilidade e não esgote no espaço público. São os recursos de autofortificação comunicacional.

Para esse ângulo de visão, trazemos o conceito de Redes de Comunicação Pública e de Acontecimento Público de Weber (2007), dentro da perspectiva de que essa sucessão de acontecimentos abala a credibilidade do Estado, instituições e governo, nas esferas locais, nacionais e internacionais. Essa ideia possibilita a compreensão do encadeamento sistêmico de fatos, atores, estratégias e sentidos, em processos comunicacionais ligados ao interesse público e à constituição do acontecimento público.

Ao denunciar a crueldade que está acontecendo na Síria e em consequência disso, as fugas coletivas, os múltiplos protagonistas criam uma atmosfera impulsionadora de ações que potencializam o debate público sobre as responsabilidades da guerra civil, do terrorismo, dos fundamentalismos religiosos, do significado da morte, da cultura da dor, da violação dos direitos humanos e não cumprimentos de acordos internacionais. Esse cenário tão rico de elementos agregadores não seria possível sem o acesso às tecnologias midiáticas. E como resultado, interfere profundamente no debate e funcionamento dos sistemas político, religioso, jurídico, econômico, etc.

A esse objeto de estudo formado, é possível mapear, identificar e descrever os movimentos comunicativos, os quais emergem da sociedade civil. A concepção de Redes de Comunicação de Weber (2007) nos oferece a perspectiva de que a sucessão de acontecimentos abala a credibilidade do Estado, instituições e governo, nas esferas locais, nacionais e internacionais. Essa ideia possibilita a compreensão do encadeamento sistêmico de fatos, atores, estratégias e sentidos, em processos comunicacionais ligados ao interesse público e à constituição do acontecimento.

De acordo com a autora, essas redes são dotadas de poder comunicativo e ele reside justamente na capacidade de tornar visível suas versões e contagiar as demais redes em torno do tema, repercutir e mobilizar a opinião pública e a opinião de públicos. A descrição desses sistemas permite inferir sobre seus respectivos dispositivos de poder em busca de credibilidade para suas versões. “Significa dizer que muitos atores representam - por delegação (eleitos) ou apropriação (mídias) outros muitos para poder abordar e disputar a verdade” (p. 25).

A tipologia de redes apresentada pela autora consiste em: a) redes de comunicação social; b) comunicação política; c) comunicação do judiciário; d) comunicação científica

e educacional; e) comunicação mercadológica; f) comunicação religiosa; g) sistemas de comunicação midiática. Como estratégia metodológica, a categoria analítica que adotamos é a de “redes de comunicação social”, pois é nela que estão as demandas e as vozes da sociedade civil organizada, movimentos sociais, entidades de classe, instituições de defesa, conselhos, sindicatos, associações, organizações não-governamentais, organizações voluntárias, grupos organizados, etc. “Essas vozes são a própria essência do Estado republicano e, também, as mais difíceis de serem ouvidas, com poucas chances de ocupar lugar nos outros sistemas” (p. 26). Além disso, é nesse ambiente que estão incluídos os grupos organizados identificáveis que navegam pela web e que se formam para se comunicar através de tecnologias interativas e, como tal, produzem, debatem e repercutem opiniões.

Dentro de um contexto de processos sociotecnodiscursivos, entendemos que as relações entre sociedade civil e todos os demais sistemas, no que tange ao debate público sobre a crise de refugiados sírios, se configuram nas ações coletivas de agentes midiáticos. Esse é o grande diferencial desse fenômeno global de crise migratória forçada, pois os acionamentos emanam de movimentos paralelos e/ou alternativos ao jornalismo profissional e tradicional. Com isso, se formam as grandes redes de circulação de sentidos, através de processos e práticas sociais que ativam recursos para que o tema dos refugiados tenha visibilidade e não esgote no espaço público.

Ao denunciarem a crueldade que está acontecendo na Síria, ou seja, ao compartilharem o testemunho de suas emoções, dão visibilidade às versões dos acontecimentos de violência (JIMENO, 2010). Esses múltiplos protagonistas criam uma atmosfera impulsionadora e acionadora de materialidades que potencializam o debate público e a solidariedade. Esse cenário tão rico de elementos agregadores não seria possível sem os processos sociotecnodiscursivos. E como resultado, interfere determinadamente na manutenção do macro acontecimento, irritando os sistemas político, religioso, jurídico, econômico, etc.

a) **Redes tecno solidárias**

Esse agrupamento corresponde às invenções tecnológicas inovadoras que surgiram exclusivamente para ajudar os refugiados do século 21, entre elas, *startups* humanitárias,

plataformas de acolhimento, ajuda e arrecadação de recursos, aplicativos (*apps*) para dispositivos móveis, etc.

1. O *app* RefugeeAid¹², criado pela empresa de tecnologia londrina Trellyz, lançado em fevereiro de 2016, funciona gratuitamente por geolocalização e mostra no smartphone do refugiado os locais mais próximos relacionados a comida, saúde e serviços de justiça.
2. O *app* Bureaucrazy¹³, surgido da dificuldade de um grupo de refugiados na Alemanha. A função desse *app* é ajudar quem chega a entender o sistema burocrático alemão, concentrando os esforços na experiência do usuário, mostrando o que ele precisa fazer e o que pode legalmente fazer naquele país. O aplicativo tem previsão de ser lançado em agosto de 2017.
3. Migraflix¹⁴, plataforma digital de empoderamento e econômico e social de imigrantes e refugiados, por meio da promoção de suas culturas. Criado no Brasil, são disponibilizados workshops nativos de culinária, dança, música e o que mais surgir, além dos motivos que trouxeram os ministrantes dos workshops ao Brasil.
4. Techfugees¹⁵, é uma empresa social que mobiliza a comunidade tecnológica internacional para responder à situação dos refugiados, organizando conferências, workshops e *hackatona* (maratona de programação) ao redor do mundo, com o objetivo de fornecer soluções tecnológicas e descobrir talentos tecnológicos para ONGs que trabalham com refugiados e os próprios refugiados.
5. Plataforma Refugiados Bienvenidos¹⁶, com atuação física em Madri, na Espanha, inscreve e agencia solidariamente pessoas interessadas em hospedar refugiados em sua casa.

b) **Redes protagonizadoras**

Refere-se a atuação de agentes individuais ou grupos civis organizados que impulsionam a causa do refugiado sírio nas redes sociais online, através de plataformas

¹² Acesso em: <http://refugeeaidapp.com/>

¹³ Acesso em: www.facebook.com/Bureaucrazy.de

¹⁴ Acesso em: <http://www.migraflix.com.br/>

¹⁵ Acesso: <https://techfugees.com/>

¹⁶ Acesso em: <http://refugiados-bienvenidos.es>

como *Twitter*, *Facebook*, *Google Plus*, *Snapchat* *Wordpress*, *Youtube*, *WhatsApp*, *Instagram*, *Spotify*¹⁷, são inúmeros os protagonistas, nesta descrição expomos apenas três:

1. A menina “ativista” de 8 anos, Bana Alabed no *Twitter*¹⁸, a qual começou a ganhar seguidores quando ainda estava na Síria e narrava o seu dia a dia na guerra civil. Atualmente ela está refugiada na Turquia com sua família, possui 366 mil seguidores¹⁹ e viralizou vídeos, fotos e cartas escritas à mão, em inglês, para presidentes e autoridades mundiais. Sua mãe, Fatemah Alabed, estudou Jornalismo e Ciências Políticas, se diz ativista da paz global e é acusada de usar a filha para fins políticos.
2. Página no Facebook “En Red SOS refugiados”²⁰ é uma rede de voluntários independentes, ONGs e associações, que atuam na ajuda humanitária de refugiados na Grécia, arrecadando doações de comida, materiais de higiene, além de divulgar conteúdo exclusivo, reproduzir notícias de ONGs, denunciar violações e violências a refugiados e ativistas, negligências dos governos e compartilhar interpretações e opiniões sobre os refugiados no mundo inteiro. Denominam-se cidadãos que se uniram para evitar a passividade e apatia manifestada pelos governos. A página é em espanhol e tem mais de 22 mil seguidores.
3. Syrian Revolution in the Languages of the World (SRLW)²¹ tem sede na capital da Síria, Damasco. Possui página no Facebook (18 mil seguidores), microblog no *Twitter* (1.929 seguidores), perfil no Instagram (3.774 seguidores) e quatro canais no *Youtube* (totalizando 9521 seguidores), com vídeos que evidenciam violações brutais de direitos humanos, chamados de “Arquivos de crimes de Bashar Assad”. Trata-se de uma equipe de tradução sobre “a revolução síria”. Na autodescrição dizem que trabalham duro para documentar violações e massacres contra a humanidade na Síria, traduzindo documentários e vídeos para mais de sete idiomas: inglês, francês, italiano, espanhol, grego, alemão, persa, português. Alguns conteúdos são extremamente chocantes, mostrando violência explícita e pessoas a morrendo ou já mortas, crianças comendo lixo, em total estado de abandono e sem nenhuma dignidade humana, dentro ou fora da Síria. O SRLW se

¹⁷ No aplicativo de música digital Spotify há playlists com a categoria: “Refugiados” em que são reunidas músicas sobre refugiados e/ou cantadas por refugiados. Acesso em:

<https://open.spotify.com/user/spotify/playlist/37i9dQZF1DX1328t2iygZy>

¹⁸ Acesso em: www.twitter.com/AlabedBana

¹⁹ Em 17 de junho de 2017.

²⁰ Acesso em: www.facebook.com/pg/sosrefugiados

²¹ Acesso em: www.facebook.com/pg/SRLW.SY

diz um canal de direitos humanos não governamental, sem fins lucrativos e não-partidário.

c) **Redes institucionalizadas**

Esse agrupamento relaciona campanhas midiáticas lançadas para sensibilizar e informar a sociedade sobre a causa síria, com um diferencial de ter um caráter mais institucionalizado de atuação, caracterizado entidades representativas.

1. Searching for Syria (Procurando pela Síria, em tradução livre), trata-se de uma campanha global do ACNUR em parceria com a fundação Google.org²², em que criaram um site²³ com características inovadoras de interação como a contagem dos dias de duração da guerra civil. O site busca quebrar mitos e concepções erradas sobre a Síria e sobre os refugiados, reúne histórias da população, dados do ACNUR, Google Search Trends e outras fontes para trazer respostas às cinco perguntas mais frequentes identificadas na ferramenta de busca do Google sobre o tema: a) Como era Síria antes da guerra? b) O que está acontecendo na Síria? c) Quem são os refugiados? d) Onde estão os refugiados sírios? e) Como podemos ajudar os refugiados sírios? Os visitantes do site podem ainda compartilhar o conteúdo nas redes sociais, doar e assinar a petição global do ACNUR #WithRefugees, que pede aos líderes mundiais que garantam que crianças refugiadas tenham acesso à educação e que famílias refugiadas tenham abrigo e meios de vida. O site possui versões em inglês, francês, alemão e espanhol e em breve haverá a versão em árabe.

As redes de comunicação da sociedade civil apresentam-se como potencializadoras da circulação de discursos de inclusão social e tecnológica, solidários, sensibilizantes, dramáticos e revoltantes sobre a causa do refugiado sírio, tendo como pano de fundo a consciência de catástrofe humanitária do século. Somente essas redes de comunicação descritas brevemente, porém, inseridas dentro de um observável empírico, já dariam subsídios para compreendermos esse espaço como uma “segunda esfera

²² O Google.org é uma iniciativa de responsabilidade social empresarial da multinacional Google, que ajuda organizações sem fins lucrativos em educação, oportunidades econômica, inclusão, resposta de crise e impacto desafio. Acesso: www.google.org

²³ Acesso ao site: www.searchingforsyria.org. Vídeo da campanha: <https://youtu.be/0E8JD8BIcRc>

mediática”, vista como aquela em que Nico Carpentier (2011) denomina como uma multidão de organizações alternativas, estruturais/maximalistas, que possuem condições de possibilidade de participação e buscam o nivelamento de poder.

Consideramos que a existência dessas redes de comunicação social e a possibilidade de participação não significa que isso seja feito efetivamente, pois precisamos considerar os limites do campo discursivo, as oportunidades estratégicas de acesso e interação às redes de comunicação e suas dimensões de poder. Outro ponto a ser destacado é o caráter do amadorismo nas redes de comunicação social - protagonizadas, principalmente pelas imagens e vídeos que não possuem textos explicativos, traduções ou legendas, porém, consideramos que alguns conteúdos são completos somente pela composição imagética, sobretudo quando se trata de cenas de guerra, miséria ou morte.

Nosso propósito, com a hipótese de ápice midiático é comprovar um movimento que se delinea como ato comunicacional que coloca em circulação as emoções e afetos, formando circuitos efetivos entre as esferas da sociedade e instituições, e que, principalmente tenha uma finalidade concreta de comunicação.

Entendemos que as circulações de práticas discursivas emergem outras configurações que invertem, inventam e criam novas lógicas na construção noticiosa, opinativa e crítica, proporcionando cada vez mais imprevisibilidades e complexidades nos processos comunicacionais. Sendo assim, mesmo que seja previsível, é difícil garantir se determinado episódio comunicacional, ou microacontecimento midiático irá viralizar, ser impulsionado, ascender ou reascender o debate público, pois esse é um processo que emana da sociedade, ela que tem o poder irritativo ou hermenêutico do sistema. E ainda, é ela que tem o poder de tomar para si o problema que lhe é exterior, mas que passou por um processo de naturalização e exige a cumplicidade e, pela natureza negativa do tema, solidariedade e sensibilidade.

1.5. ESTIGMATIZAÇÃO DO REFUGIADO: PROCESSOS DE REPRODUÇÃO SOCIAL E QUADROS SOCIAIS

A partir das construções sociotecnodiscursivas colocadas em circulação na rede comunicativa, em um contexto múltiplo de variáveis, é realizada a reprodução social do refugiado. Para entendermos a concepção do processo de reprodução social, dialogamos com o primeiro autor a trabalhar a concepção de estigma em uma perspectiva social,

Erving Goffman (1975), e com Pierre Bourdieu (2012), com a formação de quadros sociais baseados em habitus.

Para Goffman (1975) a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de tributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. A relação social cotidiana em ambientes já estabelecidos propicia um relacionamento entre pessoas previstas e esperadas a tal lugar, sem atenção ou reflexão particular umas com as outras. As pessoas normais preveem as categorias e os atributos de um estranho que se aproxima através de seus primeiros aspectos. O processo de estigmatização não ocorre devido à existência do atributo em si, mas pela relação inconsistente entre os atributos e os estereótipos que os normais criam para um determinado tipo de pessoa. Todos aqueles atributos não proporcionais com o estereótipo que os demais criam para um determinado tipo de indivíduo caracterizam o processo de estigmatização por gerar identidades deterioradas.

Essa contribuição teórica se faz necessária para compreendermos os efeitos do estigma para a subjetivação do sujeito e o papel da sociedade para tal processo, por meios dos movimentos comunicativos. Já que podemos perceber, pela aproximação empírica, que as consequências desse processo de estigmatização prejudica a vida do refugiado. Sua identidade real sofre deteriorizações por não se incluir no que a sociedade institui como normal e natural. Eles representam algo mau dentro da sociedade que deve ser evitado, ou seja, são identidades deterioradas por uma ação social. Sendo assim, os refugiados não são “normais”, justamente por não atenderem às expectativas normativas da sociedade. É neste momento que os demais, chamados por Goffman de “normais”, fazem afirmações daquilo que o outro deveria ser, reproduzindo socialmente a estigmatização do refugiado.

Enquanto o estranho está a nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável [...]. Assim deixamos de considerá-la criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande [...] (GOFFMAN, 1975, p.12).

O autor acima entende que a pessoa estigmatizada possui duas identidades: a real e a virtual. A identidade real é o conjunto de categorias e atributos que uma pessoa prova ter; e a identidade virtual é o conjunto de categorias e atributos que as pessoas têm para

com o estranho que aparece a sua volta. Portanto, são exigências e imputações de caráter, feitas pelos normais, sobre o que o estranho deveria ser.

Nesse contexto, uma dada característica pode ser um estigma, “especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande e possui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real” (GOFFMAN, 1975, p.12). Assim, Goffman (1975, p. 13) afirma que o termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, em uma linguagem de relações e, não de atributos em si.

Nesse sentido, o processo de estigmatização pode variar de acordo com a evidência e a exposição das características do indivíduo. Já a reprodução social rotula, cataloga e estigmatiza, classificando como sujeitos ou grupos de baixa potencialidade humana, destrutivos e prejudiciais à convivência humana. O que podemos entender com esse diálogo com o autor é que a identidade social do refugiado, ao ser estigmatizada, pode destruir atributos e qualidades de sua identidade real. Com essa visão, os atributos de uma pessoa estigmatizada não são inerentes a ela. O estigma, portanto, não é uma propriedade individual, mas sim, as pessoas são estigmatizadas em determinado contexto cultural, histórico, político e econômico e em uma dada situação social.

Nesse entendimento, as tendências morais e intelectuais da época e a estrutura cultural são elementos importantes quando se pensa onde e quem determina o que é estigma. Em comparação, para Goffman (1975), os normais e os estigmatizados não são pessoas em si, mas perspectivas constituídas principalmente pela discrepância entre as identidades real e virtual. O contexto histórico pode provocar mudanças no curso de estigma, propiciando alterações em suas descrições, nas categorias que o envolve, no processo de estigmatização e suas consequências.

Com isso, a ideia de reprodução social, nesta pesquisa, diz respeito ao processo mediante o qual uma sociedade, através de diversos mecanismos, reproduz a sua própria estrutura, com todos os estereótipos, preconceitos e estigmas envolvidos nos processos identitários e nos processos de comunicação. Sendo assim, nenhum sistema social é absolutamente imóvel, e, embora todas as sociedades tenham mecanismos que tendem à reprodução das suas próprias condições de existência, podem ocorrer modificações, na medida em que essa sociedade for mais aberta, ou não.

Bourdieu (2012) traz uma reflexão pertinente sobre as produções simbólicas como instrumento de dominação quando afirma que as ideologias servem a interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao grupo. Como

consequência, aplicando ao contexto histórico-cultural e comunicativo atual dos refugiados, a opinião pública estigmatizadora dominante contribui: a) para a integração real da classe dominante, nesse caso, o Estado e seus discursos de segurança nacional e soberania; b) para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto; c) para a desmobilização das classes dominadas, nesse caso os grupos excluídos e estigmatizados; c) para a legitimação da ordem estabelecida por meio de distinções (hierarquias) e legitimação dessas distinções.

A pertinência do autor está no alerta sobre as relações sociais com o campo político, as quais, segundo Bourdieu (2012) não podem ser reduzidas em relações de comunicação, embora elas sejam relações que dependem do poder material e simbólico acumulados pelos agentes ou pelas instituições.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e conhecimento que os ‘sistemas simbólicos’ cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a ‘domesticação dos dominados’ (BOURDIEU, 2012, p. 11).

Com base nisso, o autor desenha o campo político como um microcosmo social exercendo relações de forças, através de lutas simbólicas entre agentes profissionais, sociedade integrada (dominados/domesticados) e excluída (profanos). Devido a essa característica, o campo político nunca será autônomo, pois, necessita permanentemente de agentes externos para dar sentido a sua existência. Para ele, quanto mais capital político concentrado nas mãos de um pequeno grupo (monopólio de produção profissional), menos contrariado ele é. Quanto mais despossados de instrumentos materiais e culturais necessários à participação ativa (públicos/consumidores), configuram-se como simples aderentes, desprovidos de capitais cultural e econômico acumulados e, conseqüentemente, sem competência social para a política por não terem instrumentos próprios de produção de discursos ou atos políticos.

Como consequência, os públicos não são inseridos socialmente no jogo político, praticam a abstenção ativa em forma de revolta contra as próprias impotências emanadas pelos seus habitus, conceituado como o conjunto de saberes e do saber-fazer acumulados durante a vida. É o princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que

podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas ao seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio exposto das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um regente” (BOURDIEU, 1994, p. 61).

Diante disso, baseado no habitus, se formam os “quadros sociais” que variam entre solidariedade, xenofobia, empatia, insegurança e aversão aos refugiados. Muitos dos grupos sociais que buscam mudar essa realidade resumida em “crise humanitária” possuem um conhecimento moldado, ou seja, estrategicamente construído, advindo dos conteúdos informados pelos meios de comunicação profissionais. Por isso, nessa pesquisa consideramos as redes comunicativas formadas também pelos refugiados, os protagonistas dando seus testemunhos, em seus próprios canais de difusão. Entendemos que eles são mais dotados de capitais, principalmente culturais e simbólicos, são os próprios “vendedores profissionais dos serviços políticos” (BOURDIEU, 2012, p. 177), dentro de uma perspectiva de atores políticos.

Como reagir contra a falta de humanidade política? Se ela é imbricada pela divisão do trabalho e suas ideologias (divisão intelectual e de classes), tornando a violência simbólica em violência política, através do monopólio da produção cultural. O contexto histórico atual pode estar provocando mudanças no estigma dos deslocados forçados e nas consequências de estigmatização deles. Entendemos que esse processo de objetificação do refugiado resulta da relação entre espaço público e espaço simbólico, a qual está fragilizada pela não capacidade de lidar com as diferenças e desigualdades da estrutura social, desvalorizando o capital simbólico dos direitos humanos.

As discussões conceituais acima abordadas nos ajudam na reflexão sobre a condição de sujeição do refugiado, de acordo com os preceitos jurídicos, para então, contextualizarmos as questões de geopolítica, de violência estrutural e de estigmatização. Assim, entendemos que todos esses fatores agem dentro do sistema comunicacional, visto, nesta pesquisa, na forma de redes comunicativas autofortificadas que impulsionam a tematização do refugiado. No entanto, para compreender como se dá a construção de realidades sobre os refugiados sírios e como a circulação de discursos emocionais complexifica essa pauta, fazendo com que ela permaneça na agenda midiática e também se manifeste na agenda política, acionaremos a seguir os conceitos de “acontecimento comunicativo” com os autores Verón (1987), Queré (2005) e Santos (2005), “comunicação sistêmica autofortificada”, com Luhmann (2005) e Neves e Neves (2006) e “discurso midiático”, com Charaudeau (2006) e Rodrigues (2002).

2. CONSTRUÇÃO SOCIAL DA “CRISE DOS REFUGIADOS”

Neste capítulo, apresentamos o referencial teórico basilar para as principais discussões da tese, partindo da ideia da mídia como construtora de realidades, vista dentro de um processo sistêmico multiplicador, seletivo e autofortalecido, que se estrutura continuamente, formando a realidade dos meios de comunicação, dotada de operações formadoras da potencialização do acontecimento, em específico, sobre o refugiado sírio. Além disso, nesse capítulo teórico refletimos sobre a reprodução social de estigmatização, entendendo que esse processo se opõe aos preceitos universais de solidariedade e dignidade humana.

Na sequência, discutimos sobre a natureza do acontecimento criando um arcabouço teórico para a construção da nossa hipótese do ápice midiático, descrevendo traços emocionais indiciais e apresentando algumas premissas da pesquisa. Por último, refletimos sobre as particularidades do discurso midiático, para mais adiante identificarmos os contextos situacionais e intencionais dos discursos analisados.

2.1. PROCESSOS SISTÊMICOS AUTO/HETEROFORTIFICADOS DA POTENCIALIZAÇÃO DO ACONTECIMENTO

Nesta construção teórica, estamos observando articulações entre processos de autofortificações (LUHMANN, 2005) e processos sociais e midiáticos que resultam na potencialização do acontecimento do refugiado sírio. Verificamos a processualidade que se dá no atravessamento das práticas midiáticas e processos referenciais sistêmicos, constituindo os indivíduos como construtores de realidades integrantes do acontecimento. Sendo assim, suas competências comunicacionais são ativadas, por meio de “observações de observações”, sendo que eles efetuam nas “redes de autorfortificação” (descritas no item 1.4.1) uma atualização dos seus repertórios particulares, como uma sequência de operações observadoras, formando os sistemas autofortificados e heterofortificados da potencialização do acontecimento.

Garcia (2012) trabalha a visão sistêmica em Niklas Luhmann (2005) e disserta que o autor elabora um modelo explicativo de sociedade complexa, enfocando a “diferenciação autofortificada” entre sistema e entorno/ambiente. O autor defende que a importância que os meios de comunicação exercem na sociedade é tão grande que “tudo” que sabemos sobre o conhecimento da história e da natureza humana é através deles, os

quais funcionam como uma espécie de operador central de todos os demais sistemas sociais.

Para Luhmann (2005), a relação social com os meios de comunicação é tão intensa e sabemos tanto sobre eles, que chegamos a desconfiar deles. Diante disso, os meios tratam de se autofortificarem, através, principalmente, da autorreferencialidade e da heterorreferencialidade, consistida de técnicas e lógicas próprias desenvolvidas para dar conta da desconfiança do público. “(...) o conhecimento extraído dos meios de comunicação reorganiza-se, como por si mesmo, numa armação que se autofortifica” (LUHMANN, 2005, p. 15).

Assim como os demais subsistemas, como ciência, política, economia, etc, os meios de comunicação possuem a competência de se autogerarem, pois, possuem autonomia funcional de diferenciarem-se dos demais sistemas/subsistemas. Essa diferenciação faz com que os meios criem uma relação com suas próprias operações que se produz e reproduz a partir delas, com relativa autossuficiência, já que as trocas ocorrem através do acoplamento estrutural com o ambiente. Quanto mais intensa essa relação, ela se torna mais específica e fortalecida.

O autor apresenta uma revolução epistemológica nas ciências sociais, pela mudança do foco de observação do meio e suas características para a complexidade de relações sistêmicas. Anteriormente, o processo de observação científica de um dado objeto pressupunha a análise estrutural de todos os seus elementos constitutivos isoladamente. Conhecer algo significava poder determinar quais são as partes que determinam o todo desse objeto. Não se avaliavam as relações entre os elementos, mas apenas sua condição no todo.

Luhmann (2005, p. 18) aborda “a realidade dos meios de comunicação” em duplo sentido. Uma face diz respeito à “realidade real”, das suas próprias operações internas. “Imprime-se e difunde-se. Lê-se. Emissões são recebidas. Inúmeras comunicações envolvendo a preparação e a discussão subsequente cobrem esse acontecimento” (LUHMANN, 2005, p. 18). A difusão se dá nas tecnologias e esse trabalho estrutura e limita o processo dentro de da lógica de cada sistema. No entanto, a relação sistêmica que o autor propõe exclui parcialmente a materialidade da comunicação²⁴ “os aparelhos técnicos” e valoriza mais a recepção, pois, a comunicação ocorre quando alguém vê,

²⁴ Para Luhmann (2005, p. 18) pode-se considerar a “realidade real” como as comunicações que passam com e pelos meios, como formas de observação em um primeiro nível.

ouve, lê e entende. Ele ressalta que nessa fase é que poderá depreender-se uma outra comunicação, que segue sucessivamente, autoalimentando-se dentro de um sistema.

Nessa segunda face, defendida por Luhmann (2005), engendram-se os elementos de autorreprodução e diferenciação do sistema em relação ao ambiente. É o segundo sentido da primeira realidade dos meios de comunicação. “(...), a saber, em relação àquilo que para eles ou por meio deles aparece como realidade para os outros” Luhmann (2005, p. 20). Dito de outro modo: são observações de observações, ou operações observadoras.

Para o primeiro caso, basta uma observação de primeira ordem, como se se tratasse de fatos. Para a segunda possibilidade de entendimento, é preciso assumir a orientação de um observador de segunda ordem, de um observador de observadores. Para fixar essa distinção, podemos falar (...) de primeira e de segunda realidade (LUHMANN, 2005, p. 20).

O autor entende que o observador de segunda ordem é aquele que ao realizar a primeira observação construída pelos meios de comunicação, constrói uma segunda observação diferente, baseada na primeira. Na construção da segunda realidade, o observador tem a capacidade de atuar na complexidade dos sistemas e identificar as diferenciações que os sistemas fazem para observar. Ele não observa fatos, mas como os sistemas operam para observar os fatos do entorno, de acordo com sua estrutura. Portanto, a duplicação da realidade não significa multiplicar, ou replicar uma primeira realidade, mas sim um processo específico, único e diferente. Cada observação está em constante mudança, de acordo com os elementos relacionados, os acoplamentos realizados e as irritações com o ambiente. As relações colocadas em jogo determinarão uma mesma observação, pertencente a um sistema, envolto por estruturas diferentes.

Frente a essas operações de construção de realidades, os comportamentos emergentes, por parte da mídia e com o consentimento e atuação do público, resultam na complexidade dos modos de interação em um espaço diferido e difuso de construção de sentidos. Neves e Neves (2006) assinalam que a abordagem dos sistemas sociais em Luhmann tem a função de redução da complexidade do mundo, na medida em as operacionalidades dentro dos sistemas excluem possibilidades e selecionam outras.

Os autores destacam que a Teoria dos Sistemas Sociais deu início à grande virada teórica ao tratar os sistemas não mais como “uno”, como um todo resultado da soma das partes, mas como diferença. “O sistema define-se por sua diferença com relação ao entorno. O sistema que contém em si sua diferença é um sistema autopoietico,

autorreferente e operacionalmente fechado e que se constitui como tal, reduzindo a complexidade do entorno” (NEVES E NEVES, 2006, p. 11). Assim, ao mesmo tempo que reduzem, os sistemas produzem a sua complexidade.

Para essa construção própria o sistema precisa fechar-se operacionalmente em relação ao entorno, produzindo a diferenciação autofortificada, que funciona como um subsistema especial da sociedade a quem cabe a realização das características da formação do sistema, através de operações como a autorreprodução autopoietica, a auto-organização e a determinação estrutural. Defendemos que é possível visualizar a potencialização do acontecimento dentro dessa abordagem sistêmica luhmaniana, de forma que se reduz a complexidade do tema por meio de processos midiáticos e construções de realidades.

2.2. A NATUREZA DO ACONTECIMENTO

Nesse item, articulamos aportes teóricos sobre o acontecimento comunicacional. A reflexão se dá a partir das abordagens elaboradas por Eliseo Verón (1987), Louis Queré (2005) e José Manuel Santos (2005), entendendo que os acontecimentos adquirem características próprias ao serem inseridos nas dinâmicas de fluxos, de redes e processualidades complexificadas, não lineares, constituintes do objeto de investigação da comunicação.

Quando eles ultrapassam o campo factual-histórico e são impulsionados por um trabalho comunicacional, passam a operar revelações posteriores, por meio de novas observações de mundo, perturbações, rompimentos e rupturas. Inicia-se, nessa etapa, o processo de busca pelo sentido e explicações dentro do sistema produtivo midiático, transformando os acontecimentos em notícias que reverberam no sistema social, entram em circulação e retroalimentam os demais subsistemas.

A classificação do caráter estritamente comunicacional pode ser entendida conforme Berger e Tavares (2010), que apresentam um resgate teórico sobre o acontecimento jornalístico e sistematizam as ideias conceituais de cada autor na seguinte categorização:

- a) Imprevistos: microacontecimento, macroacontecimento e megaacontecimento (Santos, 2006); grandes e pequenos acontecimentos (Miranda, 2005); acontecimento-acidente (Charaudeau, 2006); cênicos, dramáticos, experienciados, acontecimentos réplicas ou

reduzidos (Babo-Lança, 2008); não acontecimento (Augé, 2001; Morin (1995); acontecimentos inesperados (Tuchman, 1983).

- b) Previstos: acontecimentos rotina (Molotoch, Lester, 1996); acontecimentos programados (Charaudeau, 2006; Dayan, Katz, 1995); acontecimentos suscitados (Babo-Lança 2008; Charaudeau, 2006); pseudoacontecimentos (Babo-Lança, 2008; Boorstin, 1961); acontecimentos/eventos interpretados e acontecimentos/eventos encenados (Eco, 1984); acontecimentos pré-determinados (ou anunciados), em desenvolvimento e acontecimentos esperados (Tuchman, 1983) (BERGER E TAVARES, 2010, p. 140)

O diferencial é que nessa perspectiva comunicacional, existe uma complexa operação seletiva ao comunicar um dado fato inédito. Ao ser gerado, o acontecimento midiático se insere em uma trama processual, formando o discurso da informação, como define Verón (1987) com base na “dupla hipótese da semiose social” em que, de um lado toda a produção de sentido é necessariamente social, já que não se pode descrever ou explicar satisfatoriamente um processo significativo sem explicar suas condições sociais produtivas; e, de outro lado, todo fenômeno social é, em uma de suas dimensões constitutivas, um processo de produção de sentido, tanto no nível de análise macro quanto no microsociológico.

A ideia central de Verón (1987) é que o acontecimento social só existe na medida em que os meios de comunicação os constituem como tal. O autor lança o questionamento sobre a legitimidade dos meios de comunicação enquanto produtores de realidade. Nesse sentido, descreve os processos produtivos midiáticos como indústria da informação, ou seja, a notícia como determinado processo de fabricação, um produto à venda com finalidade lucrativa.

Nessa perspectiva, a categoria “atualidade do mundo” é resultado dessa cadeia produtiva, dentro de um construto social discursivo, uma experiência coletiva. O cotidiano passa a um patamar de realidade social “a ser/a se tornar” e existe “nos” e “pelos” meios de comunicação. Sendo assim, os fatos que compõem essa realidade não existem como fatos sociais antes que os meios os construam discursivamente e difundam via suportes materiais e dispositivos tecnológicos. Os efeitos possíveis passam a afetar os demais sistemas e começam a ter múltiplas existências fora dos meios, formando a rede social de sentidos.

Segundo o autor, os discursos sociais circulam dentro de um sistema de construção social de sentido totalmente fragmentado, gerador de complexidades devido a tantas trocas, entre oferta e demanda, nos fluxos de circulação. No entanto, ele alerta que

“o discurso que constrói e põe em circulação o produto da ‘atualidade’ não é da ordem da representação, este ponto de vista de ‘sentido comum’ deve ser abandonado” (VERÓN, 1987, p. 57, tradução nossa). Sendo assim, as relações entre indivíduo e sociedade, em um contexto de sociedade midiaticizada, passa a ter novas dinâmicas, lógicas e formas de funcionamento, pois, não precisamos viver determinada experiência do fato, basta que o fato seja midiaticizado para nos tocar, darmos crédito e difundirmos determinada notícia.

Em consequência, nossa crença não se funda de modo algum em uma ‘experiência vivida’ desses fatos. Se damos crédito é porque algum discurso engendrou nossa crença e nele depositamos nossa confiança. (...) o discurso o qual acreditamos é aquele cujas descrições postulamos como mais próximas das descrições que nós mesmos faríamos se tivéssemos tido aquela experiência direta (VERÓN, 1987, p.57, tradução nossa).

Nesse sentido, nós não acreditamos nos discursos por serem verdadeiros, mas são verdadeiros por acreditarmos neles. Com isso, Verón (1987) destaca que a experiência subjetiva de cada indivíduo é incomparável à realidade social construída, pois, o que a mídia produz é a “realidade dos fatos da atualidade”²⁵ e o crédito que damos a ela nada tem a ver com nossa experiência subjetiva. Sendo assim, para haver produção de sentido, troca, interação, é preciso exteriorizar a experiência/subjetividade. É necessário submeter essa experiência à mediação e, uma vez midiaticizada, ela adquire o status coletivo de transformação social, autônoma da experiência individual.

Com essa mesma abordagem de importância microsociológica, Queré (2005) destaca a construção de sentido dos sujeitos por eles mesmos, nas suas relações com o mundo, através da comunicação, que, por sua vez, é entendida como um processo de interação. O autor define o poder hermenêutico do acontecimento, atribuindo à linguagem o papel constituidor da vida social. Sendo assim, o acontecimento é algo que vem de fora, que instaura uma descontinuidade na experiência dos sujeitos, provocando uma ruptura na rotina, mudando o estado das coisas. E, mesmo quando é programado, o acontecimento surge como algo inesperado e imprevisível para os sujeitos afetados por ele.

A dualidade temporal é o destaque da visão conceitual de Queré (2005), pois, a insurgência do acontecimento provoca a dinâmica de desdobramento para o passado e alongamento para o futuro, desencadeando, por um lado, analogias passadas - na tentativa

²⁵ Categoria entendida como aquela que agrupa todos os acontecimentos construídos pelo discurso da informação.

de construir um contexto causal explicativo; e por outro, expondo suas consequências, analisando os contornos das novas situações criadas ou reveladas por determinado acontecimento - na tentativa de criar um contexto explicável e explicativo.

O autor entende que podemos diferenciar os acontecimentos em função do seu poder de afetar os seres humanos. Desta forma, é preciso, por um lado, situá-los corretamente na ordem do sentido e, por outro, inscrever a ação em uma dinâmica em que a passibilidade do acontecimento e o seu poder hermenêutico desempenhem um papel mais importante do que a motivação dos sujeitos.

Do ponto de vista do entendimento, que privilegia a ‘contemplação’, o acontecimento é um facto ocorrido no mundo, susceptível de ser explicado como um encadeamento – ele é ‘um fim onde culmina tudo o que precedeu’ – e inscrito num contexto causal. Do ponto de vista da acção, em que é necessário ‘aceitar o irrevogável e reconciliar-se com o inevitável’, o acontecimento é um fenómeno de ordem hermenêutica: por um lado, ele pede para ser compreendido, e não apenas explicado, por causas; por outro, ele faz compreender as coisas – tem, portanto, um poder de revelação (QUÉRÉ, 2005, p. 60)

Com essa definição, a natureza do acontecimento estrutura a nossa experiência individual e coletiva. Seu caráter inaugural marca o fim e o início de um processo, além da sua explicação causal, que não é unicamente contemplação do que ocorre, se passa ou se produz, mas também do “que acontece a alguém”. Sendo assim, a principal origem da compreensão do acontecimento está no próprio acontecimento, que gera uma trama de campos problemáticos, passíveis de serem experienciados, incorporados ao cotidiano dos sujeitos. “Revela eventualidades e potencialidades que não estavam prefiguradas no mundo antes do acontecimento (...). Reconfigura o mundo, passado, presente e futuro, dos que a ele se expõem e por causa dele sofrem” (QUÉRÉ, 2005, p.69).

Igualmente à visão de sociedade mediatizada de Verón (1987) a não limitação espacial é destacada por Queré (2005) quando admite que os efeitos do acontecimento atingem territórios distantes daquele onde ocorreu; e a não linearidade temporal²⁶ é caracterizada quando o acontecimento resgata o passado e cria expectativas para o futuro, dando “o tempo a ver”. Sendo assim, converte-se em fontes de sentidos que permitem ao sujeito a descobrir algo de si próprio e da situação, aprofundando a compreensão de si e do mundo, ou seja, a sua própria história está imbricada nos acontecimentos que lhe afetam.

²⁶ Diferente do “fato” que designa um fenômeno de ordem temporal.

A ideia de sociedade do acontecimento é trazida por Santos (2005) que destaca o poder iluminante e orientador das construções de realidades, como elementos unificadores do mundo ocidental atual, apoiando-se nas ideias de Niklas Luhmann - como o filósofo que melhor desenvolve uma teoria da sociedade moderna centrada nos sistemas funcionais dos acontecimentos. Para o autor, a originalidade de Luhmann está em opor-se a visão iluminista de Queré (2005) e à visão pessimista da escola de Frankfurt. Sendo assim, a realidade dos meios de comunicação exerce constante produção e tratamento de excitação, ou seja, irritações para manter a sociedade acordada e ao mesmo tempo evitar a sua sobre-excitação, ou seja, normalizar as coisas, dentro de uma política de contingência da sociedade de risco.

Santos (2005) cita o 11 de setembro e propõe pensarmos uma teoria do megaacontecimento como ponto de referência absoluto no tempo, dentro de um ângulo de negatividade, em que a sociedade, testemunha desse acontecimento, está refém de um efeito hermenêutico, obrigada a olhar as coisas e o mundo em profundidade e a longo prazo. “Não é, pois, por acaso que os megaacontecimentos são negativos e nos são apresentados na perspectiva das vítimas” (SANTOS, 2005, p. 83). Os que adotam postura contrária, mostrando o lado dominante, causam o maior escândalo, fazendo referência a Karl-Heinz Stockhausen e Jean Baudrillard.

O autor elabora a hierarquização dos acontecimentos menos espetaculares e com menos visibilidade em uma forma de campo dos possíveis, dentro de uma estrutura macro onde ocorrem microacontecimentos. Para dar tratamento e descrever os macroacontecimentos existe um sistema particularmente especializado: o sistema dos meios de comunicação de massa, os quais se dedicam à formatação das descontinuidades - do anormal, do novo e patológico – do mundo.

O sistema dos macro/megaacontecimentos é formado por uma miríade de microacontecimentos posteriores que lhe fazem eco, os projetam para o futuro e os envolvem em uma teia de sentidos e significações. Dessa forma, os macro e megaacontecimentos são imprevisíveis, já os microacontecimentos são irritações nos sistemas, pós-acontecimentos, atividades interpretativas e investigadoras que ocorrem de maneira a aparar as arestas, atenuar o caráter surpreendente do macro, na tentativa de normalizá-lo. Esse processo é entendido como uma tática defensiva do sistema que produz um sentido próprio e amenizante, que neutraliza a brutalidade semântica da revelação do macro ou megaacontecimento.

Os microacontecimentos (...) são produções de sentido do sistema. Esta semantização dos acontecimentos, que também é, vista ao lado oposto e complementar, uma temporalização do sentido, explica um fenômeno de proliferação e excesso que caracteriza a formação de sentido na experiência humana, tal como é vista por Luhmann (...) Face a esta proliferação do sentido decorrente da estrutura temporal e ‘aberta’ – no sentido em que cada ‘vivência’ gera, semanticamente, múltiplas possibilidades de novos sentidos e novas vivências – da experiência humana, tornam-se necessários mecanismos de rarefação semântica, de restrição de possibilidades, ou numa palavra de orientação. (SANTOS, 2005, p.81)

Para Santos, alguns acontecimentos possuem cargas real e simbólica tão fortes que acabam por adquirir *status* de megaacontecimento, impulsionado por novos funcionamentos dos sistemas sociais. Quando isso acontece, a ideia de Luhmann sobre microacontecimento torna-se insuficiente. Nesse contexto, as sociedades ocidentais atuais exploram os recursos hermenêuticos dos megaacontecimentos para - usando a própria metáfora de Luhmann - manterem-se acordadas. Para concluir, o autor lembra que o grande problema é que o megaacontecimento é sempre o seguinte, que está por vir, localizado numa possibilidade futura.

2.3. DA GÊNESE AO ÁPICE: A HIPÓTESE DO ÁPICE MIDIÁTICO

Observar a construção de realidades do acontecimento é uma forma de singularização. Queré (2005) reflete sobre a análise acerca do desempenho do trabalho crítico midiático nas construções das notícias. O autor indica a singularização do acontecimento como chave metodológica para a observação e a interpretação, estas que devem ser delimitadas por um campo de referência, sendo orientadas por uma intenção prática de ajustamentos e comportamentos.

Um adicional a essa observação é a questão da serialidade desdobrada a partir desse acontecimento, já que a partir de um fato inaugural, o novo surge incessantemente e é através dessas novidades que se avalia a evolução da situação, porém, os microacontecimentos e as modificações que neles se produzem não formam um panorama mutante de aparecimentos e desaparecimentos súbitos, e sim integram “na” e “pela” situação de conjunto que determina.

Para observarmos a construção da “Crise de Refugiados”, estabelecemos o pressuposto inicial de que a situação atual da guerra civil da Síria teve seu evento

inaugural na chamada Revolução de Jasmim, quando, em 17 de dezembro de 2010, o jovem tunisiano Mohamed Ibn Bouazizi ateou fogo no próprio corpo após ter sua banca de frutas confiscada pelas autoridades locais e lançou uma onda revolucionária de manifestações e protestos, instaurando, nos anos seguintes, guerras civis no norte da África e diversos pontos do Oriente Médio.

Os desdobramentos decorrentes desse acontecimento institucionalizaram a Primavera Árabe, que teve como grande aliado o uso das tecnologias de comunicação como elemento organizador e mobilizador. Zahreddine, Lasmar, e Teixeira (2011) contextualizam que depois do 11 de setembro de 2001, a “arabefobia” surgiu em escala mundial, fruto das políticas adotadas pelo Estados Unidos na tentativa de legitimar suas ações, que nem sempre foi bem compreendida pela população estadunidense. Entretanto, os autores destacam que os avanços nas comunicações deram grande notoriedade e compreensão às Revoltas da Primavera dos Povos Árabes²⁷:

bem como na capacidade de articulação e coordenação de grupos sociais por meio da internet, permitiram que as populações árabes, aos poucos, vissem com mais clareza as benéficas de um mundo acessível a todos, sem limites de informação e de posicionamento político, algo contrário à realidade vivida por esses indivíduos em seus países de origem. (Zahreddine, et al., 2011, p.107)

Os protestos violentos já tinham tratamento na mídia mundial, com noticiário internacional da rotina dos países em conflito, bombardeios, ataques aéreos, formação de grupos desertores, inserção do terrorismo na disputa de poder, saída dos civis em busca de refúgio na Europa, pelo Mar Mediterrâneo e a morte massiva de muitos deles em naufrágios, causados por embarcações ilegais e precárias.

Em 2014, depois de quase quatro anos de guerra civil e o avanço do Estado Islâmico pelo norte do país, a Síria tinha se tornado líder de origem de refugiados e, em decorrência dos conflitos violentos que já tinham matado 296 mil pessoas na época²⁸, estava sendo evacuada pela brutalidade e violação de direitos fundamentais. Para os que

²⁷ Países participantes em ordem de adesão à Primavera Árabe: Tunísia (16/12/2010), Argélia (10/01/2011), Jordânia (15/01/2011), Egito (25/01/2011), Iran (14/02/2011), Bahrain (14/02/2011), Líbia (17/02/2011), Marrocos (20/02/2011), Arábia Saudita (23/02/2011), Iraque (25/02/2011), Oman (27/02/2011), Líbano (27/02/2011), Iemen (13/03/2011) e Síria (15/03/2011).

²⁸ A reportagem: “Síria: 2014 foi o pior ano da guerra civil, informam agências humanitárias”, veiculada pela Agência Brasil, em 12 de março de 2015, apresentou a fala de Daniel Gorevan, da ONG Save the Children, denunciando que “muito mais pode ser feito pelos membros do Conselho de Segurança e seus aliados, para garantir que as resoluções não continuem a ser apenas palavras num pedaço de papel”.

ficaram, restou a batalha sangrenta e explosiva travada entre grupos rebeldes, desertores do governo e Exército Livre da Síria contra o regime sírio com o apoio²⁹ de potências estrangeiras, como a Rússia, além de governos de países como Irã, grupos do Iraque e integrantes da organização paramilitar fundamentalista islâmica xiita Hezbollah. Todos com um suposto objetivo de lutar pelo direito à dignidade de uma vida melhor, “digna de uma primavera que surge depois de um longo inverno, que pode gerar o renascimento da cultura e da história dos povos árabes” (Zahreddine, et al., 2011, p.109).

O percurso de operações de sentidos estava sendo traçado dentro de um espectro de normalização e os microacontecimentos ainda eram classificados como decorrentes da Primavera Árabe. Foi quando irrompeu um fenômeno que recolocou o assunto no topo do debate social, com tamanha força simbólica que gerou uma nova categoria para o campo problemático: a “Crise de Refugiados”, classificando e colocando em evidência midiática aqueles que, dentro dos preceitos legais da Convenção de Genebra de 1951³⁰, são pessoas que temendo serem perseguidas por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontram fora do país de sua nacionalidade e que não podem ou, em virtude desse temor, não contam com a proteção desse país.

Um episódio comunicacional específico causou essa nova ruptura e foi acionado socialmente, ganhando forma de megaacontecimento. Foi quando, no dia 2 de setembro de 2015, houve um alastramento em escala global das imagens do corpo do menino sírio de 3 anos, Aylan Kurdi³¹, que foi encontrado à beira de uma praia da Turquia, após o naufrágio que matou a mãe, o irmão dele de 5 anos e pelo menos mais 12 tripulantes que fugiam das perseguições, injustiças sociais e da pobreza na Síria.

A comoção coletiva causada pela ampla visibilidade dessas imagens instiga a reflexão e o estudo aprofundado dessa dinâmica alcançada pela mídia. Os indícios evidenciam que houve uma (re)produção de imagens chocantes, com forte apelo emocional. Em outras palavras, uma orquestração sintonizada que teve o poder de sensibilizar um grande número de pessoas e colocar essa pauta na agenda social mundial,

²⁹ Há relatos de apoio de governos da Venezuela, China, Coreia do Norte, Argélia e Líbano.

³⁰ Convenção adotada em 28 de julho de 1951 pela Conferência das Nações Unidas de Plenipotenciários sobre o Estatuto dos Refugiados e Apátridas, convocada pela Resolução n. 429 (V) da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 14 de dezembro de 1950. Entrou em vigor em 22 de abril de 1954, de acordo com o artigo 43. Série Tratados da ONU, Nº 2545, Vol. 189, p. 137.

³¹ O nome correto do menino é Alan Kurdi, porém, mesmo depois da correção feita pela família, grande parte da imprensa mundial decidiu continuar usando o nome trocado, pois, a notícia já estava deflagrada e personificada com Aylan Kurdi.

desdobrando o tema em diversos ângulos, perpassando os setores político, econômico, sociocultural, religioso e humanitário.

A partir desse dia, o assunto entrou na agenda da mídia ocidental, porém, dando subsídios para que o debate público fosse acionado mais pelo viés dos refugiados em direção à Europa. Entretanto, a migração forçada ocorre, em maior número para países vizinhos, onde existem campos de refugiados estruturados para oferecer ajuda humanitária, como exemplo, o maior campo de refugiados do oriente Médio, o Zaatari, localizado na Jordânia, que possuía cerca de 79 mil assentados sírios, em abril de 2017.

A gravidade da situação do povo originário da Síria é evidenciada quando ela é apontada como o país com mais deslocados forçados em todo o mundo³². Os dados atualizados pelo relatório anual apontam que até o final de 2016 eram 5.5 milhões de pessoas atendidas pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). Esses dados remetem à ideia de que, na atualidade, em termos massivos, o povo mais penalizado pelo deslocamento de guerra é o sírio. Por isso, entre os discursos construídos socialmente está o chamado “êxodo do século 21”, que é comparado com o sofrimento dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial, inclusive formando campos isolados para refugiados. Ainda de acordo com o levantamento do ACNUR, o número de deslocamentos forçados em todo o mundo atingiu o recorde já registrado na história da humanidade, com 65.6 milhões de pessoas que tiveram que abandonar seus lares, sendo que metade delas, são crianças.

Essas reminiscências são incorporadas nas construções de realidade como forma estratégica de afetação, inerente a um fato histórico que está na memória social, como é a Segunda Guerra Mundial. Promove-se aí um movimento comunicacional compreendido como fenômeno sistêmico irritativo, o qual retroalimenta as relações sociais, intensificadas pelos sucessivos microacontecimentos e redes de comunicação que atuam na tematização dos refugiados sírios.

2.4. ESTRATÉGIAS EMOCIONAIS COMO POTENCIALIZADORAS DA EXPERIÊNCIA

Para descrever o que faz a imagem é preciso entender as estratégias empregadas nesse processo comunicacional. Ela evidencia um apelo emotivo certo, que ganhou

³² Em segundo está Afeganistão com 2.5 milhões e em terceiro lugar está Sudão do Sul, com 1.4 milhões de deslocados forçados.

grande reprodução. Charaudeau (2007) aborda o fenômeno da busca pela emoção (*pathos*) e define as categorias patêmicas como uma racionalidade subjetiva. Sendo assim, o sujeito falante constrói situações de comunicação em um processo de dramatização que consiste em provocar a adesão passional do outro atingindo suas pulsões emocionais.

Mesmo que esta visada seja da ordem dos sentimentos e da sensibilidade, o autor destaca que as intencionalidades orientam os discursos em direção a um objeto imaginado, já que este objeto é extirpado da realidade para se tornar um real significante. Diante disso, a mediação das representações de emoções e efeitos possíveis é perpassada pelos conhecimentos, informações, experiências, valores e crenças dos sujeitos. “É nesse sentido que se pode dizer que uma morte não vale uma morte do ponto de vista patêmico” (CHARAUDEAU, 2007, p. 241). Depende de quem vivencia, por exemplo, um médico possui uma mediação representacional diferente para a morte, fazendo com que varie o efeito emocional, de acordo com quem seja o morto.

Para o autor, com o objetivo de tocar o outro, o sujeito falante precisa utilizar estratégias discursivas que tendem a despertar a emoção e os sentimentos do interlocutor, para seduzir ou, ao contrário, lhe fazer medo. Isso fará com que o outro não questione a fala em questão e se deixe levar pelos movimentos de seus afetos. Esse tipo de construção emotiva é efetivada na medida da resposta do público, que atendeu ao apelo estratégico e colocou em circulação novos sentidos, criando novos campos problemáticos.

Em todos os materiais analisados, poderia ser mais uma criança morta como tantas milhares de outras que fogem com suas famílias dos conflitos armados e situação de pobreza vividos em suas terras natais. Poderia até ser proibido o compartilhamento dessas imagens, mas foi uma tentativa de comunicação que deu certo e lançou novos olhares nos domínios de conhecimento do sistema social, principalmente nos subsistemas midiático, políticos, econômicos, jurídicos, religiosos.

A lógica sistêmica de hierarquização do acontecimento de Santos (2005) contribui para organização da observação da complexidade das relações sociais no mundo atual e se mostra muito produtiva, porém, foi nitidamente constatada a mudança de comportamento que alterou a força de um microacontecimento previsto, colocando em xeque o modelo de observação adotado.

É justamente nesse quesito que o próprio autor recomenda a teoria da “sociedade do (mega)acontecimento”, para que dê conta de um comportamento de terceiro nível de sociedade, que não é mais ordenado por um unificador central, como era o monoteísmo

com sua orientação temporal e espacial, e sim por um estímulo social de reinventar-se e manter-se em atividade, em irritação, através das construções de realidades e das realidades das construções, como forma de amenizar a desconfiança no mundo, explicar, entender e neutralizar a complexidade dele.

Diante disso, o discurso social em torno de cada episódio adquire um poder exponencial comunicativo que é possível qualificar como forjado, dentro do modelo sistêmico baseado em Luhmann, já que deveria normativamente se comportar como um microacontecimento. No entanto, enquadra-se na tipologia megaacontecimento imprevisto (BERGER E TAVARES, 2010), inaugurado pela Primavera Árabe, em 2011, que por um longo período é irritado por microacontecimentos, até o estopim em setembro de 2015, quando ocorre um fenômeno social, em específico, que ganha grandes proporções, atingindo o topo do debate público, como um grito de desespero coletivo. Nessa nova dinâmica, a circulação social de sentidos, gerada por essa nova lógica, começa a causar “acoplamentos” nos demais subsistemas sociais.

A partir dessas elucubrações se delinea a hipótese de ápice midiático, que é fundada no pensamento luhmaniano visualizando que ocorrem irritações, colocando em evidência midiática a temática dos refugiados sírios, porém, em graus mais elevados em determinados momentos estratégicos, ocasionando acoplamentos estruturais entre os subsistemas midiático, jurídico, político, religioso, etc. Sendo assim, os sujeitos são sensibilizados e sensibilizam, incorporando às suas experiências e trabalhando coletivamente a comunicação de um determinado acontecimento comunicacional, criando links emotivos, conexões afetivas e correntes virais comoventes.

Surge então o questionamento: Como é possível medir, quantificar e qualificar esse movimento de pico, de elevado nível de abrangência de um (pseudo) microacontecimento, pertencente a uma dimensão macro, que modifica as estruturas do sistema social? É possível perceber a relevância midiática intensificada, justamente quando se acoplam as ações, provocando mudanças no cenário da mobilidade humana internacional.

Como exemplo negativo, temos o fechamento das fronteiras, com o caso dos Estados Unidos que, depois da posse do presidente Donald Trump, aumentou a restrição de imigrantes e refugiados no país; e mais recentemente, em dezembro de 2017, retirou o país do Pacto Mundial da ONU sobre migração e refugiados. Além disso temos a Brexit (sigla que significa saída da Grã-Bretanha da União Europeia), em que a população da Grã-Bretanha votou em referendo pela saída do Reino Unido do bloco europeu, em 2016,

provocando a renúncia do primeiro-ministro David Cameron, o fim da livre circulação de europeus e principalmente o endurecimento de acesso à imigração.

A despeito dessas políticas migratórias restritivas, no Brasil houve uma importante mudança com o sancionamento da Lei de Migração nº 13.445, assinada em 24 de maio de 2017, que representa um avanço pautado pelos direitos humanos, ao revogar o Estatuto do Estrangeiro de 1980 e instaurar um novo marco legal em matéria migratória no Brasil, apesar do projeto ter recebido 20 vetos presidenciais e apresentar muitas lacunas, como a falta de discussão dos direitos políticos. Em que pese as críticas, configura-se como o início da construção de um novo cenário jurídico e compreensão da relação do imigrante com o Estado. Pela primeira vez, no Brasil, a ideia de imigração é associada com o projeto dos direitos humanos, o que ocorre em meio a uma ampla agenda conservadora em nível mundial.

Vários são os atravessamentos que a macro existência da Crise de Refugiados instaura na sociedade tanto ocidental quanto oriental. No entanto, é inegável o aspecto positivo e empático das possibilidades de abertura do debate especializado, político e social sobre fluxos migratórios, o surgimento de inúmeras ações concretas de acolhimento e integração por meio de Organizações Não Governamentais (ONGs), além dos atores sociais e políticos representados por comunicadores nas redes sociais online, grupos de voluntários que viajam até os campos de refugiados para prestar ajuda humanitária, realizam mutirões de arrecadação, criam plataformas digitais tecno solidárias, campanhas de informação e sensibilização físicas e virtuais, locais e globais.

2.5. PARTICULARIDADES DO DISCURSO MIDIÁTICO EMOTIVO

Apresentaremos a ideia de discurso midiático em Rodrigues (2002) e Charaudeau (2006), identificando as peculiaridades que caracterizam o discurso estritamente midiático para os autores. Rodrigues (2002) reflete sobre uma possível delimitação do âmbito do discurso midiático, buscando a identificação da sua natureza e dos seus *modos operandis*, para, então, averiguar as relações com outras modalidades de discursos que não são essencialmente midiáticas, mas que sofrem uma espécie de contaminação. Ele considera que a principal função do discurso midiático é situar os acontecimentos no mundo, de modo fático, ou seja, expressando e criando uma atmosfera de boa vontade, sociabilidade

e compartilhamento de sentimentos. Sendo assim, é a escuta³³ dos que se sentem envolvidos pelo discurso que constitui o público destinatário.

Ainda de acordo com o autor, o discurso midiático contamina as outras modalidades de discursos e por elas se deixa contaminar. Entende esse processo como positivo e diz que são essas características que habilitam o discurso midiático a exercer sua principal função de mediação. Destaca a importância da distinção entre a opacidade dos discursos esotéricos³⁴ das instituições e a transparência do discurso exotérico midiático. O caráter principal é que no midiático, a legitimidade se dá em vários domínios da experiência. Já, no institucional, a legitimidade é limitada a um dos domínios específicos da experiência.

Diante disso, o lugar de fala midiática é caracterizado por Rodrigues (2002) como um lugar simbólico dessacralizado, podendo ser qualquer lugar, devido a sua transparência e o poder de levar junto consigo a legitimidade dos outros campos sociais. Como consequência desse funcionamento exotérico temos a permeabilidade dos discursos e a homogeneização das sociedades modernas, que, atualmente, o autor identifica como sociedade midiaticizada, em que a centralidade da mídia está acima de todo funcionamento social.

O discurso midiático para Charaudeau (2006) é visto como ato de discurso de informação resultante de um duplo processo de transformação e de transação de saber que produz efeitos de verdade, em que somente o receptor está em posição de julgar a validade. Ele alerta que não se pode ignorar o imperativo de captação desempenhado pelas empresas jornalísticas que as levam a recorrer à construção de discursos de sedução, além disso, nem sempre atendem às exigências de credibilidade e nem sempre estão isentos de posições ideológicas.

O autor explica que o contexto construído pelo discurso midiático pode produzir efeitos de acordo com a experiência social de cada consumidor da informação, podendo variar entre sentidos de banalização, saturação, amálgama, ou pelo contrário, dramatização. Essa visão faz parte da finalidade ambígua da informação, a qual nunca se apresenta no seu grau zero, ou seja, exclusivamente factual. “Se as manchetes dos jornais

³³ Segundo Rodrigues (2002), ouvir é diferente de escutar. O público do discurso midiático é constituído por aqueles destinatários na escuta, pois, eles serão interpelados e envolvidos no processo.

³⁴ Discurso esotérico com “s” alcança predominantemente os membros pertencentes àquele campo social, possui uma espécie de ocultismo. Discurso exotérico com “x” significa que o conhecimento do mundo exterior a ele é percebido dialeticamente, nas trocas entre os públicos, sem restrições, indiscriminadamente.

são diferentes, é porque, para se diferenciar do concorrente, cada jornal deve produzir efeitos diferentes” (CHARAUDEAU, 2006, p. 59).

Ao transformar uma informação em discurso, o recurso didático pode ser utilizado para atingir um alto grau de inteligibilidade. Nesse tipo de construção, corre-se o risco de deformar a informação e fazer o que o autor chama de vulgarização. Em contraponto com a ideia de contaminação de Rodrigues (2002), Charaudeau (2006) não entende como positiva essa decodificação simplificada do discurso midiático, pois quanto mais uma explicação for precisa e detalhada, inscrevendo-se numa reflexão sistêmica pela ação de um especialista, menos ela será comunicável e explorável fora do campo de inteligibilidade que a produziu. Em contrapartida, a vulgarização midiática é constantemente atravessada por uma visada de captação, isso tende a transformá-la numa vulgarização dramatizada.

Nesse aspecto, a emoção aparece como um efeito de discurso possível de um determinado ato de linguagem, que busca coesão social para despertar a consciência coletiva, ou seja, um sentimento de pertencimento a um grupo. Charaudeau (2011) apresenta a problematização discursiva emotiva como objeto de estudo específico da linguagem. Entretanto, o autor considera as visões de outras disciplinas como a psicologia, a sociologia e a filosofia para entender como se dá os efeitos de emoção presentes no discurso e defende que as emoções são de ordem intencional, estão ligadas às crenças, normas sociais e se inscrevem em uma representação psicossocial.

Essas conceituações nos ajudam a entender as diferenças e peculiaridades do discurso midiático como um construtor de realidades sobre a situação do povo sírio e as consequências da guerra naquele país. Considerando os condicionantes ideológicos, históricos, culturais e espaciais, é possível verificar o alto grau de dramatização e até mesmo banalização, pois, na intenção de gerar inteligibilidade e reduzir as complexidades, a mídia pode acabar simplificando, ou vulgarizando, os acontecimentos por meio da superficialidade.

3. MODELO DE ANÁLISE DISCURSIVA-EMOTIVA: ESTRATÉGIAS E EFEITOS PATÊMICOS VISADOS

A perspectiva metodológica desta pesquisa foi construída a partir da matriz interpretativa proposta por Patrick Charaudeau (2006, 2007) enquanto proposição de

análise da enunciação discursiva-emotiva. O autor apresenta um modelo multidimensional de compreensão da realidade social, com objetivo de observar uma estratégia operacional de análise dos discursos, capaz de contemplar, de modo integrado, as múltiplas dimensões envolvidas em um ato de linguagem. Dessa forma, se analisa a articulação dos planos situacional e linguístico, como uma relação íntima, bidirecional e não determinista.

Segundo Charaudeau (2006), o “discurso de informação” se dá através dos “dispositivos de encenação” e permite o vínculo social, que estabelece o reconhecimento identitário. Nessa perspectiva, as mídias são partes interessadas nessa prática social e de maneira organizada se transformam em “máquinas midiáticas” ou “empresas de fabricar informação”. No entanto, a concorrência do mercado as leva a acionarem estratégias quanto à maneira de exteriorizarem as informações, para que se diferenciem uma das outras. Diante disso, determina-se uma “tipologia dos gêneros midiáticos”, que resulta nas tomadas de posições sobre o que deve ser informado e a maneira que será tratado.

Nesse sentido, os sujeitos possuem “um projeto de fala”, ou seja, objetivos mais ou menos claros que os motivam na construção de seus discursos e que são perseguidos estrategicamente. Entretanto, caracterizam-se como seres socialmente situados, portadores de identidades e de recursos específicos que os condicionam na definição de seus cursos de ação. Ainda Charaudeau (2006) define o “gênero de informação midiática” de acordo com o cruzamento entre os seguintes elementos: um tipo de “instância enunciativa”, que está na origem da informação; um tipo de “modo discursivo”, que consiste na transformação do acontecimento em notícia. Essa formulação pode ser no formato reportagem: “acontecimento relato”; editorial: “acontecimento comentado”; e debate “acontecimento provocado”. Sendo assim, a mecânica discursiva ocorre a partir de um tipo de “conteúdo temático”, que representa a abordagem da notícia em um tipo de “dispositivo”, que está no suporte midiático e suas especificações.

O modelo de análise de discurso de Charaudeau (2006) estabelece que na produção da informação operam condições determinadas pelo “contrato de comunicação midiático”, que gera um espaço público de informação, em que se constrói a opinião pública. Assim, essa relação contratual, define aspectos ligados ao a) plano situacional: identidade dos parceiros, objetivos e circunstâncias; somando-se ao b) plano comunicacional e discursivo: maneiras de dizer e estratégias discursivas que serão apresentadas por meio de códigos implícitos, expectativas compartilhadas e institucionalizadas.

No processo comunicacional, apresentado pelo autor, há três condicionantes que fundamentam o discurso: o reconhecimento do “saber”, do “poder” e do “saber fazer”. Nessa lógica se formam complexos processos de busca pelo reconhecimento do discurso, nas concepções do saber e do poder para o alcance da credibilidade. No entanto, a efetividade de um contrato de comunicação se dá a partir de uma passagem equilibrada entre os planos macro e microssociais. Pois, o atributo da posição macro estrutural ocupada pelo sujeito comunicante se torna relevante somente em articulação com as circunstâncias microssociais em que atuam através do reconhecimento do sujeito destinatário e da interação e avaliação dos interlocutores. Com isso, as condicionantes desse processo não passam de forma mecânica, das estruturas sociais para as ações dos sujeitos, necessita-se de um trabalho social e linguístico de reconhecimento.

A interação social atua na produção de sentido, por meio de uma relação triangular que subordina a referência contextual de mundo à intersubjetividade dos interlocutores. Nessa perspectiva, a intencionalidade dos sujeitos comunicantes fica condicionada a uma dimensão ativa e estratégica que designam o projeto de fala: “fazer fazer” – factivo; “fazer saber” – informativo; “fazer crer” – persuasivo; “fazer prazer” – sedutor. Essas são formas de organização do discurso, que podem ser julgadas mais apropriadas para influenciar os interlocutores.

Entretanto, há limitações nesse processo, pois o sujeito comunicante ao definir seu projeto de fala, se orienta em circunstâncias materiais específicas, que se define por uma identidade psicossocial particular, tornando sua intencionalidade socialmente condicionada. Além disso, o sujeito destinatário também tem uma identidade e uma intencionalidade definidas. Sendo assim é preciso o conhecimento de um sobre o outro para que se molde estratégias de interação e a redefinição constante do projeto de fala, limitando o sujeito comunicante, de acordo com o contrato de comunicação e as condições de sua realização, mesmo com a liberdade de escolhas nas estratégias.

A partir desse modelo de análise será feito o trabalho de interpretação dos indícios discursivos com enfoque na nossa proposta de analisar o logos patêmico, ou seja, os modos discursivos que a mídia desenvolve para “fazer sentir”. Com isso, por meio da leitura, decomposição, descrição, análise e reflexão do material, encontraremos traços característicos recorrentes do refugiado sírio em cada construção de acontecimento, que possam demonstrar como se dá o processo de dramatização como estratégia discursiva.

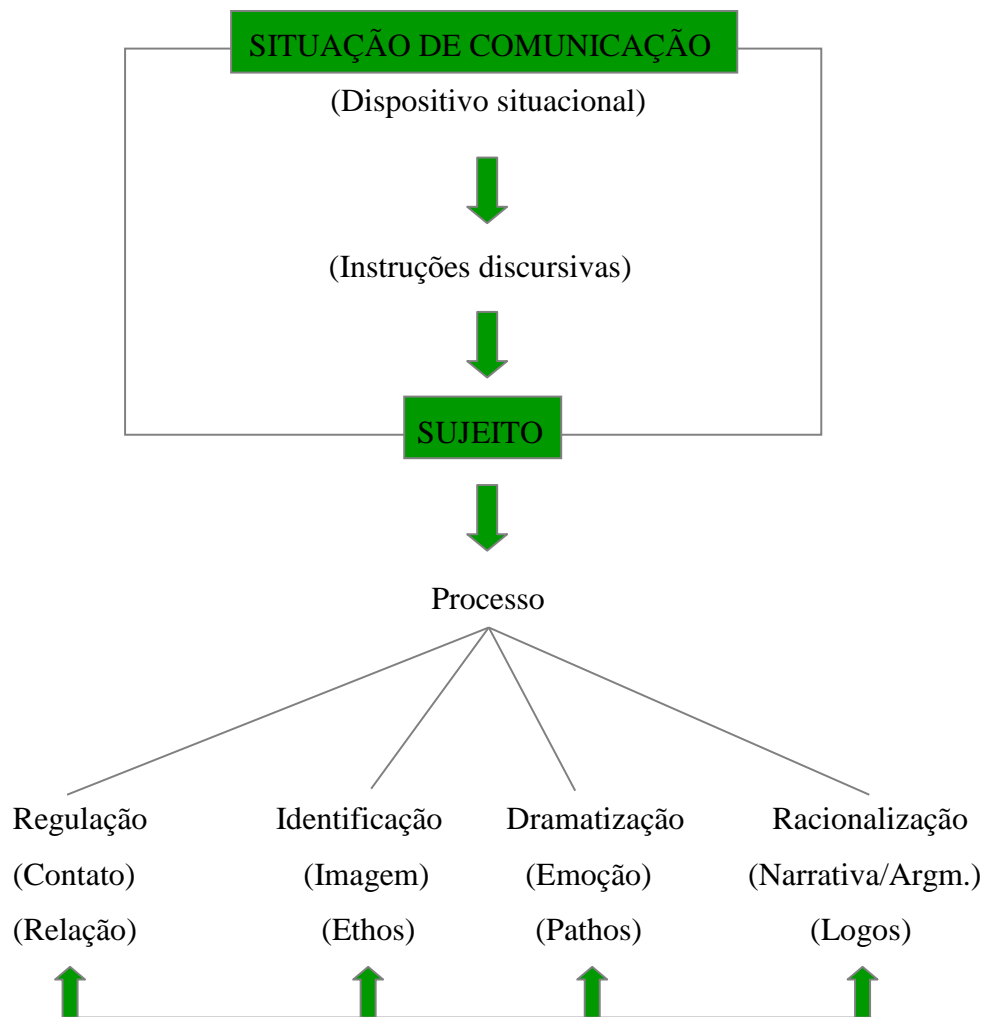
3.1. CATEGORIAS PATÊMICAS: O DISCURSO EMOTIVO COMO MEDIAÇÃO REPRESENTACIONAL

A posição metodológica que assumimos reflete o nosso objetivo principal em analisar os discursos emotivos sobre os refugiados sírios, com ênfase nas relações entre os sistemas midiático e político. Os materiais empíricos nos revelaram que existe um fator fortemente emocional no processo comunicativo sobre os refugiados sírios, principalmente quando é usada a imagem de crianças vítimas de violência ou mortas.

Visualizamos esse movimento como uma situação de comunicação em que é preciso haver a troca com o outro, conforme propõe Charaudeau (2007), apontando quatro princípios: a) princípio de alteridade - ideia é que não há “Eu sem Tu”; b) princípio de influência - o outro deve entrar no universo discursivo do orador; c) princípio de regulação - corresponde ao projeto de influência e o local de encontro, que geralmente é imprevisível; d) princípio de pertinência – deve ser um local apropriado com ambientes compartilhados.

Esses princípios são regidos por questões que devem ser resolvidas pelo sujeito falante, mais especificamente, na tentativa de tocar o outro, na descrição do mundo que se propõe/impõe. Esse processo ocorre pela enunciação que consiste em: a) justificar a razão pela qual se toma a palavra, ou seja, se busca legitimar e conquistar confiança, pois quem fala exclui do outro o direito à palavra; b) estabelecer um certo tipo de relação com o outro, assegurando um lugar de fala, conhecido como processo de regulação. Assim, segundo o autor, o sujeito falante, com a finalidade da adesão às normas sociais de comportamento, recorre aos procedimentos de enunciação: a) elocutivos: enunciador posiciona seu dito em relação a si mesmo; b) delocutivos: o enunciador não assume a responsabilidade de seu dito, os quais “estão em vigor no grupo social ao qual pertence e são constituídos pelo que a etnometodologia denomina de rituais sócio-lingueiros.

Figura 1 - Esquema de análise discursiva de Charaudeau (2007)



Fonte: Charaudeau (2007)

Entendemos que esse modelo comunicativo com base em Charaudeau (2007) é eficiente para analisar os traços semiológicos das emoções, sejam elas positivas ou negativas, desqualificadoras ou exaltadoras, oportunizando trocas interativas e que, principalmente, têm uma intencionalidade, constituindo as representações sociais. Nesse sentido, visualizamos a linguagem como vetor de organização social, por isso, a análise do discurso se institui como disciplina distinta e, ao mesmo tempo, articuladora dos atravessamentos no sistema social, no que se refere aos “efeitos de emoção”.

A abordagem de Charaudeau (2007) sobre o fenômeno da conquista da audiência pela emoção (*pathos*) define as categorias patêmicas acima como uma “racionalidade subjetiva”, constituída pela intenção do sujeito e o objeto imaginado, em que ocorre a

mediação das representações, gerando as emoções representacionais, ou seja, a representação desse objeto imaginado. Este, por sua vez, é constituído pelas normas de referências de cada sujeito, ou seja, as crenças, subjetividades, informações recebidas, experiências e valores.

Essas crenças testemunham, ao mesmo tempo, uma relação de desejabilidade que o grupo social empreende com sua experiência da cotidianidade e um tipo de comentário de inteligibilidade que é produzido sobre o real, uma espécie de metadiscorso revelador de seu posicionamento (CHARAUDEAU, 2007, p.241).

Sendo assim, o sujeito falante constrói situações de comunicação em um processo de dramatização que consiste em provocar a adesão passional do outro atingindo suas pulsões emocionais. Mesmo que esta visada seja da ordem dos sentimentos e da sensibilidade, o autor destaca que as intencionalidades orientam os discursos em direção a um objeto imaginado, já que este objeto é extirpado da realidade para se tornar um real significativo. Diante disso, a mediação representacional varia fazendo também com que varie o efeito para cada sujeito, dependendo da sua construção de objeto representacional.

Para o autor, com o objetivo de tocar o outro, o sujeito falante precisa utilizar estratégias discursivas que tendem a despertar a emoção e os sentimentos do interlocutor, de maneira a seduzir ou, ao contrário, lhe fazer medo. Isso fará com que o outro não questione a fala em questão e se deixe levar pelos movimentos de seus afetos. Esse tipo de construção emotiva é efetivada na medida da resposta do público, que atendeu ao apelo estratégico e colocou em circulação novos sentidos, constituindo os circuitos de diversos tipos.

Essa visão de emoção ativada na relação entre discurso, efeito possível e sujeito impõe elementos-chaves para a construção de um objeto. Por exemplo, uma criança vítima de violência pode ter várias relações com as ideias de piedade, fragilidade, revolta, incorformidade, etc. Charaudeau (2007) esclarece que o discurso é exclusivamente ativador de emoções e potencializador de sensações. Sendo assim, é uma ferramenta para um efeito possível, já que o sentimento não pode ser previsto, refutado ou mudado. Entretanto, o discurso que pretende produzir essa emoção é totalmente refutável: “podemos replicar a alguém que tenta nos sensibilizar ‘você pode se fazer de vítima, mas você não vai me comover’ (CHARAUDEAU, 2007, p. 242).

Enquanto traço semiológico da emoção, podemos elencar a linguagem verbal, gestos, mímicas, expressões que especificam cólera, horror, angústia, indignação, vítima, assassinato, crime, massacre, imagens de sangue, destruição, desmoramentos, etc. No entanto, elas designam ou suscitam estados emocionais, mas não provocam, necessariamente, emoções, pois, segundo Charaudeau (2007), a verdadeira emoção não é dita e sim sentida. “O que se pode dizer é que estas palavras e estas imagens são, cada vez menos, “bons candidatos” para o desencadeamento de emoções”.

Nesse sentido, ao encontro do que Charaudeau (2007) propõe em seu modelo de análise, as narrativas e argumentos dos sujeitos produzem efeitos patêmicos possíveis, que atuam na construção social da crise humanitária dos refugiados sírios. É precisamente na racionalização dos argumentos que nos interessa encontrar as respostas para a nossa questão de pesquisa, para entendermos **como a construção de realidades sobre os refugiados sírios intensifica a circulação de discursos emocionais que permitam que esta pauta se autocomplexifique, permaneça na agenda midiática e, conseqüentemente, se manifeste na agenda política de forma efetiva?**

3.2. EMOÇÕES COMO ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS

Para atingir nossos objetivos de pesquisa, analisaremos os discursos sobre a temática dos refugiados sírios, ancorados na premissa de que em alguns momentos desse processo comunicativo, as emoções são apelos eficientes para o ápice midiático. Sendo assim, serão analisados os possíveis efeitos emotivos, suscitados através de estratégias discursivas empregadas. Essa ideia surge do entendimento de que uma argumentação puramente lógica nem sempre tem a força persuasiva necessária para que o interlocutor se comova. Por isso, é necessário fundamentar o discurso a partir da argumentação das emoções, situação onde se encaixam as estratégias patêmicas.

Diante disso, a visão dicotômica entre razão e emoção, herdada da retórica clássica, é aniquilada a partir da relação de Charaudeau (2007) entre: regulação (lugar de fala/contato), *ethos* (identificação/imagem), *pathos* (dramatização/emoção) e *logos* (argumentos/narrativa), vista como constituidora das estratégias patêmicas, que têm a finalidade de tocar na afetividade do interlocutor acionando imaginários sociodiscursivos, construindo sentidos sociais e alicerçando pontes entre cognição e ação.

Nessa visão, Figueiredo (2014) discorre sobre a ideia das emoções inscritas no dizer e apresenta provas patêmicas entre a argumentação e a análise do discurso. Para ele,

as emoções são construções languageiras, ou seja, ganham materialidade pelo dizer (verbal e não-verbal). Assim, os sentidos são projetados e a recepção demanda uma avaliação de sujeito interpretante, o qual recorre ao arcabouço de saberes de crenças sobre o objeto em voga para representá-lo.

Amossy (2018) apresenta um estudo aprofundado do argumento e seu funcionamento nas práticas discursivas, se propondo a analisar o uso que se faz da linguagem em situações concretas de comunicação. O objeto da argumentação é definido pela autora como os meios verbais que uma instância de locução utiliza para agir sobre seus alocutários, tentando fazê-los aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e as opiniões que ela lhes oferece, ou simplesmente orientar suas maneiras de ver, ou de suscitar questionamento sobre um dado problema.

Ao discutir especificamente as vias do *logos* e do *pathos*, Amossy (2018) define elementos pragmáticos para a análise argumentativa, são eles: o dito, em forma de estratégias de apresentação e de encadeamento, o não dito, ou o poder implícito, bem como os conectores. Sobre o *pathos* ou o papel das emoções na argumentação, a autora observa que os diferentes elementos emocionais e racionais são tecidos na mesma trama discursiva, e, por isso, são inseparáveis.

A questão que se coloca é a de saber como uma argumentação pode não expressar, mas suscitar e construir emoções discursivamente. Pode-se, em um primeiro momento, evocar dois casos típicos: aquele em que a emoção é mencionada explicitamente e aquele em que ela é provocada sem ser designada (AMOSSY, 2018, p. 207).

Nesse entendimento, o primeiro caso é literal e as expressões são claras. No entanto, o problema seria quando se omite qualquer traço que pertença ao campo lexical das emoções. Sendo assim, a autora traz à tona as questões defendidas por Plantin (1997), para distinguir o efeito patêmico visado a partir de uma tópica. Refere-se ao entendimento do que provoca certo tipo de reação afetiva em determinada cultura, no interior de uma dada situação discursiva, por meio das seguintes perguntas: De quem se trata? De que se trata? Onde? Qual é a causa? A causa pode ser controlada?

Na prática analítica, entendemos que essas perguntas podem indicar uma orientação de interpretação e justificar emoções no auditório, sobredeterminado pela sua cultura. Isso é garantido, segundo Amossy (2018), pelas normas, valores e crenças implícitas que sustentam as razões para suscitar o sentimento. Com isso, criamos o enlace

metodológico das visadas emotivas, partindo das categorias patêmicas de Charaudeau (2007), criando um modelo de análise que atenda ao objetivo de examinar como se dá a patemização dos argumentos nos discursos sobre a crise dos refugiados sírios.

4. CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA: SENSIBILIDADES INDICIÁRIAS DA PESQUISA

Este capítulo apresenta o percurso metodológico utilizado para atingir os objetivos propostos na tese, caracterizada como uma pesquisa do tipo exploratória-explicativa, por ter surgido da aproximação com os materiais empíricos, possibilitado a problematização de um fenômeno comunicacional e dado início à hipótese do ápice midiático, que tem como premissa as emoções como estratégias de impulsionamentos, em escala global, geradoras de mudanças na estrutura social. Após esse processo exploratório, foram realizadas as descrições, articulações teóricas e sistematizações dos materiais empíricos, para então, explicar como se dá esse fenômeno em um nível maior de complexidade.

Com isso, nosso objeto empírico constitui-se de **(1)** Levantamento da produção de conhecimento da área da comunicação sobre o tema refugiados; **(2)** Revisão teórica das noções de Políticas Migratórias, Refúgio, Multiplicidade Territorial, Historização Política e Cultural Síria, Teoria dos Sistemas Sociais, Acontecimento, Análise do Discurso, Patemização e Argumentação no Discurso **(3)** Coleta de dados para formação do *corpus* de pesquisa – capturar e armazenar os episódios comunicacionais sinalizados na aproximação empírica como aqueles que foram publicados nas primeiras horas após a instauração do acontecimento; **(4)** Sistematização e identificação das classes textuais e emoções recorrentes, geradoras das pré-categorias de análise, com aplicação do *software* de Análise Textual Discursiva (ATD) Iramuteq; **(5)** Análise macroestrutural dos contextos comunicacionais das notícias; **(6)** Análise e interpretação das notícias a partir das categorias de análise formadoras da racionalidade patêmica.

A seleção do *corpus* foi realizada dentro do critério de relevância a partir de acontecimentos que marcaram a história recente dos refugiados sírios, que despertaram comoção social, resultando em protestos, ou que modificaram alguma estrutura do sistema social, como por exemplo, novas políticas públicas, ou um decreto vetando a entrada de imigrantes em determinado país, restringindo direitos de refugiados ou solicitantes de refúgio, ou uma fusão/divisão geopolítica. Assim, foi formulada uma sistematização que tem a função de constituir uma coleção que identifica recorrências da atuação dos atores sociais, por meio de seus discursos midiáticos, a partir de um universo amostral com características fidedignas.

Braga (2013) discorre sobre o processo de construção de conhecimento em comunicação como uma “disciplina indiciária” (p.74), ou seja, são selecionados indícios para a investigação de fenômenos complexos, formando o “dispositivo interacional” com seus códigos decorrentes de “episódios comunicacionais”. O autor destaca o poder de transformação e engajamento social da comunicação. E isso pode ser examinado através da decodificação, já que apreensão dos códigos possibilita a compreensão dos fenômenos comunicacionais. O enfoque epistemológico mais produtivo seria ainda o de buscar as regras - as regularidades estatísticas e as lógicas codificadas que definem as comunicações em que a sociedade se engaja.

Essa visão soma-se a aportes metodológicos já descritos por Braga (2008) para entender: a) as leis e regularidades expressas em teorias de outras áreas como direito, sociologia, antropologia, geografia, economia, religião e política; b) conhecimento sobre o mundo, derivados de outros modos de observação e análise em disciplinas não nomotéticas que permitem o reconhecimento de fenômenos de forma abrangente para uma fundamentação transferível à área da comunicação; c) além de proposições abrangentes derivadas de elaborações ensaísticas e de especulações reflexivas, geradas na área ou a partir de áreas vizinhas quando essas pensam questões de seu interesse, mas que confluem com preocupações da área da comunicação.

Com isso, entendemos que a construção desta pesquisa se faz na relação entre os aportes mais gerais e os dados indiciários, pois só assim poderemos chegar a um nível superior ao descritivo, percebendo realidades mais complexas sobre um fenômeno singular da imagem de uma criança morta, que despertou uma grande comoção e adesão social, seguido de novos micro acontecimentos (SANTOS, 2005), aqui, entendidos como desdobramentos que levam adiante a tematização dos refugiados sírios na mídia. Entretanto, o que defendemos é que existe uma lógica peculiar que potencializa esse funcionamento social-midiático, o apelo à dor e ao sofrimento infantil.

4.1. A FORMAÇÃO DO *CORPUS*

Para compreendermos os movimentos de picos da chamada – midiaticamente - Crise dos Refugiados e defendermos a hipótese do ápice midiático, analisamos episódios que despertaram debates públicos significantes e que utilizaram a imagem de morte, dor e sofrimento de crianças, com algum teor de dramatização e recursos emocionais. Os episódios comunicacionais selecionados por meio de nosso trabalho indiciário são:

- a) o episódio de Aylan Kurdi, menino de 3 anos, encontrado morto à beira-mar, na Turquia, depois de ter naufragado no Mar Mediterrâneo, enquanto fazia um deslocamento forçado desde Aleppo, na Síria.

Imagem 1 - Foto de destaque da Folha.com - 02/09/2015



Fonte: folha.com - Crédito foto: Nilüfer Demir/Dogan News Agency

- b) o episódio do menino sírio Zaid Abdul, de 7 anos, que tentava entrar na Hungria, no colo do pai, Osama Abdul Mohsen, quando foi derrubado por uma rasteira dada pela cinegrafista húngara Petra Laszlo;

Imagem 2 - Foto de destaque The New York Times – 08/09/2015



Fonte: nytimes.com - Crédito foto: Agência Efe

c) o episódio do menino Omran Daqneesh, de 5 anos, depois de ser ferido em um bombardeio na sua cidade natal Aleppo, em 18 de agosto de 2016, ao ser resgatado dos escombros, em estado de choque, não expressava nenhuma reação de dor ou medo.

Imagem 3 - Foto de destaque Al Jazeera – 19/08/2016



Fonte: aljazeera.com - Crédito foto: Mahmoud Rislwan/Aleppo Media Center

- d) o episódio de Abdel Hameed Al-Youssef, pai que perdeu dois filhos, um casal de gêmeos de 9 meses, Aya e Ahmad, sua mulher e outros parentes no ataque químico de 4 de abril de 2017, o qual matou cerca de 72 pessoas na cidade de Khan Sheikhun, no noroeste da Síria.

Imagem 4 - Foto de destaque The New York Times – 05/04/2017



Fonte: nytimes.com - Crédito foto: Alaa Al-youssef/Associated Press

4.1.1. A escolha dos veículos

Depois de elencarmos quatro episódios, de acordo com a exploração empírica, escolhemos quatro canais digitais de referência: no Brasil, Folha de São Paulo; na Europa, Euronews; nos Estados Unidos, The New York Times; e no Oriente Médio, Al Jazeera. A justificativa da escolha se dá devido aos jornais abordarem assuntos mundiais, com importante espaço para a temática dos refugiados e também estarem situados em diferentes países, no espectro do processo de desterritorialização. Além disso, dispõem de recursos e condições estruturais, empresariais e tecnológicas de produção semelhantes.

Assim, uma análise dos fenômenos dos episódios comunicacionais, a partir desses quatro veículos digitais, é geradora de subsídios potenciais para, efetivamente, dar conta da demanda proposta. É importante considerar que as traduções das notícias em língua estrangeira foram realizadas com o auxílio dos próprios recursos de tradução dos sites dos veículos, assim como do site www.linguee.com.br.

O jornal Folha de São Paulo também nomeado Folha de S.Paulo ou simplesmente Folha é originário do jornal Folha da Noite, fundado em 1921, e é editado na cidade de São Paulo. É o maior jornal impresso em circulação do Brasil, com 332.415 exemplares, segundo o Instituto Verificador de Comunicação (IVC), em março de 2019. Em 2017, o jornal lançou um documento com a nova linha editorial, com dimensão analítica, interpretativa e opinativa, propondo iluminar os fatos, destacando a relevância do jornalismo profissional para manter nítida a distinção entre notícia e falsidade, além de defender o diálogo pluralista em contraponto à intolerância que “assola as redes sociais, acentuada pela recente onda internacional de populismo nacionalista ultraconservador” (FOLHA, 2017). Na sua versão digital, o jornal possui o sistema de pagamento *paywall*, desde 2012, que consiste em um modelo de monetização, em que é cobrado pelo acesso ao conteúdo do site. Segundo dados do IVC, em 2016, a Folha foi o primeiro jornal brasileiro a ter circulação digital maior do que a impressa.

Euronews é um canal de informação multiplataforma: rede analógica, rede digital de televisão (TDT), por cabo coaxial, em aviões e hotéis; através de IPTV e por dispositivos móveis, multilíngue e pan-europeia, surgido em 1993 e sediado em Lyon, na França. De acordo com o próprio site, foi o primeiro veículo do mundo a difundir em maior variedade de idiomas. Sendo assim, os mesmos conteúdos são traduzidos para os idiomas: alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, português, russo, árabe e turco, além de emitir blocos esporádicos em ucraniano e romeno. Ainda de acordo com a emissora, a missão dela é a cobertura internacional dos eventos numa perspectiva europeia, evitando o uso do sensacionalismo e permitindo que cada espectador possa criar uma opinião livre sobre o mundo. Em Portugal, pode ser visto 24h por dia em todos os fornecedores de pacotes televisivos. No Brasil, é operado pela Globosat e está disponível na operadora de TV a cabo TV Alphaville pelo canal 203. O site possui livre acesso sem cobrança para acesso ao conteúdo, nem login de usuário.

O The New York Times é um jornal diário estadunidense, fundado e publicado em Nova York desde 18 de setembro de 1851, pela The New York Times Company. É o maior detentor de prêmios Pulitzer, totalizando 117. Possui a maior circulação entre os

jornais metropolitanos nos Estados Unidos e está classificado em 39º no mundo. A estimativa de circulação é de 876.638 jornais impressos em dia útil e 1.352,358 aos domingos. Segundo o site do jornal, a versão digital surgiu em 1996, sendo cobrado o acesso a partir de 2010, e em 2018 as assinaturas online se transformaram no principal fator de monetização do jornal, com mais de 3 milhões de assinantes. É acessado mensalmente por cerca de 20 milhões de usuários, tornando-o o quinto site de notícias mais visitado no ambiente virtual.

Al Jazeera é um importante canal informativo do mundo árabe, com sede em Doha, no Catar, transmitindo as notícias em língua árabe e inglês, por meio de emissora televisiva, via satélite e cabo, e site. Criado em 1996, por Hamad bin Khalifa Al Thani, logo se destacou por alcançar um nível de liberdade de expressão e de oposição difícil de ser alcançado naquela região, devido a cultura jornalística de porta-voz de comunicados oficiais, em decorrência do controle e censuras dos governos do Oriente Médio. A audiência da emissora cresceu depois de coberturas como as guerras do Afeganistão, quando ganhou atenção de muitos no ocidente durante a caçada a Osama bin Laden e o Talibã no Afeganistão, depois dos ataques de 11 de Setembro. Assim como, a invasão dos Estados Unidos ao Iraque, em 2003, quando as instalações da rede e gravações foram novamente procuradas por redes internacionais. Depois disso, o site tornou-se alternativa para relatórios incorporados e conferências da imprensa militar. A credibilidade das informações é construída pela cobertura agressiva e assumidamente impulsionadora de emoções, fazendo conexões entre os acontecimentos do mundo árabe e o resto do mundo, já que, cada vez mais, os conteúdos do canal são retransmitidos em veículos americanos, britânicos, entre outros ocidentais, tais como CNN e a BBC.

A seguir, descreveremos e analisaremos os elementos da composição noticiosa, com suas informações primárias de autoria, número de fontes ouvidas, horário de publicação, compartilhamentos e reações imediatas nos sites dos jornais. Logo em seguida, a Mecânica Discursiva, a partir do “ponto de vista situacional” e “ponto de vista intencional”, conforme define Charaudeau (2007). Para então, na sequência, identificarmos e categorizarmos os Mecanismos Estratégicos do Discurso, nas suas manifestações, a partir da sistematização e identificação das classes textuais e emoções recorrentes, com aplicação do *software* de Análise Textual Discursiva (ATD) Iramuteq. Por fim, trazemos a análise e interpretação das notícias a partir do grande grupo de categorias de análise (Tabela 5.4), no intuito de verificar como se dá a episodialização desses acontecimentos midiáticos com visadas patêmicas.

5. SISTEMATIZAÇÃO DE ANÁLISE: GARIMPANDO AS CATEGORIAS PATÊMICAS

Para melhor elucidar nosso esquema analítico, trabalhamos duas dimensões, são elas: a) Elementos da composição da notícia, com seus pontos de vistas situacionais e a formação de um contexto comunicacional – visão macroestrutural; b) Mecânica discursiva, com seus pontos de vistas intencionais e mecanismos estratégicos da organização do discurso, mapeando categorias primárias e emoções recorrentes.

Após a identificação desses elementos textuais discursivos, inferimos e estabelecemos as categorias de análise do grande grupo, que atuam no que chamamos de “racionalização patêmica”, com base nas formulações de Charaudeau (2007).

5.1. VISÃO DO TODO: FORMAÇÃO DE UM CONTEXTO COMUNICACIONAL

O *corpus* analisado possui as características do gênero textual jornalístico notícia, com maior teor informativo. Os textos são descritivos e narrativos, apresentando, portanto, tempo, espaço e os personagens envolvidos. Dentro da categorização de Charaudeau (2006), as notícias são “acontecimentos relatos (AR)” e a mecânica discursiva ocorre a partir do conteúdo temático de cada episódio comunicacional, elencados como Episódios a) Aylan Kurdi; b) Zaid Abdul; c) Omran Daqeenesh; e d) Aya e Ahmed al-Yousef.

Focamos a análise a partir da personalização de cada criança, entendendo que elas são os elementos da notícia que contribuem significativamente para impulsionar os apelos emocionais de cada situação de fala, considerando a localização da sede de cada jornal, se utiliza ou não agências de notícias e correspondentes internacionais, o uso das fontes, o horário de publicação e atualização das notícias, as formas de compartilhamentos das notícias e possibilidade de participação dos leitores. Nesse intuito, atrelado ao ponto de vista situacional do esquema de Charaudeau (2007), esse nível de análise contribui para a formação de uma contextualização comunicacional – macroestrutural.

A seguir, apresentamos 16 tabelas com as partes essenciais das notícias pertencentes ao *corpus*, para assim, verificarmos aspectos gerais de organização do discurso, com suas informações primárias, para situarmos, analisarmos e entendermos a formação do contexto comunicacional.

Tabela 1 - Elementos da composição da notícia – Episódio Aylan Kurdi/FSP

Categoria: Acontecimento relato (AR), (CHARAUDEAU, 2006)
Mídia digital: Folha.com – sede em São Paulo, Brasil
Título: “Foto de menino refugiado morto na praia atrai atenção para a crise”
Assinatura: Leandro Colon - De Londres Isabel Fleck – De São Paulo
Data/hora: 02/09/2015 - 18h36 - Atualizado em 03/09/2015 às 02h05
Link: https://m.folha.uol.com.br/mundo/2015/09/1677028-foto-de-menino-refugiado-morto-na-praia-atrai-atencao-para-crise.shtml
Rede social digital: 3.900 compartilhamentos
Comentário no rodapé da notícia: 32 comentários (somente assinantes podem comentar)
Fontes/falas: 02

Fonte: A autora

Figura 2 - Notícia sobre Aylan Kurdi no jornal digital FSP – 02/09/2015

mundo

Foto de menino refugiado morto na praia atrai atenção para crise

LEANDRO COLON
DE LONDRES
ISABEL FLECK
DE SÃO PAULO

02/09/2015 18h36 - Atualizado em 03/09/2015 às 02h05

Compartilhar Ouvir o texto Mais opções

A morte de 12 pessoas na Turquia, simbolizada pela imagem do corpo de Aylan Kurdi, de três anos, à beira do mar, escancarou a tragédia dos milhares de refugiados que tentam chegar à Europa.

A foto da criança foi registrada nesta quarta-feira (2) numa praia na região de Bodrum e divulgada pela agência de notícias turca DHA.

Os 12 foram identificados como sírios que estavam em dois barcos que naufragaram com 23 pessoas em direção à ilha grega de Kos.

As imagens espalharam-se pelas redes sociais e ganharam repercussão no momento em que a Europa discute como lidar com o que considera a maior fluxo de refugiados desde a Segunda Guerra.

O menino está de camiseta vermelha, bermuda e tênis. Numa das imagens, o seu corpo está sozinho, à beira do mar. Em outra, ele é carregado por um policial.

PUBLICIDADE

Refugiados morrem afogados em Bodrum 1 de 5

ATENÇÃO:
AS IMAGENS A SEGUIR SÃO AGRESSIVAS.



Fonte: folha.com

Tabela 2 - Elementos da composição da notícia – Episódio Aylan Kurdi/Euronews

Categoria: Acontecimento relato (AR), (CHARAUDEAU, 2006)
Mídia digital: Euronews – sede em Lyon, na França
Título: “Migrantes: imagem de corpo de criança provoca onda de choque”
Assinatura: Rodrigo Barbosa com AFP / Reuters
Data/hora: 03/09/2015 – não apresenta hora de postagem
Link: https://pt.euronews.com/2015/09/03/migrantes-imagem-de-corpo-de-crianca-provoca-onda-de-choque
Rede social digital: N/C
Comentário no rodapé da notícia: N/C
Fontes/falas: 0

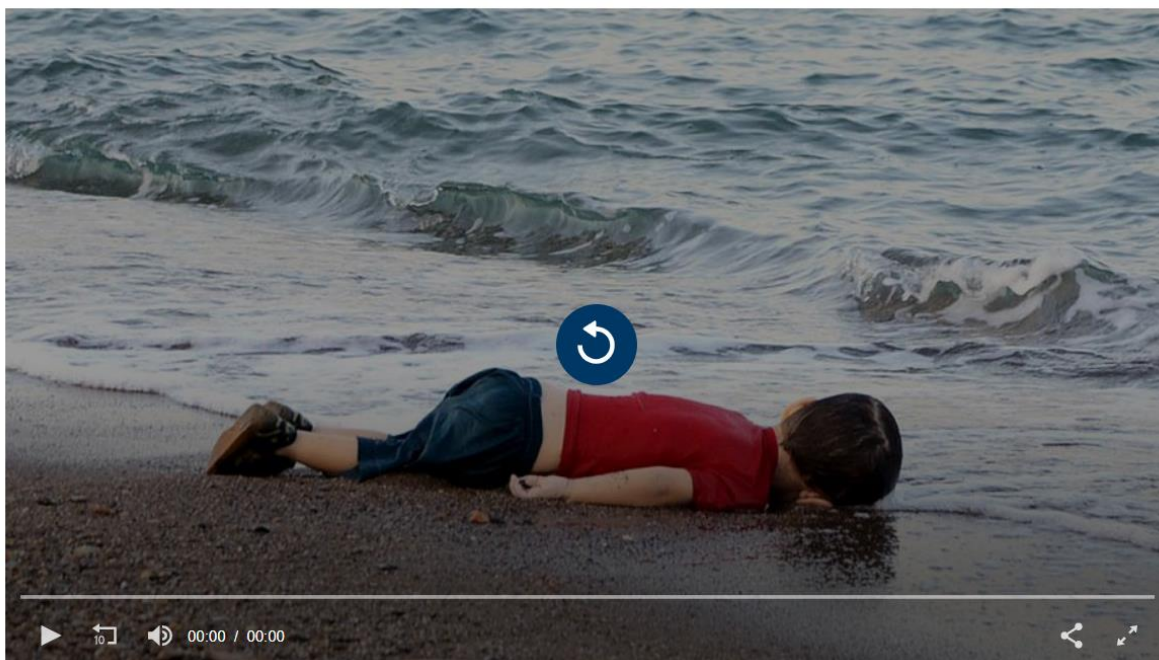
Fonte: A autora

Figura 3 - Notícia sobre Aylan Kurdi no jornal digital Euronews – 03/09/2015

TURQUIA

Migrantes: imagem de corpo de criança provoca onda de choque

De **Rodrigo Barbosa** com AFP / Reuters • Últimas notícias: 03/09/2015



PARTILHE ESTA NOTÍCIA



Numa morgue de Bodrum, na Turquia, familiares de um grupo de refugiados sírios que perderam a vida a tentar chegar por mar à Grécia foram chamados a identificar, esta quarta-feira, algumas das vítimas.

TAMANHO DO TEXTO



Na noite de terça para quarta-feira, o naufrágio de duas embarcações que transportavam 23 migrantes que tentavam chegar à ilha grega de Kos através de uma das mais curtas ligações marítimas entre a Turquia e a Europa saldou-se em pelo menos doze mortos, entre os quais cinco crianças.

Vários corpos deram à costa numa das estâncias balneares de Bodrum.

As imagens mostraram uma das mais trágicas facetas da crise migratória e correram o mundo, em particular a do corpo de um rapaz de 3 anos, identificado pelos meios turcos como Aylan Kurdi, que terá morrido com o irmão de 5 anos no naufrágio.

Fonte: pt.euronews.com

Tabela 3 - Elementos da composição da notícia – Episódio Aylan Kurdi/The New York Times

Categoria: Acontecimento relato (AR), (CHARAUDEAU, 2006)
Mídia digital: The New York Times – sede em Nova Iorque, nos Estados Unidos
Título: “Imagens brutais de garoto sírio afogado na Turquia devem ser vistas, dizem ativistas” (Título original: Brutal Images of Syrian Boy Drowned Off Turkey Must Be Seen, Activists Say)
Assinatura: Robert Mackey, contribuição Liam Stack
Data/hora: 02/09/2015 – não apresenta hora de postagem
Link: https://www.nytimes.com/2015/09/03/world/middleeast/brutal-images-of-syrian-boy-drowned-off-turkey-must-be-seen-activists-say.html?searchResultPosition=15
Rede social digital: N/C
Comentário no rodapé da notícia: N/C
Fontes/falas: 18

Fonte: A autora

OPEN SOURCE

Brutal Images of Syrian Boy Drowned Off Turkey Must Be Seen, Activists Say

By Robert Mackey

Sept. 2, 2015



At least 12 refugees fleeing the war in Syria, including two young boys, drowned on Wednesday while trying to reach [the Greek island of Kos](#) from the Turkish resort town of Bodrum, [according to Turkey's state-owned Anadolu news agency](#).

A sense of weary resignation at the plight of the Syrians — and hundreds of thousands of other refugees and migrants taking desperate risks to reach the safety of Europe — was briefly punctured by horrifying images of one of the young victims, a small boy whose body was discovered, [face down in the sand](#), by a Turkish police officer.



A Turkish police officer carried the body of a young boy who was found dead on a beach on Turkey's Bodrum Peninsula this week. At least 11 migrants believed to be Syrians drowned when two boats sank after leaving southwest Turkey for the Greek island of Kos. Nilufer Demir/DHA, via Reuters

Fonte: nytimes.com

Tabela 4 - Elementos da composição da notícia – Episódio Aylan Kurdi/Al Jazeera

Categoria: Acontecimento relato (AR), (CHARAUDEAU, 2006)
Mídia digital: Al Jazeera – sede em Doha, no Catar
Título: “Curdos choram por irmãos refugiados afogados de Kobane, na Síria” (Título original: Kurds mourn drowned refugee brothers in Syria's Kobane)
Assinatura: Al Jazeera e Agências
Data/hora: 04/09/2015 – não apresenta hora de postagem
Link: https://www.aljazeera.com/news/2015/09/syria-refugees-kobane-ayalan-kurdi-150904072950315.html
Rede social digital: N/C
Comentário no rodapé da notícia: N/C
Fontes/falas: 03

Fonte: A autora

NEWS / SYRIA'S CIVIL WAR

Kurds mourn drowned refugee brothers in Syria's Kobane

Syrian-Kurdish man who lost his wife and two sons when their boat capsized en route to Greece returns to bury family.

4 Sept 2015



The Syrian-Kurdish boy whose death has become a symbol for the desperate plight of refugees trying to escape the war and find safety in Europe, has been laid to rest, along with his brother and mother.

**MORE ON HUMANITARIAN
CRISES**

British founder of Syria's
White Helmets found dead in
Turkey

Fonte: aljazeera.com

Tabela 5 - Elementos da composição da notícia – Episódio Zaid Abdul/FSP

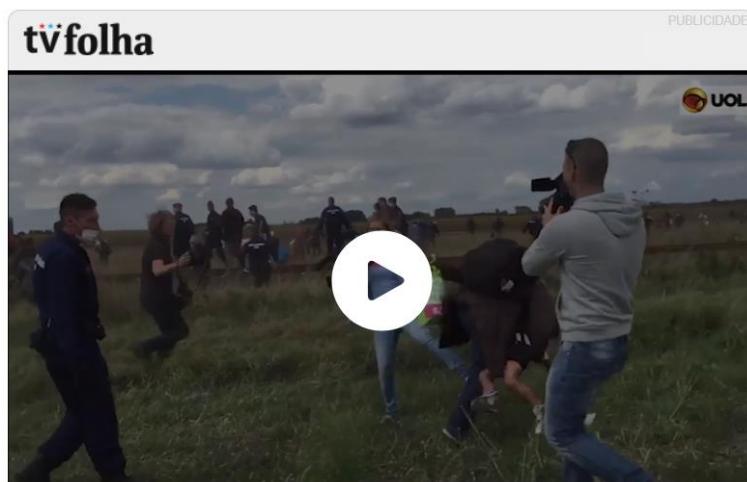
Categoria: Acontecimento relato (AR), (CHARAUDEAU, 2006)
Mídia digital: Folha.com – sede em São Paulo, Brasil
Título: “Cinegrafista faz refugiado tropeçar enquanto fugia da polícia na Hungria”
Assinatura: Agência de notícias
Data/hora: 08/09/2015 – 21h11
Link: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/09/1679213-cinegrafista-faz-refugiado-tropear-enquanto-fugia-da-policia-na-hungria.shtml
Rede social digital: N/C
Comentário no rodapé da notícia: 24 comentários
Fontes/falas: 02

Fonte: A autora

Figura 6 - Notícia sobre Zaid Abdul no jornal digital FSP - 08/09/2015

mundo

Cinegrafista faz refugiado tropeçar enquanto fugia da polícia na Hungria



DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

08/09/2015 @ 21h11



Uma cinegrafista de um canal de TV nacionalista da Hungria foi flagrada chutando duas crianças refugiadas e fazendo um homem cair enquanto eles corriam da polícia em Roszke, logo após cruzarem a fronteira com a Sérvia.

As imagens foram gravadas pelo repórter alemão Stephan Richter, que divulgou o vídeo no Twitter nesta terça (8). Nos 20 segundos de imagem, Petra Laszlo aparece provocando a queda de um homem que levava uma menina.

Marko Djurica/Reuters



Cinegrafista chutou imigrante que levava uma criança e fugia da polícia em cidade fronteiriça na Hungria

Fonte: folha.com

Tabela 6 - Elementos da composição da notícia – Episódio Zaid Abdul/Euronews

Categoria: Acontecimento relato (AR), (CHARAUDEAU, 2006)
Mídia digital: Euronews – sede em Lyon, na França
Título: “Jornalista húngara pontapeia refugiados no campo de Röszke”
Assinatura: Euronews
Data/hora: 09/09/2015 – não apresenta hora de postagem
Link: https://pt.euronews.com/2015/09/09/jornalista-hungara-pontapeia-refugiados-no-campo-de-roszken
Rede social digital: N/C
Comentário no rodapé da notícia: N/C
Fontes/falas: 0

Fonte: A autora

Figura 7 - Notícia sobre Zaid Abdul no jornal digital Euronews - 09/09/2015

HUNGRIA

Jornalista húngara pontapeia refugiados no campo de Röszke

De Euronews · Últimas notícias: 09/09/2015



PARTILHE ESTA NOTÍCIA



Foi um repórter alemão que captou as imagens que estão a provocar aceras reacções de indignação. Nelas podemos ver uma jornalista húngara a literalmente passar uma rasteira a um pai que fugia com um bebé nos braços, provocando a queda de ambos. Petra Lászlo estava ao serviço da televisão N1, ligada ao movimento de extrema-direita Jobbik. Terá sido despedida após a divulgação das imagens.

TAMANHO DO TEXTO



Noutro momento, a mulher pontapeia outros dois refugiados junto ao campo de Röszke. Se a justiça húngara decidir apresentar uma acusação formal contra Lászlo, esta pode vir a enfrentar uma pena de prisão de cinco anos.

Fonte: pt.euronews.com

Tabela 7 - Elementos da composição da notícia – Episódio Zaid Abdul/The New York Times

Categoria: Acontecimento relato (AR), (CHARAUDEAU, 2006)
Mídia digital: The New York Times – sede em Nova Iorque, nos Estados Unidos
Título: “Jornalista húngara Petra Laszlo demitida por chutar migrantes diante das câmeras” (Título original: Hungarian Journalist, Petra Laszlo, Fired for Kicking Migrants on Camera)
Assinatura: Robert Mackey
Data/hora: 08/09/2015 – não apresenta hora de postagem
Link: https://www.nytimes.com/2015/09/09/world/europe/hungarian-journalist-fired-after-abusing-migrants-on-camera.html?searchResultPosition=2
Rede social digital: N/C
Comentário no rodapé da notícia: N/C
Fontes/falas: 05

Fonte: A autora

Figura 8 - Notícia sobre Zaid Abdul no jornal digital The New York Times – 08/09/2015

OPEN SOURCE

Hungarian Journalist, Petra Laszlo, Fired for Kicking Migrants on Camera

By Robert Mackey

Sept. 8, 2015



An Internet television channel associated with Hungary's far-right Jobbik party fired a camera operator on Tuesday after images of her kicking and tripping migrants spread across social networks.

The camerawoman, [identified as Petra Laszlo](#) by the Hungarian news site 444.hu, was [captured on video](#) tripping a migrant fleeing from the police at a [makeshift relocation camp in Roszke](#), a few hundred yards from the Serbian border.



Fonte: nytimes.com

Tabela 8 - Elementos da composição da notícia – Episódio Zaid Abdul/Al Jazeera

Categoria: Acontecimento relato (AR), (CHARAUDEAU, 2006)
Mídia digital: Al Jazeera – sede em Doha, no Catar
Título: “Hungarian TV journalist fired for tripping, kicking refugees” (Título original: Jornalista de TV húngara demitida por tropeçar e chutar refugiados)
Assinatura: Reuters
Data/hora: 09/09/2015 – 7h36min
Link: http://america.aljazeera.com/articles/2015/9/9/hungarian-journalist-fired-for-tripping-refugees.html
Rede social digital: N/C
Comentário no rodapé da notícia: N/C
Fontes/falas: 03

Fonte: A autora


Figura 9 - Notícia sobre Zaid Abdul no jornal digital Al Jazeera – 09/09/2015

INTERNATIONAL

Hungarian TV journalist fired for tripping, kicking refugees

Chief editor at N1TV calls camerawoman's actions 'shocking and unacceptable'

September 9, 2015 7:36AM ET



A camerawoman for a private television channel in Hungary was fired late on Tuesday after videos of her kicking and tripping refugees fleeing police spread in the media and on the Internet.

Fonte: america.aljazeera.com

Tabela 9 - Elementos da composição da notícia – Episódio Omran Daqneesh/FSP

Categoria: Acontecimento relato (AR), (CHARAUDEAU, 2006)
Mídia digital: Folha.com – sede em São Paulo, Brasil
Título: “Imagem de menino de 5 anos após bombardeio em Aleppo gera comoção”
Assinatura: Agências de notícias
Data/hora: 18/08/2016 08h49 - Atualizado às 20h32
Link: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/08/1804292-imagem-de-menino-de-5-anos-apos-bombardeio-em-aleppo-gera-comocao.shtml
Rede social digital: N/C
Comentário no rodapé da notícia: 07 comentários
Fontes/falas: 02

Fonte: A autora

Figura 10 - Notícia sobre Omran Daqneesh no jornal digital FSP – 18/08/2016

mun

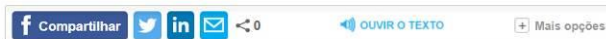
Imagem de menino de 5 anos após bombardeio em Aleppo gera comoção



Imagem divulgada por rebeldes sírios mostra Omran, 5, em ambulância após ataque aéreo em Aleppo

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

18/08/2016 © 08h49 - Atualizado às 20h32



Um menino de cinco anos, coberto de sangue e poeira, olha assustado para a câmera. Sentado em um banco dentro de uma ambulância, sua imagem gerou comoção internacional.

Omran Daqneesh foi vítima de um ataque aéreo em Aleppo, no norte da Síria. O bombardeio ocorreu em um bairro controlado pelos rebeldes opositores do ditador sírio, Bashar al Assad, em meio à guerra civil que consome o país há cinco anos.

O garoto chegou ao hospital na noite de quarta-feira (17) com ferimentos na cabeça, mas já recebeu alta. O ataque ocorreu minutos após um caça decolar da base russa em Latakia, no litoral da Síria. A Rússia é importante aliada de Assad e realiza frequentes bombardeios nas áreas rebeldes.



Fonte: folha.com

Tabela 10 - Elementos da composição da notícia – Episódio Omran Daqneesh/Euronews

Categoria: Acontecimento relato (AR), (CHARAUDEAU, 2006)
Mídia digital: Euronews – sede em Lyon, na França
Título: “Síria: Fotografia de criança ensanguentada torna-se símbolo do sofrimento em Aleppo”
Assinatura: Euronews
Data/hora: 18/09/2015
Link: https://pt.euronews.com/2016/08/18/siria-fotografia-de-crianca-ensanguentada-torna-se-simbolo-do-sofrimento-em
Rede social digital: N/C
Comentário no rodapé da notícia: N/C
Fontes/falas: 0

Fonte: A autora

Figura 11 - Notícia sobre Omran Daqneesh no jornal digital Euronews – 18/08/2016

SÍRIA

Síria: Fotografia de criança ensanguentada torna-se símbolo do sofrimento em Aleppo

De Euronews • Últimas notícias: 18/08/2016



PARTILHE ESTA NOTÍCIA



A imagem de uma criança de cinco anos ferida num bombardeamento a Aleppo, sentada numa ambulância, coberta de pó, ferida e desorientada tornou-se num dos símbolos o sofrimento dos 1,5 milhões de civis cercados na cidade síria.

A imagem foi divulgada pelo grupo de ativistas anti-regime Aleppo Media Center. A criança, já identificada como Omran Daqneesh, estava no bairro de Qaterji, controlado pelos rebeldes, quando este foi bombardeado esta quarta-feira à noite

Imagem já foi partilhada por milhares de pessoas na Internet.

TAMANHO DO TEXTO



Fonte: pt.euronews.com

Tabela 11 - Elementos da composição da notícia – Episódio Omran Daqneesh/The New York Times

Categoria: Acontecimento relato (AR), (CHARAUDEAU, 2006)
Mídia digital: The New York Times – sede em Nova Iorque, nos Estados Unidos
Título: “Como Omran Daqneesh, 5, tornou-se um símbolo do sofrimento em Aleppo” (Título original: How Omran Daqneesh, 5, Became a Symbol of Aleppo’s Suffering)
Assinatura: Anne Barnard
Data/hora: 18/08/2016
Link: https://www.nytimes.com/2016/08/19/world/middleeast/omran-daqneesh-syria-aleppo.html?searchResultPosition=4
Rede social digital: N/C
Comentário no rodapé da notícia: N/C
Fontes/falas: 06

Fonte: A autora

Figura 12 - Notícia sobre Omran Daqneesh no jornal digital The New York Times – 18/08/2016

How Omran Daqneesh, 5, Became a Symbol of Aleppo’s Suffering



Omran Daqneesh, 5, was rescued after an airstrike in the Syrian city of Aleppo. Within hours, a photo of his dust- and blood-covered face captured the world's attention. This is the story behind the image. Mahmoud Raslan/Aleppo Media Center

By Anne Barnard

Aug. 18, 2016



BEIRUT, Lebanon — In the images, he sits alone, a small boy coated with gray dust and encrusted blood. His little feet barely extend beyond his seat. He stares, bewildered, shocked and, above all, weary, as if channeling the mood of Syria.

Fonte: nytimes.com

Tabela 12 - Elementos da composição da notícia – Episódio Omran Daqneesh/Al Jazeera

Categoria: Acontecimento relato (AR), (CHARAUDEAU, 2006)
Mídia digital: Al Jazeera – sede em Doha, no Catar
Título: “Vídeo assustador de menino sírio confuso se torna viral” (Título original: Haunting video of bewildered Syrian boy goes viral)
Assinatura: Al Jazeera
Data/hora: 19/08/2016
Link: https://www.aljazeera.com/news/2016/08/haunting-video-bewildered-syrian-boy-viral-160818080939606.html
Rede social digital: N/C
Comentário no rodapé da notícia: N/C
Fontes/falas: 03

Fonte: A autora

Figura 13 - Notícia sobre Omran Daqneesh no jornal digital Al Jazeera - 19/08/2016



Fonte: aljazeera.com

Tabela 13 - Elementos da composição da notícia – Episódio Aya e Ahamed al-Yousef/FSP

Categoria: Acontecimento relato (AR), (CHARAUDEAU, 2006)
Mídia digital: Folha.com – sede em São Paulo, Brasil
Título: “Sírio filma adeus de pai a seus bebês mortos em ataque químico na Síria”
Assinatura: Associated Press
Data/hora: 05/04/2017 – 17h24min
Link: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/04/1872890-sirio-filma-adeus-a-seus-bebes-mortos-em-ataque-quimico-na-siria.shtml
Rede social digital: N/C
Comentário no rodapé da notícia: 16 comentários
Fontes/falas: 05

Fonte: A autora

Figura 14 - Notícia sobre Aya e Ahmed no jornal digital FSP – 05/04/2017

mundo


Sírio filma adeus de pai a seus bebês mortos em ataque químico na Síria



O sírio Abdel Hameed al-Youssef dá adeus aos seus gêmeos, mortos no ataque químico de terça-feira

DA ASSOCIATED PRESS

05/04/2017 © 17h24

Compartilhar      OUVIR O TEXTO  Mais opções

O pai embalou seus gêmeos de nove meses, Aya e Ahmed, um em cada braço. Ele penteou seus cabelos e segurou suas lágrimas, murmurando, "diga tchau, bebê, diga tchau" aos seus corpos sem vida.

PUBLICIDADE

Fonte: folha.com

Tabela 14 - Elementos da composição da notícia – Episódio Aya e Ahamed al-Yousef /Euronews

Categoria: Acontecimento relato (AR), (CHARAUDEAU, 2006)
Mídia digital: Euronews – sede em Lyon, na França
Título: “Síria: Testemunhos das vítimas do horror do ataque químico em Idlib”
Assinatura: Euronews
Data/hora: 06/04/2017
Link: https://pt.euronews.com/2017/04/06/siria-testemunhos-das-vitimas-do-horror-do-ataque-quimico-em-idlib
Rede social digital: N/C
Comentário no rodapé da notícia: N/C
Fontes/falas: 02

Fonte: A autora

Figura 15 - Notícia sobre Aya e Ahmed no jornal digital Euronews - 06/04/2017

SÍRIA

Síria: Testemunhos das vítimas do horror do ataque químico em Idlib

De Euronews · Últimas notícias: 06/04/2017



PARTILHE ESTA NOTÍCIA:

As imagens do ataque com armas químicas na cidade de Idlib, na Síria, têm corrido o mundo e provocado reações de revolta e incompreensão. A história de Yousef que perdeu os gêmeos de nove meses, a esposa, os irmãos, os sobrinhos, os empregados... representa bem o horror e a desumanização deste conflito:

"Nós enterrámo-los. Eu trouxe o Ahmed e a Aya e enterrei-os com os meus irmãos. Enterrei os meus filhos com as minhas próprias mãos, a minha mulher e os meus irmãos..".

TAMANHO DO TEXTO

Fonte: pt.euronews.com

Tabela 15 - Elementos da composição da notícia – Episódio Aya e Ahamed al-Yousef /The New York Times

Categoria: Acontecimento relato (AR), (CHARAUDEAU, 2006)
Mídia digital: The New York Times – sede em Nova Iorque, nos Estados Unidos
Título: “Enterrei meus próprios filhos’: a dor de um pai sírio” (Título original: ‘I Buried My Own Children’: A Syrian Father’s Grief)
Assinatura: Megan Specia
Data/hora: 06/04/2017
Link: https://www.nytimes.com/2017/04/06/world/middleeast/syrian-father-buries-children.html?searchResultPosition=1
Rede social digital: N/C
Comentário no rodapé da notícia: N/C
Fontes/falas: 06

Fonte: A autora

'I Buried My Own Children': A Syrian Father's Grief

By Megan Specia

April 6, 2017



Aya and Ahmad, 9-month-old twins, were among the 86 people killed in Tuesday's gas attack in Khan Sheikhoun, Syria. Their father, Abdul Hameed al-Yousef, asked a photographer to take pictures as he held their bodies.

He turned the babies' faces toward the camera and said, "tell them, 'goodbye dad.'"



Associated Press

Fonte: nytimes.com

Tabela 16 - Elementos da composição da notícia – Episódio Aya e Ahamad al-Yousef /Al Jazeera

Categoria: Acontecimento relato (AR), (CHARAUDEAU, 2006)
Mídia digital: Al Jazeera – sede em Doha, no Catar
Título: “Sobreviventes de ataques químicos na Síria prometem lutar por justiça” (Título original: Syria chemical attack survivors vow to fight for justice)
Assinatura: Mohamed Jamjoom
Data/hora: 12/04/2017
Link: https://www.aljazeera.com/video/news/2017/04/syria-chemical-attack-survivors-vow-justice-170411045837265.html
Rede social digital: N/C
Comentário no rodapé da notícia: N/C
Fontes/falas: 03



Fonte: A autora

Figura 17 - Notícia sobre Aya e Ahmed no jornal digital Al Jazeera – 12/04/2017


NEWS / SYRIA'S CIVIL WAR

Syria chemical attack survivors vow to fight for justice

A father whose twins were killed last week in Khan Sheikhoun attack in Idlib province speaks to Al Jazeera.

by Mohammed Jamjoom  

12 Apr 2017



Reyhanli, Turkey - Last week, Abdul Hamid al-Yousef lost the loves of his life.

His wife Dalal and their nine-month-old twins, Aya and Ahmed, were among the dozens killed as a result of a suspected [chemical attack](#) on the Syrian city of Khan Sheikhoun - a tragedy Yousef still cannot fathom, and a trauma he says he will never overcome.

MORE ON MIDDLE EAST

Palestinian prisoner battling cancer dies in Israeli custody
today

At Gulf Cup in Qatar, a showdown of 'football, not politics'
today

Second night of clashes in

Fonte: aljazeera.com

5.1.1. Análise macro: elementos da composição da notícia e pontos de vistas situacionais

Conforme apresentamos nas 16 tabelas acima, as quais demonstram os elementos da composição da notícia, de forma geral, os jornais digitais possuem formatos e estilos de textos jornalísticos semelhantes, no entanto, o jornal que mais se difere na apresentação das notícias é o Euronews, por ser mais sucinto, descritivo e transcritivo, pois os textos das notícias são decupagens da narração dos vídeos. Sobre as assinaturas

das notícias, os jornais digitais possuem equipe local, correspondentes internacionais e também utilizam informações de agências de notícias.

Todas as notícias da Folha de São Paulo possuem informações da hora das postagens e atualizações, sendo que nas demais somente uma notícia do Al Jazeera³⁵ possui hora de publicação. O jornal digital brasileiro é o único que apresenta o recurso de comentários nos rodapés das notícias, possibilitando uma interação mais crítica dos leitores.

O estilo textual jornalístico do Euronews apresenta um formato estritamente descritivo, sempre com um vídeo transcrito, que acompanha a notícia. Folha de São Paulo, The New York Times e Al Jazeera apresentam narrativas mais longas, com maior número de fontes e detalhamento de informações.

Em relação às fontes, destacamos o jornal The New York Times que utiliza como referência postagens realizadas no *Twitter* e Instagram, como exemplo, a notícia sobre Aylan Kurdi, que utilizou na estrutura do texto jornalístico 15 postagens diferentes e três citações de autoridades, além de formadores de opinião, totalizando 18 falas.

Entre os tuítes citados estão: Nadim Houry, diretor executivo da Iniciativa de Reforma Árabe³⁶, com o post “The image of the [#Syria](#) boy whose body washed up in Bodrum is haunting. Biggest indictment of collective failure” (A imagem do garoto [#Syria](#) cujo corpo foi lavado em Bodrum é assustadora. Maior acusação de falha coletiva). Outros tuítes utilizados como fonte nessa notícia do The New York Times são do diretor do Observatório Global de Direitos Humanos no Mar, Peter Bouckaert; e do presidente do Comitê Internacional de Resgate, David Miliband. Também foi destacado na notícia o uso da hashtag [#KiyiyaVuranInsanlik](#), que significa (humanidade levada com as águas, em turco).

5.2. PONTOS DE VISTAS SITUACIONAIS DAS NOTÍCIAS

A dimensão situacional da comunicação é externa ao ato de linguagem, apontando para as percepções que os parceiros têm um do outro, pois dizem respeito ao estatuto que reconhecem um no outro, tais como idade, sexo, categoria social e profissional,

³⁵ Constatamos que a versão Al Jazeera America apresenta horas das postagens.

³⁶ A proposta dessa iniciativa, com sede na cidade de Paris, na França, é articular uma agenda pública de mudanças democráticas em países em situação de conflito no Oriente Médio. São realizados dossiês, relatórios e projetos de atuação político-social, com base nos princípios de diversidade, imparcialidade, igualdade de gênero e justiça social. (Fonte: www.arab-reform.net)

pertencimento a um dado grupo social, religioso, etc. Tais elementos ou “pertencimentos” sociais determinam a especificidade de cada discurso e do contrato de comunicação midiática.

Esse dispositivo situacional refere-se ao *ethos* jornalístico, ou seja, à imagem no interior deste discurso construído, conforme Amossy (2018). Sendo assim, eficácia da palavra está relacionada à imagem social (baseada em uma legitimidade) e uma imagem discursiva (construída a partir de coerções da situação de comunicação e das estratégias adotadas) do enunciador.

Charaudeau (2006) categoriza os elementos que compõem a cena de troca da situação de comunicação apresentando quatro elementos, os quais utilizamos para auxiliar na análise dos pontos de vistas situacionais, são eles: a) condição identidade dos parceiros engajados na conversa; b) condição de finalidade do ato comunicativo ou efeito visado; c) condição de propósito, que localiza os sujeitos em relação aos temas que serão tratados, não impedindo que outros temas ou subtemas sejam acrescentados; d) condição de dispositivo que dá forma à troca.

5.2.1. Ponto de vista situacional do episódio Aylan Kurdi

No jornal digital Folha de São Paulo, a notícia sobre o menino Aylan é assinada por dois jornalistas, um correspondente em Londres, Leandro Colon e outra jornalista da redação de São Paulo. Em Euronews é assinada por um jornalista, Rodrigo Barbosa e referencia as agências internacionais AFP (Agence France-Presse) e Reuters. O fato de haver correspondente internacional e agências internacionais pode gerar mais credibilidade ao leitor, por estar mais próximo ao acontecimento e tecnicamente apresentar informações mais fidedignas.

A condição de identidade pode ser atribuída com maior representatividade ao jornal Al Jazeera, já que ele está mais próximo da realidade cultural e local, tanto que a editoria utilizada pelo jornal é “Syria’s Civil War” (Guerra Civil da Síria), refletindo o reconhecimento de uma crise na Síria e não “de refugiados” como é comumente utilizado pelos jornais brasileiros. O termo utilizado pelo Al Jazeera se distingue dos utilizados pelos demais jornais, como Folha de São Paulo, que utiliza “Mundo”, The New York Times, “Open Source” (Código Aberto) e Euronews, que destaca sempre o país onde aconteceu o fato, por exemplo, para o episódio Aylan é utilizado o termo “Turquia”. A

constatação identitária é validada quando analisamos a abordagem realizada pelo jornal com o título da notícia “Kurds mourn drowned refugee brothers in Syria's Kobane” (Curdos choram por irmãos refugiados afogados de Kobane na Síria). Na notícia, é dado destaque exclusivo para a empatia entre os curdos, uma situação de especificidade cultural e geopolítica do Oriente Médio.

Sendo assim, Al Jazeera estabelece uma visada de instrução, em que o “eu comunicante” está em posição de legitimidade construída a partir da confiança conferida pela instituição jornalística e mais ainda, alcança um efeito emotivo de solidariedade, conquistado a partir das operações discursivas com a finalidade de destacar não só a morte de Aylan, mas também de seu irmão, dando ênfase ao fato deles pertencerem a um grupo étnico marginalizado na Síria. Com isso, denota mais autoridade ao falar sobre as questões curdas, o conflito sírio e todo o sofrimento gerado pela guerra civil naquele país.

As abordagens dos demais jornais analisados podem ser sintetizadas nos títulos: The New York Times “Imagens brutais de garoto sírio afogado na Turquia devem ser vistas, dizem ativistas”, Euronews “Migrantes: imagem de corpo de criança provoca onda de choque” e Folha de São Paulo “Foto de menino refugiado morto na praia atrai atenção para crise”. Elas diferem-se substancialmente do tratamento dado ao fato pelo jornal Al Jazeera, o qual não mostra a foto do menino morto.

Em nossa concepção, os demais jornais destacam a imagem de Aylan com a finalidade de despertar a sensibilidade dos leitores, com o efeito visado de comoção e justificativa do uso da imagem de uma criança. Nesse aspecto, inferimos um comportamento regular em concordância com o que Charaudeau (2006) nos apresenta na sua categorização de situação de fala. O autor nos ajuda a refletir que os propósitos desses jornais - por estarem geograficamente distantes do fato e ao mesmo tempo as condições dos dispositivos serem digitais e suas notícias circularem amplamente no mundo inteiro via internet, engendram o tema de uma forma que precisa personalizar o acontecimento usando a iconização e dramatização do episódio e ainda necessita de um esforço para engajar o público em um sentido de compaixão à dor e ao sofrimento dos refugiados sírios.

Todos os jornais problematizaram o uso da imagem do menino, tanto em forma de autorreferência do exercício profissional, quanto em forma de citação de fontes. Como exemplo, o tuíte da vereadora árabe Dima Sarsour criticando o uso da imagem do menino: “Hard to be online anymore. Respect the dead. Find out their name, origin, struggle, story anything but please respect the sacred bodies” (Difícil estar mais online.

Respeite os mortos. Descubra seu nome, origem, luta, história, mas respeite os corpos sagrados).

Os trechos abaixo demonstram as recorrências de justificativa de uso da imagem por todos os jornais, na estrutura discursiva, com enfoque para a necessidade de envolver e comover o mundo para o acontecimento da morte do menino Aylan.

Também houve divergências nas redações sobre publicar ou mesmo compartilhar as imagens. Vários repórteres argumentaram vigorosamente que era necessário confrontar o público com o número de mortos da guerra na Síria e com o impacto de políticas que dificultam a busca de asilo por refugiados na Europa. Mas muitos editores estavam preocupados em chocar seus leitores e queriam evitar o aparecimento de imagens sensacionais para obter lucro. (Tradução de trecho da notícia sobre Aylan Kurdi – The New York Times.)

A divulgação da imagem da criança morta por veículos de mídia do mundo todo, de diferentes linhas editoriais, e por usuários de redes sociais ocorreu em meio a debates sobre a necessidade de expor imagem tão agressiva. (Trecho da notícia sobre Aylan Kurdi – Folha de São Paulo.)

As imagens mostraram uma das mais trágicas facetas da crise migratória e correram o mundo, em particular a do corpo de um rapaz de 3 anos, identificado pelos meios turcos como Aylan Kurdi, que terá morrido com o irmão de 5 anos no naufrágio. (Trecho da notícia sobre Aylan Kurdi – Euronews.)

A imagem de Aylan, afogada em um dos resorts de férias mais populares da Turquia, viralizou nas redes sociais e pressionou os líderes europeus a fazer mais para ajudar os refugiados. Imagens emocionantes do corpo sem vida da criança colocam um rosto humano nos perigos enfrentados por dezenas de milhares de pessoas desesperadas que arriscam suas vidas para buscar segurança na Europa. (Trecho da notícia sobre Aylan Kurdi – Al Jazeera.)

Com relação à justificativa do uso da imagem, há uma sintonia discursiva entre os jornais, contribuindo para o surgimento da grande categoria “Experiência” (item 5.4), vislumbrada como um mecanismo estratégico da organização do discurso, recorrente em grande parte dos jornais e episódios analisados.

5.2.2. Ponto de vista situacional do episódio Zaid Abdul

O episódio do menino Zaid Abdul é construído midiaticamente a partir de um vídeo gravado pelo repórter alemão Stephan Richter, o qual flagrou a jornalista húngara Petra Laszlo dando rasteiras nos refugiados sírios, enquanto eles faziam a cobertura da travessia, em Roszke, na Hungria. Em três jornais esse relato é expresso como origem da notícia, The New York Times, Folha de São Paulo e Euronews.

Os jornais dão enfoque ao ato da jornalista húngara, explicitando que ela atingiu crianças refugiadas e foi demitida. No jornal digital Folha de São Paulo, a notícia “Cinegrafista faz refugiado tropeçar enquanto fugia da polícia na Hungria” é assinada por “Agências de Notícias”, podendo gerar uma proximidade com o fato, mesmo sem especificar quais são as agências.

A categoria de condição de identidade pode ser visualizada com maior representatividade no jornal Euronews, já que ele está mais próximo do acontecimento, na Europa, e traz a informação: “Se a justiça húngara decidir apresentar uma acusação formal contra Lászlo, esta pode vir a enfrentar uma pena de prisão de cinco anos”. Sendo assim, Euronews estabelece uma visada de instrução, em que o “eu comunicante” está em posição de legitimidade construída a partir da confiança conferida pela instituição jornalística, denotando mais autoridade quando traz uma informação sobre a legislação local.

As abordagens dos demais jornais analisados podem ser sintetizadas nos títulos: “Jornalista de TV húngara demitida por tropeçar e chutar refugiados (Hungarian TV journalist fired for tripping, kicking refugees, título original), no Al Jazeera; e “Jornalista húngara Petra Laszlo demitida por chutar migrantes diante das câmeras” (Hungarian Journalist, Petra Laszlo, Fired for Kicking Migrants on Camera, título original). Este último deixa bem claro na notícia que o material é produzido pela agência Reuters, diferente de Folha de São Paulo.

Embora o enfoque inicial tenha sido a rasteira dada pela jornalista húngara, nos desdobramentos, com a demissão dela, as abordagens noticiosas passaram a dar destaque para o menino Zaid Abdul, de 7 anos, que tentava entrar na Hungria, no colo do pai, Osama Abdul Mohsen, quando foi derrubado por Petra Lazlo.

Em nossa concepção, a categoria de finalidade pode ser representada pelo efeito visado de reprovação ao ato da jornalista que chutou e fez tropeçar refugiados que tentavam fugir da barreira policial, inclusive crianças. Nesse aspecto, inferimos um

comportamento regular de humanizar o fato quando usa o desdobramento no personagem do menino Zaid e comover a partir de falas de autoridades que inspiram compaixão, como exemplo a fala do Papa Francisco no Twitter na notícia do jornal The New York Times: “Que cada comunidade paroquial e religiosa da Europa hospede uma família de refugiados. #Jubileu #refugiadoswelcome”.

5.2.3. Ponto de vista situacional do episódio Omran Daqneesh

O episódio de Omran Daqneesh é construído a partir de um vídeo divulgado por um canal midiático local chamado Aleppo Media Center³⁷. As imagens mostram o menino de cinco anos coberto de poeira e sangue após seu apartamento ser bombardeado, por ser uma área de rebeldes em al-Qaterji, Aleppo, por jatos russos em apoio ao regime sírio. Omran estava em casa com a família e foi resgatado dos escombros com os três irmãos e os pais deles. Logo em seguida, o prédio desabou. O irmão mais velho, Ali Daqneesh, de 11 anos, acabou morrendo no hospital três dias após o ataque, devido a gravidade dos ferimentos.

O autor das imagens é Mahmoud Raslan, repórter fotográfico que também é correspondente para a rede Al Jazeera. Nos jornais analisados, o crédito das imagens atribui ao autor a qualificação de “rebelde” e “ativista”, por pertencer a um grupo de oposição ao governo de Bashar al-Assad. No jornal Folha de São Paulo, a legenda abaixo da imagem de Omran dentro da ambulância é taxativa: “Imagem divulgada por rebeldes sírios mostra Omran, 5, em ambulância após ataque aéreo em Aleppo”³⁸.

De modo geral, essa construção noticiosa está focada na personalização do fato, ou seja, foi designado um personagem para ilustrar o acontecimento, dando o caráter midiático, inclusive fazendo forte alusão ao acontecimento midiático da morte de Aylan Kurdi, que havia ocorrido há quase um ano. Além disso, o discurso utilizado nos quatro

³⁷ “A AMC é uma fundação de mídia que cobre de maneira neutra os eventos políticos, sociais, culturais e esportivos mais importantes da cidade de Aleppo”. Fonte: Perfil oficial no Twitter: @AleppoAMCen. No entanto, na notícia da Folha de São Paulo, há a informação de que o canal é ligado à oposição síria.

³⁸ Ver em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/08/1804292-imagem-de-menino-de-5-anos-apos-bombardeio-em-aleppo-gera-comocao.shtml>

jornais destaca a experiência do jornalismo compassivo e do uso da imagem do sofrimento infantil como maior apelo, propondo a identificação dos leitores com o ocorrido com as expressões nos títulos: “imagem” de Omran “gera comoção” (FSP); é o “símbolo do sofrimento sírio” (Euronews e The NY Times); e “torna-se viral” (Al Jazeera).

Nesse episódio, a categoria de condição de identidade (Charaudeau, 2006) pode ser visualizada nas quatro notícias analisadas, pois foi explicitado que o vídeo foi gravado por um ativista de oposição ao governo. Sendo assim, a situação de comunicação toma forma de denúncia aos fatos de violência contra os civis sírios. No entanto, por ser uma imagem gerada por um correspondente do jornal Al Jazeera, este consolida-se com maior autoridade e legitimidade. A informação deste jornal é de que o menino Omran foi atendido por um grupo de resgate voluntário que opera em território controlado por rebeldes chamado White Helmets (Capacetes Brancos).

A categoria de finalidade (Charaudeau, 2006) permite-nos identificar os discursos de uso da imagem, assim como a elucidação da origem do acontecimento midiático, a personalização do fato e o forte apelo de comoção social visado pela experiência do jornalismo compassivo. Nesse sentido, constatamos um comportamento regular de singularização do acontecimento por meio de um personagem infantil, na medida em que a mídia designa nomes para tornarem-se ícones e símbolos da tragédia síria, inclusive fazendo referência entre eles.

5.2.4. Ponto de vista situacional do episódio Aya e Ahmed al-Yousef

O episódio dos gêmeos de 9 meses, mortos por um ataque químico em Khan Sheikhoun, província de Idlib, o qual matou mais de 20 integrantes da família, inclusive a mãe deles, deixando o pai Abdel Hamid al-Yousef em total desespero, além de debilitado pelo gás tóxico, é construído a partir de um pedido do próprio pai para gravar seu adeus aos filhos. De forma inusitada, chocante e desoladora, o homem embalando seus bebês mortos no colo, um em cada braço, pálidos e endurecidos diz: “diga tchau, bebê, diga tchau” (FSP). O vídeo e as fotos foram compartilhados pela agência norte-americana Associated Press (AP) no dia 4 de abril de 2017.

Os jornais seguem no mesmo intuito de denunciar a crueldade do ataque químico, pois os mecanismos estratégicos de organização dos discursos nos revelam que o foco da abordagem está em qualificar o ato como um “horror” e uma “barbárie” (Al Jazeera). Nos

jornais analisados, o crédito das imagens originais ficou com a agência Associated Press, porém há desencontros de informações, tanto sobre a forma como foi captada a imagem quanto sobre o número de mortos e grafia dos nomes das vítimas. Por exemplo, na Folha de São Paulo, os nomes dos gêmeos são escritos “Aya e Ahmed” e no jornal The New York Times “Aya e Ahmad”. Já o nome do pai na Folha é “Abdel Hameed al-Youssef” e no jornal Al Jazeera está “Abdul Hamid al-Yousef”.

Esse trecho do FSP informa que a imagem teria sido captada por um parente e compartilhada pela AP:

Em material compartilhado com a Associated Press, Youssef senta no banco da frente de uma van com os gêmeos, com os olhos vermelhos enquanto pede a um parente para gravar seu adeus a eles. (FSP, 05/04/2017)

Já o The New York Times informa que o pai pediu a um fotógrafo para registrar o adeus:

Aya e Ahmad, gêmeos de 9 meses, estavam entre as 86 pessoas mortas no ataque de terça-feira em Khan Sheikhoun, na Síria. O pai deles, Abdul Hameed al-Yousef, pediu a um fotógrafo para tirar fotos enquanto ele segurava seus corpos. (NYTimes, 06/04/2017)

O jornal mais próximo do acontecimento é o Al Jazeera, porém, ele não usou imediatamente o caso dos gêmeos, pois a notícia com destaque à imagem do pai dando adeus aos filhos foi publicada dia 12 de abril, oito dias depois do ocorrido. Primeiramente foi publicada uma notícia detalhada e aprofundada, no dia 05 de abril de 2017, com vídeos chocantes e extremamente impactantes, com idosos, adultos e crianças agonizando, espumando pela boca, pálidos e já sem vida³⁹.

Para esse episódio, a categoria de condição de identidade (Charaudeau, 2006) contribui para considerarmos autoridade e testemunho, já que os correspondentes estão inseridos em meio à guerra e enviam materiais em tempo real. A construção discursiva de Al Jazeera é de “uma tragédia que Youssef ainda não consegue entender e um trauma que ele diz que nunca vai superar” (Al Jazeera). Mesmo que o interlocutor não saiba onde fica

³⁹ Notícia publicada logo após o ocorrido em Al Jazeera:

<https://www.aljazeera.com/news/2017/04/chemical-attack-syria-170404195457304.html>

a localidade do fato, ou se o pai é ou não ativista, contra o governo de Bashar al-Assad, é afetado por um sentimento de compaixão e empatia pela dor do outro.

Nesse sentido, a categoria de finalidade (Charaudeau, 2006) permite-nos identificar os discursos de denúncia ao ataque químico, com o recurso apelativo da dor pela morte de duas crianças, atrelado a um desastre que dizimou uma família inteira. Verificamos a incitação à comoção social, que está dentro da lógica da experiência do jornalismo compassivo, apresentando estratégias de personalização, elucidação da origem da notícia como justificativa de uso de imagens de crianças mortas. Com isso, inferimos mais uma vez o comportamento regular de singularização do acontecimento por meio de personagens mirins.

5.3. PONTOS DE VISTAS INTENCIONAIS DAS NOTÍCIAS

O ponto de vista intencional é a situação interna à comunicação, ou seja, os intercâmbios linguageiros, o modo como se desenvolve a narrativa, como o projeto de fala do eu comunicante é processado nas suas estratégias, modos discursivos, maneiras de dizer, seus códigos implícitos, expectativas compartilhadas e institucionalizadas. Tais processos completam a situação de comunicação, ou seja, aquela que trata das relações instrutivas com o público, do modo como o leitor é implicado, convocado e conduzido pela narrativa.

Para responder as nossas perguntas de pesquisa, a análise precisa ser direcionada em destrinchar as narrativas emotivas nesses processos comunicativos, dando ênfase à patemização. Para auxiliar na busca de recorrências de pré-categorias emotivas, utilizamos o software de análise textual discursiva Iramuteq para identificar as palavras que mais aparecem nas notícias dos quatro jornais analisados. A seguir, detalhamos as estatísticas de cada episódio, para elucidar como captamos cada expressão emotiva para formarmos os grupamentos da racionalização patêmica.

5.3.1. Recorrência de palavras no episódio Aylan Kurdi

As estatísticas apontam que a palavra “imagem” e sua variação “imagens” foram as que mais apareceram nas notícias, apresentado 32 recorrências, possibilitando-nos constatar que a abordagem destacada foi o efeito visado de despertar comoção e explicar

Tabela 17. Associações semânticas das recorrências no episódio Aylan Kurdi

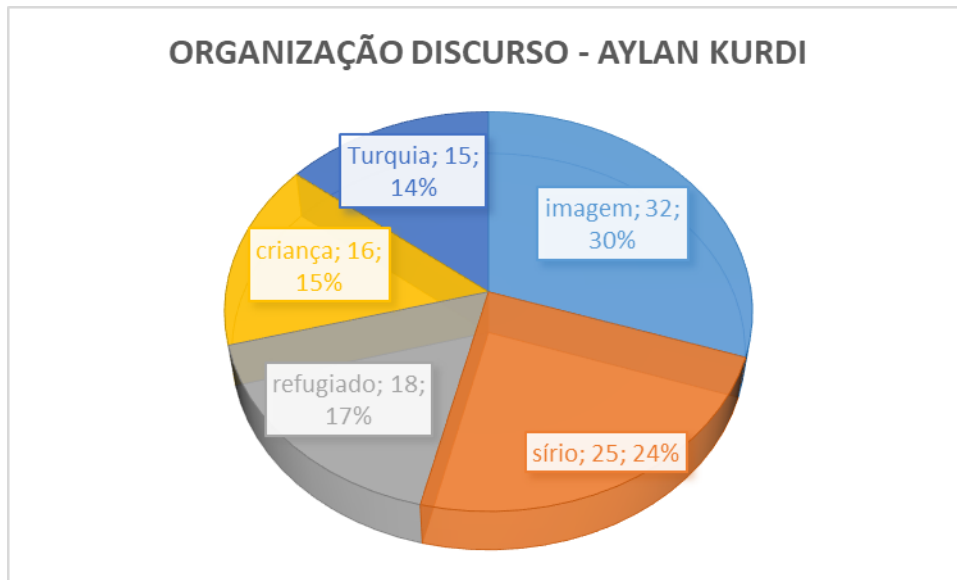
Palavra recorrente	Complemento
Imagem (ns)	do corpo (FSP)
	tão agressiva (FSP)
	da criança (FSP)
	divulgar ou não (FSP)
	emocionante (Al Jazeera)
	extraordinariamente poderosa (NYTimes)
	brutal (NYTimes)
	do pequeno corpo (NYTimes)
	mais angustiante (NYTimes)
	em close (NYTimes)
	chocante (NYTimes)

Fonte: A autora, com base nas estatísticas de formas ativas do Iramuteq

As demais palavras recorrentes são demonstradas em uma análise mais sofisticada, a qual revela a similitude. Assim, possibilitando diferentes agrupamentos de palavras que constituem a construção discursiva das notícias. Com essa análise é possível saber a intensidade de cada palavra no conjunto de influência e acessar aos segmentos de texto para uma interpretação mais qualitativa dos dados por parte do analista do discurso.

“imagem” (32 repetições), “sírio” (25 repetições), “refugiado” (18 repetições), “criança” (16 repetições) e “Turquia” (15 repetições).

Gráfico 1. Palavras organizadoras dos discursos do episódio Aylan Kurdi



Fonte: A autora, com base nas estatísticas do Iramuteq

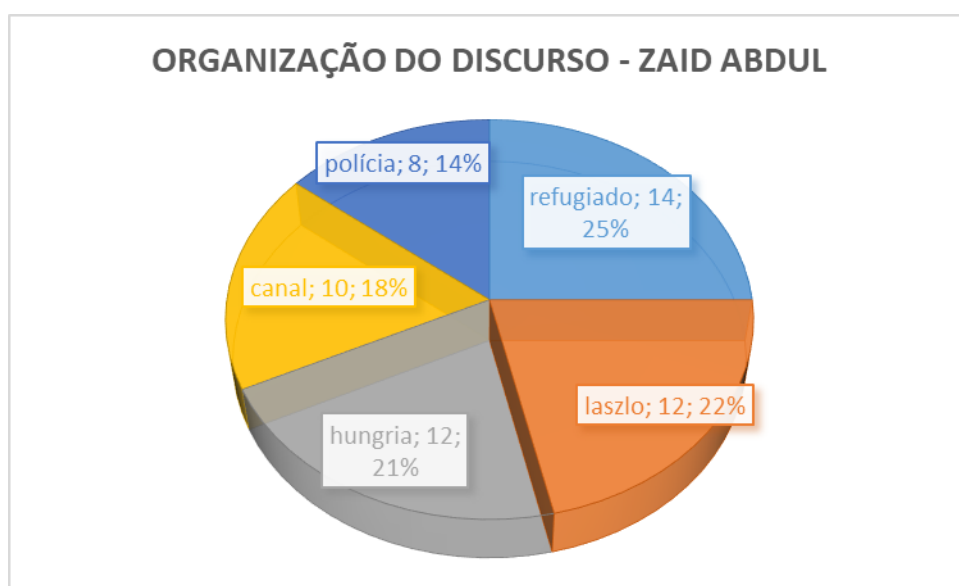
5.3.2. Recorrência de palavras no episódio Zaid Abdul

As estatísticas revelam que a palavra “refugiado” e suas variações “refugiados” e “refugiadas” foi a que mais apareceu nas notícias, apresentado 14 recorrências, possibilitando-nos constatar que a abordagem destacada foi qualificar as pessoas que estavam sendo atacadas pela jornalista húngara Petra Laszlo, dando enfoque na humanização do fato com o desdobramento da história no personagem de Zaid Abdul. A seguir, demonstramos a análise de dados textuais simples com a nuvem de palavras, gerada pelo software Iramuteq.

A similitude entre os quatro jornais analisados nos mostra que as abordagens são relacionadas à questão do refugiado saindo do oriente médio, como fugitivos⁴⁰, de passagem pela Hungria, em direção à vários países da Europa, envolvendo opiniões de atores políticos tanto em apoio quanto em oposição aos migrantes forçados. Esse é o contexto apresentado pelos jornais para qualificar como inaceitável o ato da jornalista Petra Laszlo, que acabou sendo demitida imediatamente do canal N1TV logo após se espalharem pelo mundo, via sites de redes sociais e jornais, imagens dela chutando e fazendo tropeçar refugiados que tentavam escapar da barreira policial, com um apelo direcionado e desdobrando-se no episódio do menino Zaid⁴¹.

Com isso, verificamos os cinco principais termos organizadores dos discursos sobre o episódio do menino Zaid: “refugiado” (14 repetições), “Hungria” (12 repetições), “Laszlo” (12 repetições), “canal” (10 repetições) e “polícia” (8 repetições).

Gráfico 2. Palavras organizadoras dos discursos do episódio Zaid Abdul



Fonte: A autora, com base nas estatísticas do Iramuteq

⁴⁰ A palavra “fugir” e suas variações aparecem 7 vezes nos materiais analisados, já a palavra “demitir” e suas variações aparecem 6 vezes.

⁴¹ Os desdobramentos podem ser exemplificados nos títulos publicados: “Menino sírio que comoveu o mundo ganha chance no futebol espanhol” (FSP: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2015/09/1684220-menino-sirio-que-comoveu-o-mundo-ganha-chance-no-futebol-espanhol.shtml>); “A volta por cima de Zaid Abdul” (FSP: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/233783-a-volta-por-cima-de-zaid-abdul.shtml>); “A saga de Zaid Abdul” (FSP: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/38672-a-saga-de-zaid-abdul#foto-495821>).

Tabela 19. Associações semânticas das recorrências no episódio Zaid Abdul

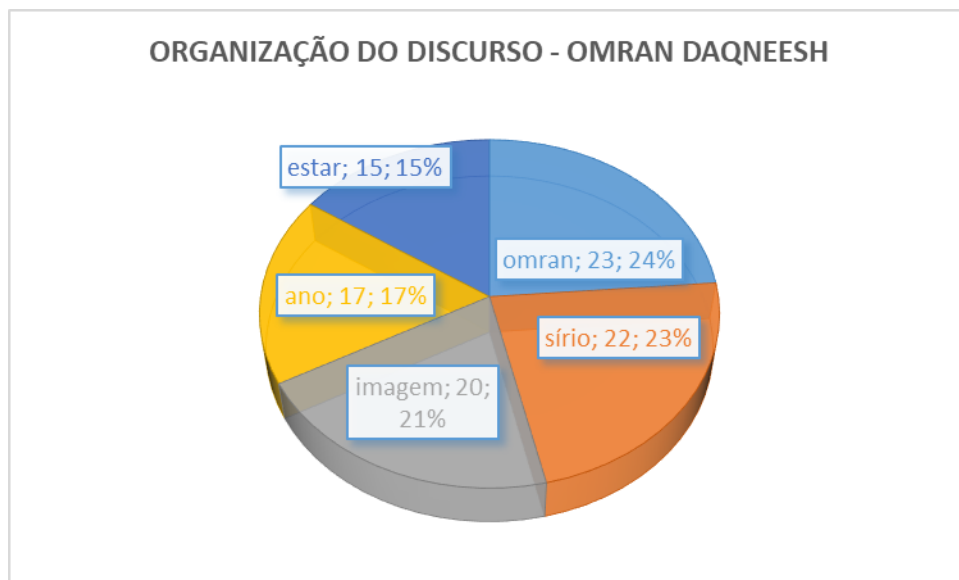
Palavra recorrente	Complemento
Omran	foi vítima de um bombardeio (FSP)
	foi resgatado (FSP)
	teve ferimentos graves (FSP)
	sua imagem ecoa a foto de Aylan (FSP)
	chegou às manchetes (Al Jazeera)
	o menino da ambulância que lembra Aylan Kurdi (Al Jazeera)
	aparência angustiante relaciona com o caso de Aylan (TNYTimes)
	poderia ser todo mundo (TNYTimes)

Fonte: A autora, com base nas estatísticas de formas ativas do Iramuteq

A similitude do episódio Omran apresenta os agrupamentos de palavras que tiveram mais intensidade no conjunto de influência. Verificamos nesse infográfico relações relevantes das construções discursivas encontradas nos quatro jornais: Omran/Kurdi/garoto; imagem/símbolo/sofrimento; sírio/criança/ataque/guerra; Aleppo/bombardeio.

Os cinco principais termos organizadores dos discursos sobre esse episódio são: “Omran” (23 repetições), “sírio” (22 repetições), “imagem” (20 repetições), “ano” (17 repetições) e “estar” (15 repetições).

Gráfico 2. Palavras organizadoras dos discursos do episódio Omran Daqneesh



Fonte: A autora, com base nas estatísticas do Iramuteq

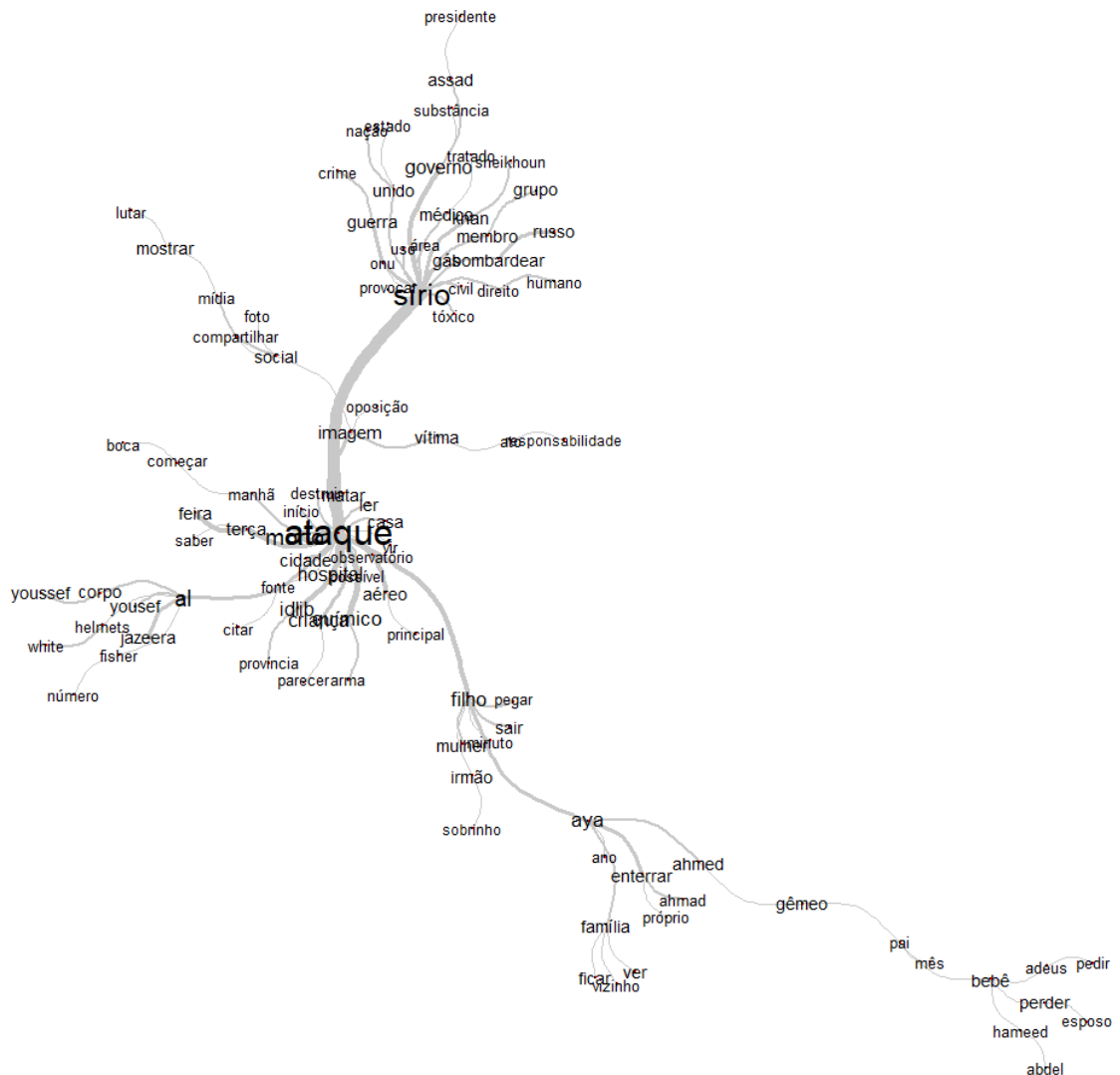
5.2.4. Recorrência de palavras no episódio Aya e Ahmed

O termo “ataque” e suas variações destacam-se nas estatísticas do episódio dos gêmeos Aya e Ahmed al-Yousef, representando 32% em todo o material analisado. Além disso, as palavras “químico”, “morto”, “filho” e suas variações também foram as mais repetidas nos discursos, conforme mostramos nos infográficos abaixo. Esses dados nos levam ao entendimento de que o vídeo do pai dando adeus aos seus filhos mortos de forma aterrorizante e covarde representa bem o “horror e a desumanização do conflito” (Euronews) na Síria.

A seguir, demonstramos a análise de dados textuais simples com a nuvem de palavras, gerada pelo software Iramuteq.

A similitude do episódio dos gêmeos apresenta os agrupamentos de três palavras que tiveram mais intensidade no conjunto de influência. Verificamos nesse infográfico abaixo as relações relevantes das construções discursivas encontradas nos quatro jornais: ataque/químico/sírio.

Fig. 25. Similitude no episódio Aya e Ahmed

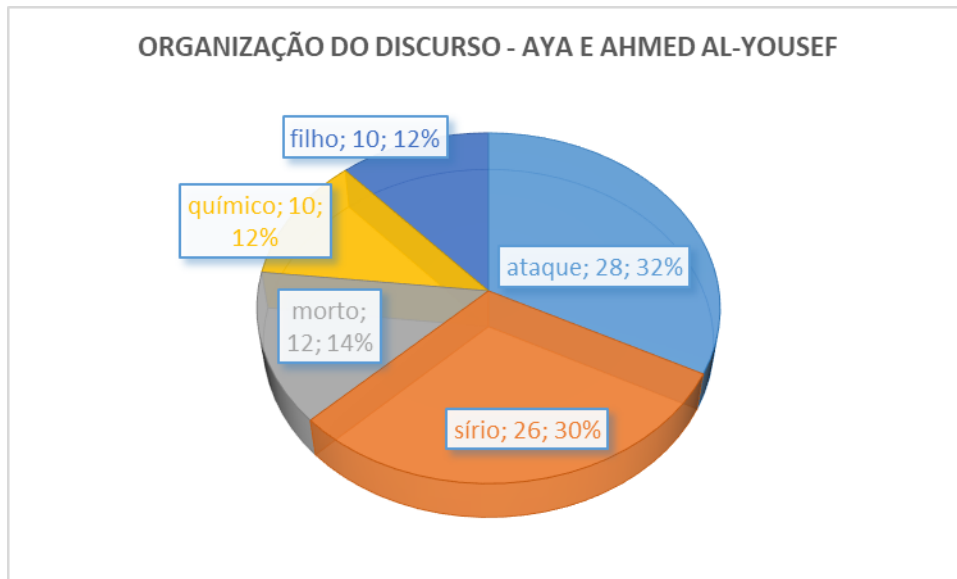


Fonte: Software Iramuteq

Com esse posicionamento discursivo, os jornais nomeiam o menino Omran como símbolo do sofrimento sírio.

O gráfico a seguir demonstra os cinco principais termos organizadores dos discursos sobre esse episódio dos gêmeos são: “ataque” (28 repetições), “químico” (10 repetições), “sírio” (26 repetições), “morto” (12 repetições) e “filho” (10 repetições).

Gráfico 2. Palavras organizadoras dos discursos do episódio Aya e Ahmed



Fonte: A autora, com base nas estatísticas do Iramuteq

5.4. MECANISMOS ESTRATÉGICOS DO MODO DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO

A) QUALIFICAÇÕES		
Refere-se aos julgamentos morais positivos ou negativos sobre a questão do refúgio sírio, além de estereótipos, apresentando as qualificações éticas desse refugiado, assim como as formas de ideias pré-concebidas depreciativas e pejorativas. Refere-se aos julgamentos consensuais estereotipados, ou seja, marcas sólidas em forma de alegorização da identidade (LIPMANN, 1922).		
Traço característico	Marca discursiva	Logos patêmico
Fugitivo	<p>“[...] eles fugiram para a Turquia no ano passado após deixarem a cidade síria de Kobani para escapar do conflito com o Estado Islâmico (EI).” (FSP/Aylan)</p> <p>“[...] muitas delas fugindo de países em conflito como Síria e Afeganistão, e outras milhares, de países africanos, sobretudo da África subsaariana.” (FSP/Aylan)</p> <p>“[...] Pelo menos 12 refugiados que fugiram da guerra na Síria [...]” (TheNYTimes/Aylan)</p> <p>“[...] faz refugiado tropeçar enquanto fugia da polícia na Hungria.” (FSP/Zaid)</p> <p>“Refugiados de guerra na Síria: Mais de cinco milhões já fugiram” (Al Jazeera/Aya Ahmed)</p>	O uso do termo fugir e suas variações dá o entendimento de um deslocamento livre e de espontânea vontade. No entanto, na essência conceitual, houve um deslocamento forçado, para fins de sobrevivência, conforme está estabelecido na Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados, de 1951.
Refugiado	<p>“[...] a maior fluxo de refugiados desde a Segunda Guerra.” (FSP/Aylan)</p> <p>“[...] centenas de milhares de outros refugiados e migrantes correndo riscos desesperados para alcançar a segurança da Europa [...]”</p>	Reconhece os sírios como refugiados de guerra, inclusive diferenciando de migrantes, dentro dos preceitos da Convenção de 1951, instituídos após a segunda guerra mundial.

	<p>(TheNYTimes/Aylan)</p> <p>“Uma cinegrafista de um canal de TV nacionalista da Hungria foi flagrada chutando duas crianças refugiadas” (FSP/Zaid)</p> <p>“Jornalista húngara pontapeia refugiados no campo de Röszke.” (Euronews/Zaid)</p> <p>“[...] demitida por tropeçar e chutar refugiados.” (Al Jazeera/Zaid)</p> <p>“Refugiados de guerra na Síria: Mais de cinco milhões já fugiram” (Al Jazeera/Aya Ahmed)</p>	
<p>Migrante/imigrante</p>	<p>“[...] o naufrágio de duas embarcações que transportavam 23 migrantes que tentavam chegar à ilha grega de Kos [...]” (Euronews/Aylan)</p> <p>“[...] o site do canal traz outros textos críticos aos imigrantes [...]” (FSP/Zaid)</p> <p>“[...] demitida por chutar migrantes diante das câmeras.” (TheNYTimes/Zaid)</p> <p>“[...] centenas de migrantes - entre eles sírios, iraquianos e afegãos - irromperam nas linhas policiais no campo na terça-feira [...]”(TheNYTimes/Zaid)</p>	<p>Nomeia o sírio como migrante ou imigrante. O uso deste termo não especifica a condição dele como refugiado, conforme o Estatuto dos Refugiados.</p>

Estrangeiro	“[...] culpa a Alemanha pela chegada dos estrangeiros[...]” (FSP/Zaid)	Nomeia como estrangeiro o refugiado que chega na Europa e que isso é em decorrência da abertura de fronteiras praticada, por um determinado tempo, pela Alemanha.
Invasor	“[...] Eles não são refugiados. Isso é uma invasão ”, disse o bispo Laszlo Kiss-Rigo. [...] Eles vêm aqui com gritos de 'Allahu akbar' (Alá é maior). Eles querem assumir o controle. (TheNYTimes/Zaid)	A política anti-imigração da Europa é fundada na ideia de que os muçulmanos querem invadir outros territórios e dizimar o cristianismo.
Curdo	<p>“Curdos choram por irmãos refugiados afogados de Kobane” (Al Jazeera/Aylan)</p> <p>“O garoto sírio-curdo cuja morte se tornou um símbolo da situação desesperada de refugiados que tentam escapar da guerra e encontrar segurança na Europa[...]” (Al Jazeera/Aylan)</p> <p>“O funeral contou com a presença de centenas de apoiadores e autoridades curdas da cidade, informou a rede curda iraquiana Rudaw” (Al Jazeera/Aylan)</p>	Na notícia do jornal Al Jazeera é destacado o fato do menino Aylan ter pertencido à etnia curda e sua morte ter o reconhecimento de seu grupo, já que a população curda é reprimida nos quatro países onde tenta se manter.
Morto	<p>“A morte de 12 pessoas na Turquia, simbolizada pela imagem do corpo de Aylan Kurdi.” (FSP/Aylan)</p> <p>“[...] esperavam que o número de mortos aumentasse e que muitos dos feridos fossem crianças.” (Al Jazeera/Aya e Ahmed)</p> <p>“[...] Crianças entre os mortos: oposição diz que o governo sírio e jatos russos bombardearam a cidade com substâncias tóxicas.”</p>	As mortes das crianças atraíram a atenção mundial.

	<p>(Al Jazeera/Aya e Ahmed)</p> <p>“[...] deixou ao menos 72 mortos, 20 crianças e mais de 160 feridos, segundo a ONG Observatório Sírio de Direitos Humanos.” (FSP/Aya e Ahmed)</p> <p>“Pelo menos 58 pessoas, incluindo 11 crianças, foram mortas em um bombardeio de gás tóxico” (Al Jazeera/Aya e Ahmed)</p> <p>“Aya e Ahmad, gêmeos de 9 meses, estavam entre as 86 pessoas mortas no ataque de terça-feira em Khan Sheikhoun, na Síria.” (TheNYTimes/Aya e Ahmed)</p>	
Vulnerável	<p>“[...] debate necessário da situação de violência e vulnerabilidade [...]” (FSP/Aylan)</p> <p>“[...] de passarem fome e sede[...]” (FSP/Zaid)</p>	A vulnerabilidade dos refugiados deve ser tema de debate social.
Inaceitável	<p>“[...] a demitiu por seu comportamento inaceitável [...]” (FSP/Zaid)</p> <p>“Uma funcionária da N1TV hoje mostrou um comportamento inaceitável [...] É chocante e inaceitável” (Al Jazeera/Zaid)</p>	Critica a postura xenofóbica, como uma forma de violência dobrada contra o refugiado.
Horror	<p>“Vídeo assustador de menino sírio confuso se torna viral” (Al Jazeera)</p> <p>“Pedacões de corpos de crianças sendo retirados dos escombros são fotografados com uma terrível regularidade em uma guerra de ataques indiscriminados [...]” (TheNYTimes/Omran)</p>	Refere-se ao pavor que assola os sírios, seja os que estão na síria, seja os que estão deslocados do país, em situação de refúgio.

	<p>“Testemunhos das vítimas do horror do ataque químico em Idlib.” (Euronews/Aya e Ahmed)</p> <p>“[...] vítimas de uma barbárie que se eterniza.” (Euronews/Aya e Ahmed)</p> <p>“[...] representa bem o horror e a desumanização deste conflito.” (Euronews/Aya e Ahmed)</p>	
Terrorismo	<p>“[...] comparam a Hungria à base dos EUA em Guantánamo (Cuba), que abriga presos acusados de terrorismo [...]”(FSP/Zaid)</p>	Faz referência ao terrorismo como ameaça vinculada aos refugiados.
Ameaça	<p>“[...]retratando-os como uma ameaça à prosperidade europeia e aos valores cristãos.”</p>	Governo da Hungria de extrema direita enxerga os refugiados como ameaça ao território europeu.
Vítima	<p>“[...]foi vítima de um ataque aéreo em Aleppo, no norte da Síria.” (FSP/Omran)</p> <p>“Eles foram levados para um hospital já inundado de vítimas.” (TheNYTimes/Omran)</p> <p>“[...] vítimas de uma barbárie que se eterniza.” (Euronews/Aya e Ahmed)</p>	Nomeia o refugiado como vítima, inserido em um sistema de sofrimento coletivo.
<p>B) COMPAIXÃO Refere-se aos estados psicológicos de dor e sofrimento, demonstrando a forma de como o refugiado sírio é descrito em relação à sua tragédia pessoal e coletiva, captando alguma forma de empatia ou sentimento altruísta.</p>		
Traço característico	Marca discursiva	Logos patêmico
Tragédia/Drama/Crise	<p>“[...] a tragédia dos milhares de refugiados que tentam chegar à Europa.” (FSP/Episódio Aylan)</p> <p>‘[...] escancarou a tragédia dos milhares de refugiados [...]’ (FSP/Aylan)</p> <p>“Foto de menino refugiado</p>	Nomeia como tragédia o deslocamento de refugiados à Europa e referem-se a isso dramatizando a situação como uma crise instaurada. Com isso, institucionaliza midiaticamente a “Crise de Refugiados”, “Crise na Europa” “Crise Migratória”.

	<p>morto na praia atrai atenção para crise” (FSP/Aylan)</p> <p>“As imagens mostraram uma das mais trágicas facetas da crise migratória e correram o mundo [...]” (Euronews/Aylan)</p> <p>“[...] houve um aumento dramático no número de refugiados - principalmente da Síria, Afeganistão, Paquistão e África.” (Al Jazeera/Aylan)</p> <p>“[...] chamou a atenção do mundo para a crescente crise de refugiados [...]” (Al Jazeera/Omran)</p> <p>“As imagens refletem a dimensão da tragédia [...]” (Euronews/Aya e Ahmed)</p>	
<p>Comoção social/Sensibilização</p>	<p>“A divulgação da imagem ou não, portanto, não se reflete especificamente sobre o direito dessa criança, mas sim sobre um debate necessário da situação de violência e vulnerabilidade[...]” (FSP/Aylan)</p> <p>“[...] a foto pode ajudar a sensibilizar governos a agirem de forma mais incisiva na proteção dos direitos da criança. (FSP/Aylan)</p> <p>“[...]imagem de corpo de criança provoca onda de choque.” (Euronews/Aylan)</p> <p>“Se essas imagens extraordinariamente poderosas de uma criança síria morta na praia não mudarem a atitude da Europa em relação aos refugiados, o que mudará?” (Al Jazeera/Aylan)</p> <p>“Imagens brutais de garoto sírio afogado na Turquia devem ser</p>	<p>O uso da imagem das crianças pode sensibilizar os governos a protegerem-nas da violência. Há abordagens questionando a alta exposição da imagem, que acaba viralizando, criando onda de choque generalizada. Há indícios de preocupação com a banalização da dor coletiva.</p>

	<p>vistas, dizem ativistas.” (TheNYTimes/Aylan)</p> <p>“Fotografias e vídeos do corpo sem vida de Aylan se espalharam rapidamente pelas redes sociais na Turquia e no resto do mundo, postados por observadores indignados, ativistas de direitos e repórteres que sugeriram que as imagens angustiantes precisavam ser vistas e poderiam ser um catalisador para a comunidade internacional finalmente parar a guerra na Síria.” (TheNYTimes/Aylan)</p> <p>“[...] temia que, para alguns, a imagem se tornasse menos com compaixão do que com voyeurismo [...]” (TheNYTimes/Aylan)</p> <p>“Imagem de menino de 5 anos após bombardeio em Aleppo gera comoção” (FSP/Omran)</p> <p>“[...]sua imagem gerou comoção internacional.” (FSP/Omran)</p> <p>“A imagem já foi compartilhada por milhares de pessoas na Internet” (Euronews/Omran)</p> <p>“Vídeo assustador de menino sírio confuso se torna viral” (Al Jazeera/Omran)</p> <p>“[...]provocam repulsa nas mídias sociais.” (Al Jazeera/Omran)</p> <p>“[...]se tornaram virais depois que foram postadas nas redes sociais, provocando indignação e revolta generalizada.” (Al Jazeera/Omran)</p> <p>“[...]foram as imagens de Omran</p>	
--	--	--

	<p>que chegaram às manchetes e causaram choque e repulsa por parte de sírios e estrangeiros nas mídias sociais” (Al Jazeera/Omran)</p> <p>“[...] a imagem de Omran havia sido difundida e publicada em todo o mundo, [...] em memes que pediam ajuda e zombavam [...]” (TheNYTimes)</p> <p>“A foto tem gerado comoção em redes sociais, com diversos usuários compartilhando imagens de Youssef com os corpos dos filhos nos braços”. (FSP/Aya e Ahmed)</p>	
Abandono	<p>“Numa das imagens, o seu corpo está sozinho, à beira do mar [...]” (FSP/Aylan)</p>	Termo remete ao desamparo da criança.
Conflito	<p>“[...] escapar do conflito com o Estado Islâmico [...]” (FSP/Aylan)</p> <p>“[...] um antigo grupo de ativistas antigovernamentais e jornalistas cidadãos que documentam o conflito [...]” (TheNYTimes/Omran)</p>	Reconhece a violência do combate como causadora dos deslocamentos forçados.
Ajuda humanitária	<p>“[...] pressionou os líderes europeus a fazer mais para ajudar os refugiados.” (Al Jazeera/Aylan)</p> <p>“[...] exigiu um fim imediato dos combates na cidade do norte da Síria, para não atrapalhar as operações humanitárias.” (FSP/Omran)</p> <p>“[...] a representante dos EUA na ONU disse que o país agirá na Síria caso o Conselho de Segurança vete uma resposta [...]” (FSP/Aya e Ahmed)</p>	Refere-se a ações humanitárias necessárias para garantir a defesa de direitos humanos básicos para os sírios.

C) EXPERIÊNCIA		
Refere-se às falas da encenação e performance do discurso relatado e à utilização das fontes, como forma de verossimilhança e autenticidade por parte da instância midiática. Trata-se da palavra testemunhal, uma declaração com o intuito de dar credibilidade aos relatos.		
Traço característico	Marca discursiva	Logos patêmico
Uso da imagem	<p>“Atenção: as imagens a seguir são fortes.” (FSP/Aylan)</p> <p>“A divulgação da imagem ou não, portanto, não se reflete especificamente sobre o direito dessa criança, mas sim sobre um debate necessário da situação de violência e vulnerabilidade, como é a dos refugiados”. (FSP/Aylan)</p> <p>“Mas aqui se trata de uma situação absurda, em que pessoas aos milhares estão fugindo desesperadamente de sua própria nação por causa de uma situação de opressão, de ameaça à integridade”. (FSP/Aylan)</p> <p>“A divulgação da imagem da criança morta por veículos de mídia do mundo todo, de diferentes linhas editoriais, e por usuários de redes sociais ocorreu em meio a debates sobre a necessidade de expor imagem tão agressiva” (FSP/Aylan)</p> <p>“A imagem foi um dos assuntos mais comentados das redes sociais, com a hashtag #KiyiyaVuranInsanlik (algo como “a humanidade levada pelas ondas”, em turco)”</p>	<p>Alerta que existem imagens com crianças mortas. Justifica o uso da imagem das crianças mortas e feridas na fala das fontes especialistas, de autoridade, atores sociais e políticos, além dos próprios autores das notícias e seus respectivos jornais. Os jornais fazem uma autoanálise do uso da imagem para validar o fazer profissional.</p>

	<p>(FSP/Aylan)</p> <p>“A divulgação da imagem da criança morta por veículos de mídia do mundo todo, de diferentes linhas editoriais, e por usuários de redes sociais ocorreu em meio a debates sobre a necessidade de expor imagem tão agressiva.” (FSP/Aylan)</p> <p>“A imagem de Aylan, afogada em um dos resorts de férias mais populares da Turquia, viralizou nas redes sociais e pressionou os líderes europeus a fazer mais para ajudar os refugiados.” (Al Jazeera/Aylan)</p> <p>“Imagens brutais de garoto sírio afogado na Turquia devem ser vistas, dizem ativistas.” (TheNYTimes/Aylan)</p> <p>“Fotografias e vídeos do corpo sem vida de Aylan se espalharam rapidamente pelas redes sociais na Turquia e no resto do mundo, postados por observadores indignados, ativistas de direitos e repórteres que sugeriram que as imagens angustiantes precisavam ser vistas e poderiam ser um catalisador para a comunidade internacional finalmente parar a guerra na Síria.” (TheNYTimes/Aylan)</p> <p>“[...] depois que vídeos de seus chutes e viagens de refugiados fugindo da polícia se espalharam pela mídia e pela Internet [...]” (Al Jazeera/Zaid)</p> <p>“Fotografia de criança ensanguentada torna-se símbolo do sofrimento em Aleppo.” (Euronews/Omran)</p>	
--	--	--

	<p>“Aviso: contém imagens que alguns podem achar angustiantes” (Al Jazeera/Aya e Ahmed)</p>	
<p>Personalização/individualização/singularização</p>	<p>“Imagens emocionantes do corpo sem vida da criança colocam um rosto humano nos perigos enfrentados por dezenas de milhares de pessoas desesperadas que arriscam suas vidas para buscar segurança na Europa.” (Al Jazeera/Aylan)</p> <p>“As imagens da criança morta foram rapidamente absorvidas no vernáculo das mídias sociais, usadas para criar memes e vídeos de homenagem no Photoshop , com imagens do pequeno corpo sendo removido da praia , difíceis de assistir.” (TheNYTimes/Aylan)</p> <p>“A comoção gerada pela imagem de Omran ecoa a foto de Alan Kurdi[...]"(FSP/Omran)</p> <p>“As fotos de Omran - conhecidas por muitos como o garoto na ambulância - lembram a imagem de Aylan Kurdi[...]" (Al Jazeera/Omran)</p> <p>“Como Omran Daqneesh, 5, se tornou um símbolo do sofrimento de Aleppo” (The NYTimes/Omran)</p> <p>“Inconscientemente, Omran - como Alan Kurdi, [...] - está</p>	<p>É eleito um personagem para ilustrar o micro acontecimento, sendo expressado como ícone ou símbolo do macro acontecimento. Os jornais utilizam as imagens das mesmas crianças em todas as notícias. A repetição das imagens ocorrem de forma orquestrada, em sintonia, incitando a comoção coletiva.</p>

	<p>dando nova atenção aos milhares e milhares de crianças mortas e feridas durante cinco anos de guerra e à incapacidade ou falta de vontade de potências globais para parar a carnificina [...]” (TheNYTimes/Omran)</p> <p>“A elaboração de Omran como um emblema do desespero não é nova; imagens de crianças mortas e feridas da Síria são compartilhadas diariamente nas mídias sociais, muitas delas indescritivelmente mais angustiantes [...]” (TheNYTimes/Omran)</p>	
Bastidores	<p>“As imagens foram gravadas pelo repórter alemão Stephan Richter, que divulgou o vídeo no Twitter nesta terça (8)”. (FSP/Zaid)</p> <p>“Foi um repórter alemão que captou as imagens que estão a provocar acesas reacções de indignação.” (Euronews/Zaid)</p> <p>“O vídeo com a imagem de Omran foi divulgado pelo grupo Aleppo Media Centre, ligado à oposição síria.” (FSP/Omran)</p> <p>“A imagem foi divulgada pelo grupo de ativistas anti-regime Aleppo Media Center.” (Euronews/Omran)</p> <p>“As imagens, divulgadas por ativistas da oposição na quarta-feira, mostraram as consequências de um ataque aéreo na cidade de Aleppo [...]” (Al Jazeera/Omran)</p> <p>“Em material compartilhado com a Associated Press, Youssef senta no banco da frente de uma van com os gêmeos, com os</p>	Expõe as origens dos materiais que causaram a alta reverberação dos micro acontecimentos, revelando os bastidores da notícia.

	<p>olhos vermelhos enquanto pede a um parente para gravar seu adeus a eles.” (FSP/Aya e Ahmed)</p> <p>“O Edlib Media Center, um grupo pró-oposição, postou imagens amplamente compartilhadas nas mídias sociais, mostrando pessoas sendo tratadas por médicos e o que pareciam ser cadáveres, muitos deles crianças.” (Al Jazeera/Aya e Ahmed)</p>	
--	--	--

5.5. INTERPRETAÇÃO DISCURSIVA DA RACIONALIZAÇÃO PATÊMICA DAS NOTÍCIAS

Este subitem apresenta a interpretação das relações discursivas entre o logos e o pathos, ou seja, como a emoção é narrada nas notícias, tendo como base o “Esquema de análise discursiva de Charaudeau (2007)” (Fig.1). Assim, verificamos as formas de articulações entre discurso e efeitos patêmicos, sob a perspectiva microestrutural do ponto de vista intencional, o qual reconhecemos como “Mecanismos Estratégicos do Modo de Organização do Discurso” (item acima 5.4), considerando a contextualização comunicacional construída sob a dimensão macroestrutural dos pontos de vistas situacionais de cada episódio e suas peculiaridades de produção e reprodução, já descritos no subcapítulo 5.2. Para auxiliar as inferências da racionalização patêmica, nosso foco está nos aspectos relacionados às três categorias de análise “Qualificações”, “Compaixão” e “Experiência”.

5.5.1. Categoria Qualificações

Refere-se aos julgamentos morais positivos ou negativos sobre a questão do refúgio sírio, além de estereótipos, apresentando as qualificações éticas desse refugiado, assim como as formas de ideias pré-concebidas depreciativas e pejorativas. Ligada aos consensos estereotipados, ou seja, marcas sólidas em forma de alegorização da identidade

(LIPMANN, 1922). As “Qualificações” destacadas são: **fugitivo; refugiado; migrante/imigrante; estrangeiro; invasor; curdo; morto; vulnerável; inaceitável; vítima; horror; barbárie; terrorismo; e ameaça.**

Podemos inferir que a predominância de qualificações negativas se dá pelo fato da situação de refúgio não ter nenhum aspecto positivo em sua natureza. A recorrência do termo “**fugir**”, que aparece sete vezes no episódio Zaid Abdul, por exemplo, denota a ideia de um deslocamento livre e de espontânea vontade. No entanto, na essência conceitual, houve um deslocamento forçado, para fins de sobrevivência, conforme está estabelecido na Convenção das Nações Unidas relativa ao Estatuto dos Refugiados, de 1951.

Reforçar a ideia de que o sírio é um “**refugiado**” é uma forma de reconhecimento da situação específica de guerra, inclusive diferenciando-o de migrante, dentro dos preceitos da Convenção de 1951, instituídos após a segunda guerra mundial, em que passou a designar “refugiado” como aquelas pessoas que temendo serem perseguidas por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontram fora do país de sua nacionalidade e que não podem ou, em virtude desse temor, não contam com a proteção desse país.

Nomear o sírio como “**migrante ou imigrante**” não especifica a condição dele como refugiado, o que não informa a complexidade da situação dessas pessoas. Isso se agrava quando ele é chamado de “**estrangeiro**” na Europa. Dessa forma, insere-se na imigração rejeitada, conforme Seyferth (2008) enquadra como “os pobres que incomodam” (p.17).

Uma construção noticiosa que pode endossar uma cultura xenofóbica é destacar que a política anti-imigração da Europa é fundada na ideia de que os mulçumanos querem “**invadir**” outros territórios e dizimar o cristianismo, conforme abordou o jornal The New York Times no episódio Zaid.

Somente na notícia do jornal Al Jazeera é destacado o fato do menino Aylan pertencer à etnia **curda** e sua morte ter o reconhecimento desse grupo, que é marginalizado historicamente no Oriente Médio, e que “chora” a morte dos integrantes da família de Aylan. O contexto comunicacional nos leva a inferir que o jornal árabe tem mais propriedade e autoridade para tratar do assunto, devido a situação de localização e afinidade identitária.

Qualificar as crianças como **“mortas”** e **“vulneráveis”** que atraíram a atenção mundial é um procedimento inevitável pelos jornais, já que a intenção era chamar atenção para esses personagens elencados pela mídia.

Dois termos que aparecem nas notícias e que podem contribuir com a aversão da opinião pública são os discursos de que o **“terrorismo”** é uma **“ameaça”** vinculada aos refugiados.

A crítica à postura xenofóbica da jornalista húngara, no episódio Zaid, é a forma mais positiva de discurso emotivo dos jornais, já que de maneira geral, abordam o ato **inaceitável** de Petra Laszlo como uma violência dobrada contra o refugiado.

O uso do termo **“horror”** e similares como **“terrível”** e **“assustador”** remetem ao pavor que assola os sírios, seja os que estão na síria, seja os que estão deslocados do país, em situação de refúgio. Com isso, os jornais acionam efeitos abordando a gravidade da situação.

Entender o refugiado como **“vítima”** é uma qualificação importante ao nosso ver, já que essa é uma forma de reconhecimento do sofrimento dessas pessoas, conforme trazemos a discussão teórica no item 1.3.1, em que Jimeno (2010) diz que esse processo deve ser público e notório e precisa envolver vários setores da sociedade para que não seja efêmero na memória coletiva. Essa característica nos possibilita pensar a próxima categoria.

5.5.2. Categoria Compaixão

A partir dessa categoria de análise entendemos que há elementos discursivos que referem-se aos estados psicológicos de dor e sofrimento, demonstrando a forma como o refugiado sírio é descrito em relação à sua tragédia pessoal e coletiva, captando alguma forma de empatia ou sentimento altruísta.

Essa Compaixão é intencionada quando os jornais nomeiam como **“tragédia”**, **“crise”** ou **“drama”** o deslocamento de refugiados à Europa, os ataques químicos e bombardeios. Remetem à dramatização da situação como uma crise instaurada. Com isso, institucionaliza midiaticamente a **“Crise de Refugiados”**, **“Crise na Europa”** **“Crise Migratória”**.

“Comoção social” e **“sensibilização”** são expressões que intencionam causar empatia sobre a questão do refúgio sírio e ao mesmo tempo abordam questões políticas

contra a violência sofrida pelos sírios. Os discursos das notícias também questionam a alta exposição dessas crianças, que acaba viralizando, criando uma onda de choque generalizada. Há indícios de preocupação com a banalização da dor coletiva. No entanto, o uso da imagem delas é justificado no âmbito da experiência do *ethos jornalístico*, como veremos na “Categoria Experiência (5.5.3)”.

O foco nos personagens mirins é reforçado, principalmente nos aspectos de desamparo e “**abandono**” das crianças que estão em meio a um “**conflito**” altamente armado, brutal e cruel. Nesse sentido, o discurso de “**ajuda humanitária**” é estimulado pelos jornais como forma de garantir a defesa de direitos humanos básicos para os sírios. Essa constatação reforça e faz ressoar a ideia de Felix (2015) sobre as necessidades de um refugiado estarem além da hospitalidade, do direito e do dever, pois reside na solidariedade, no compromisso entre seres humanos. Essa dinâmica social pode ser alcançada com o que nos apresenta Jimeno (2010) ao afirmar que as emoções são linguagens políticas, expressas publicamente sob a forma de encenações, mobilizações e imagens compartilhadas. Com isso, a compaixão é despertada pelo sentido de vítima, o qual “aspira a sintetizar a magnitude do ocorrido e a se converter em símbolo cultural dos sentimentos de dor e de raiva” (JIMENO, 2010, p. 116).

5.5.3. Categoria Experiência

Essa categoria refere-se às falas da encenação e performance do discurso relatado e à utilização das fontes, como forma de verossimilhança e autenticidade por parte da instância midiática. Trata-se da palavra testemunhal ou autorreferencial (LUHMANN, 2005) dos jornais, em forma de declaração com o intuito de dar credibilidade aos próprios relatos.

Recurso recorrente em todos os episódios é a informação dos “**bastidores**” da notícia, em que os jornais expõem as origens dos materiais que causaram a alta reverberação dos micro acontecimentos, revelando como foi a construção daquela realidade. Como exemplo, temos:

“As imagens foram gravadas pelo repórter alemão Stephan Richter, que divulgou o vídeo no Twitter nesta terça (8)”.
(FSP/Zaid)

“A imagem foi divulgada pelo grupo de ativistas anti-regime Aleppo Media Center.” (Euronews/Omran)

“O Edlib Media Center, um grupo pró-oposição, postou imagens amplamente compartilhadas nas mídias sociais, mostrando pessoas sendo tratadas por médicos e o que pareciam ser cadáveres, muitos deles crianças.” (Al Jazeera/Aya e Ahmed)

Em grande proporção, as notícias justificam o **“uso da imagem”** das crianças mortas e feridas na fala das fontes especialistas, de autoridades, atores sociais e políticos, além dos próprios autores das notícias e seus respectivos jornais. Os jornais fazem uma autoanálise da superexposição de menores para validar o fazer profissional, como exemplo, o trecho da notícia sobre o episódio Aylan no The New York Times:

Como as fotografias apareciam repetidas vezes nas linhas do tempo no Facebook e no Twitter, estimuladas em parte por sua publicação nos sites dos principais jornais europeus, um debate eclodiu sobre a ética de compartilhar essas imagens gráficas de uma criança morta. Também houve divergências nas redações sobre publicar ou mesmo compartilhar as imagens. Vários repórteres argumentaram vigorosamente que era necessário confrontar o público com o número de mortos da guerra na Síria e com o impacto de políticas que dificultam a busca de asilo por refugiados na Europa. Mas muitos editores estavam preocupados em chocar seus leitores e queriam evitar o aparecimento de tráfico de imagens sensacionais para obter lucro.

Além disso, no Folha.com, no episódio Aylan, existe um aviso de que diz “Atenção: as imagens a seguir são agressivas”.

Figura 18 - Alerta de imagens agressivas FSP/Aylan



Fonte: Folha.com

Assim como no episódio Aya e Ahmed, no jornal Al Jazeera, há o alerta: “Aviso: contém imagens que alguns podem achar angustiantes”. Entendemos que essas mensagens em destaque, que antecedem as imagens de crianças mortas e feridas, podem despertar ainda mais a curiosidade para visualizá-las.

Inferimos que a **“personalização”** é um procedimento altamente executado pelos profissionais da mídia para o alcance em grande escala do micro acontecimento. Pois, em todos os episódios foram eleitos personagens, sendo expressados como ícones ou símbolos do macro acontecimento “Crise Síria”. Os jornais utilizam as imagens das mesmas crianças em todas as notícias. As repetições das imagens ocorrem de forma orquestrada, em sintonia, incitando recursos de políticas de compaixão como a comoção coletiva, a sensibilização social e ajuda humanitária. A esse processo midiático de “personalização do acontecimento”, denominamos “episodialização”.

A “episodialização” é observada tanto na abordagem quanto na estrutura da notícia. Como exemplo, na Figura 19, um comparativo entre os jornais Al Jazeera e Folha.com, do episódio Omran Daqneesh, são utilizadas a foto e o vídeo do “menino da ambulância”, resultando em uma característica de padrões de comportamento entre os jornais. No jornal Al Jazeera, o título já informa que “o vídeo viralizou” e no Folha.com, informa que “gera comoção”.


Figura 19 - Padrão de comportamento discursivo sobre a violência

NEWS / SYRIA'S CIVIL WAR

Haunting video of bewildered Syrian boy goes viral

Images of five-year-old boy, confused after an air strike in Aleppo, spark revulsion across social media.

18 Aug 2016



MORE ON BATTLE FOR ALEPPO

Syria: Opposition denies launching poison gas attack on Aleppo
last year

A Stranger Came to Town: Accounts of the War in Syria
last year

Israel strikes Syrian army base in Aleppo
last year

Iran, Turkey, Russia strike deal on Syria detainees
2 years ago

Images of a five year old Syrian boy - covered in dust and blood after being plucked from a bombed-out building - have gone viral after they were posted to social media, provoking widespread outrage and upset.

The footage, released by opposition activists on Wednesday, showed the aftermath of an air strike in the city of Aleppo and encapsulated the human toll of Syria's five-year war.

The video, posted online by the Aleppo Media Center, shows a stunned and weary-looking boy, sitting alone and bewildered on an orange chair inside an ambulance shortly after he was rescued.

Khaled Khaled, an Aleppo-based member of the Syrian Civil Defence, a volunteer rescue group that operates in rebel-held territory, identified the boy as five-year-old Omran Daqneesh.

The boy was later rushed by members of the group, also known as the White Helmets, to a nearby hospital, Khaled told Al Jazeera.

OPINION: This is not an icon, this is Omran Daqneesh

He suffered from light head wounds and was released later that night.

Three other people were killed and at least eight others, mostly women and children, were injured in the same air strike, according to Khaled.


It was the images of Omran, though, that made the headlines and drew shock and revulsion from both Syrians and foreigners on social media.

In a video of a chaotic night-time scene, a man is seen carrying the boy from the rubble of an unidentified building to an ambulance, the five-year-old's expression dazed and flat-eyed.

The boy then runs a hand over his blood-covered face, looks at the blood and wipes his hands on the ambulance chair. He does not cry or make a sound.

The image has been shared thousands of times on social media platforms such as Twitter and Facebook.

Luna Wafiq
@luna_alabdalla
Look carefully into his eyes. he is silent, but he tells you a lot.
From under rubble... #Aleppo today



The pictures of Omran - referred to by many as "the boy in the ambulance" - were reminiscent of the image of **Aylan Kurdi**, another Syrian boy whose body was found on a beach in Turkey last year after he drowned as he and his family attempted to cross the Mediterranean in the hope of finding refuge in Europe.

The image of Kurdi's body brought world attention to the growing refugee crisis, as tens of thousands of Syrians attempted to make the same dangerous journey, fleeing war-torn homes for the stability of Europe.

UN special envoy Staffan de Mistura estimated in April that at least **400,000 people had been killed** in Syria in a five-year-long war that has uprooted nearly half of the country's population.

SOURCE: **AL JAZEERA**

Battle for Aleppo | Syria's Civil War | Middle East

Have your say. Give us feedback.
Sign up for our Newsletter.

Advertisement

mundo

Imagem de menino de 5 anos após bombardeio em Aleppo gera comoção

Imagem divulgada por rebeldes sírios mostra Omran, 5, em ambulância após ataque aéreo em Aleppo.

DAS AGENCIAS DE NOTÍCIAS

18/08/2016 08h49 - Atualizado às 20h32

Compartilhar

Um menino de cinco anos, coberto de sangue e poeira, olha assustado para a câmera. Sentado em um banco dentro de uma ambulância, sua imagem gerou comoção internacional.

Omran Daqneesh foi vítima de um ataque aéreo em Aleppo, no norte da Síria. O bombardeio ocorreu em um bairro controlado pelos rebeldes opositores do ditador sírio, Bashar al Assad, em meio à guerra civil que consome o país há cinco anos.

O garoto chegou ao hospital na noite de quarta-feira (17) com ferimentos na cabeça, mas já recebeu alta. O ataque ocorreu minutos após um caça decolar da base russa em Latakia, no litoral da Síria. A Rússia é importante aliada de Assad e realiza frequentes bombardeios nas áreas rebeldes.



Assistir mais tarde

Compartilhar

O vídeo com a imagem de Omran foi divulgado pelo grupo Aleppo Media Centre, ligado à oposição síria. O menino foi identificado nesta quinta-feira (18) pelo médico que o atendeu em um hospital de Aleppo, Osama Abu al-Ezz.

Omran foi resgatado com os três irmãos — de 11, seis e um ano de idade — e os pais dos escombros do apartamento da família, parcialmente destruído após o ataque aéreo, de acordo com Mahmoud Raslan, repórter fotográfico autor da imagem que trabalha como correspondente para a rede Al Jazeera.

Segundo Raslan, nenhum dos familiares de Omran teve ferimentos graves. O ataque teria ocorrido durante o período de reza no fim da tarde, por volta das 19h20 desta quarta.

A comoção gerada pela imagem de Omran ecoa a foto de Alan Kurdi, menino de três anos cujo corpo foi encontrado em uma praia na Turquia, em setembro do ano passado, depois do naufrágio da embarcação em que estava sua família. Eles tentavam chegar à ilha grega de Kos.

AJUDA HUMANITÁRIA

O Ministério da Defesa da Rússia anunciou nesta quinta-feira que apoiará a iniciativa da ONU de cessar-fogos semanais de 48 horas em Aleppo, para permitir a chegada de ajuda humanitária. O porta-voz do ministério, Igor Konashenkov, disse que a partir da próxima semana a Rússia irá dar suporte aos comboios de ajuda.

Também nesta quinta, a União Europeia, por meio de um comunicado da chefe de diplomacia, exigiu um "fim imediato" dos combates na cidade do norte da Síria, para não atrapalhar as operações humanitárias.

Trata-se de "permitir a transferência de feridos, o fornecimento de ajuda humanitária e a reparação de infraestruturas essenciais (de fornecimento) de água e eletricidade", afirmou Federica Mogherini. ★ ★ ★

Compartilhar

Fontes: Al Jazeera.com e Folha.com

Ainda no espectro da “episodialização”, em uma análise mais ampla e inferencial para corroboração da nossa hipótese de ápice midiático, destacamos o uso de referencialidade (LUHMANN, 2005) entre os episódios Aylan e Omran, como exemplo, na notícia do jornal The New York Times quando afirma que a imagem de Omran é uma “reminiscência da imagem de Aylan Kurdi”. Essa retomada de lembrança é vista como um processo de “reentrada” (*reentry*) (LUHMANN, 2005) no discurso, ou seja, a “recursividade pública” do tratamento dos temas, em que o autor afirma que “o pré-requisito do já-ser-conhecido e da necessidade de se ter mais informações, é produto típico e exigência de continuidade da comunicação dos meios de massa” (p.31).

Essa construção se dá nas negociações estabelecidas entre os conhecimentos de mundo dos indivíduos envolvidos no ato de comunicação. O autor ressalta que nessa fase é que poderá depreender-se uma outra comunicação, que segue sucessivamente, autoalimentando-se dentro de um sistema.

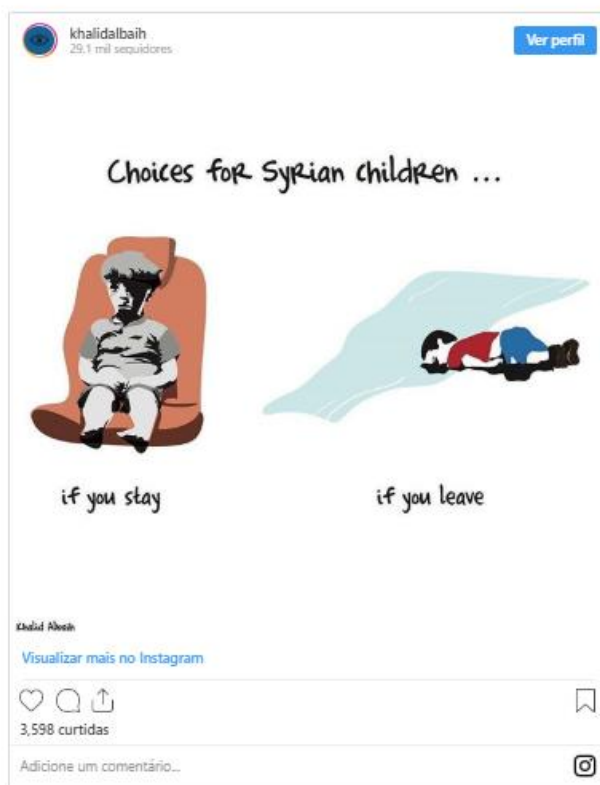
Nesse caso, entendemos que o episódio Aylan serve como “coesão referencial” (KOCH, 1991, p. 29), exercendo uma função remissiva na construção do, então, novo episódio Omran, assim, levando adiante a tematização dos refugiados sírios na mídia e impulsionando para a elevação ao ápice midiático.

A construção discursiva referencial do The New York Times é traduzida da seguinte forma:

No caso de Alan, o bebê sírio que apareceu na praia depois que sua família tentou chegar à Europa no barco de um contrabandista, a criança estava morta. Mas seu corpo estava intacto, deitado na areia como se estivesse dormindo e vestido com evidente amor dos pais durante sua grande jornada. Omran, como é carregado dos escombros de um prédio, no escuro, poderia ser cada criança. Ele olha em volta, confuso, com o antebraço rechonchudo, envolto em confiança nas faixas reflexivas nas costas do socorrista, antes de ser jogado na cadeira, no fundo de uma ambulância, iluminada de um branco ofuscante. (Tradução de trecho da notícia sobre Omran Daqneesh – The New York Times. Ver figura abaixo.)

Figura 20 - Reentrada do episódio Aylan na construção discursiva do episódio Omran

In the case of Alan, the Syrian toddler who washed up on a beach after [his family tried to reach Europe](#) on a smuggler's boat, the child was dead. But his body was intact, lying in the sand as if sleeping, and dressed neatly with evident parental love for his big journey.



Omran, as he is carried from a damaged building in the dark, could be Everychild. He looks around in confusion, his chubby forearm draped trustingly across the reflective stripe on his rescuer's back, before he is plopped into the chair at the back of an ambulance, lit blindingly white.

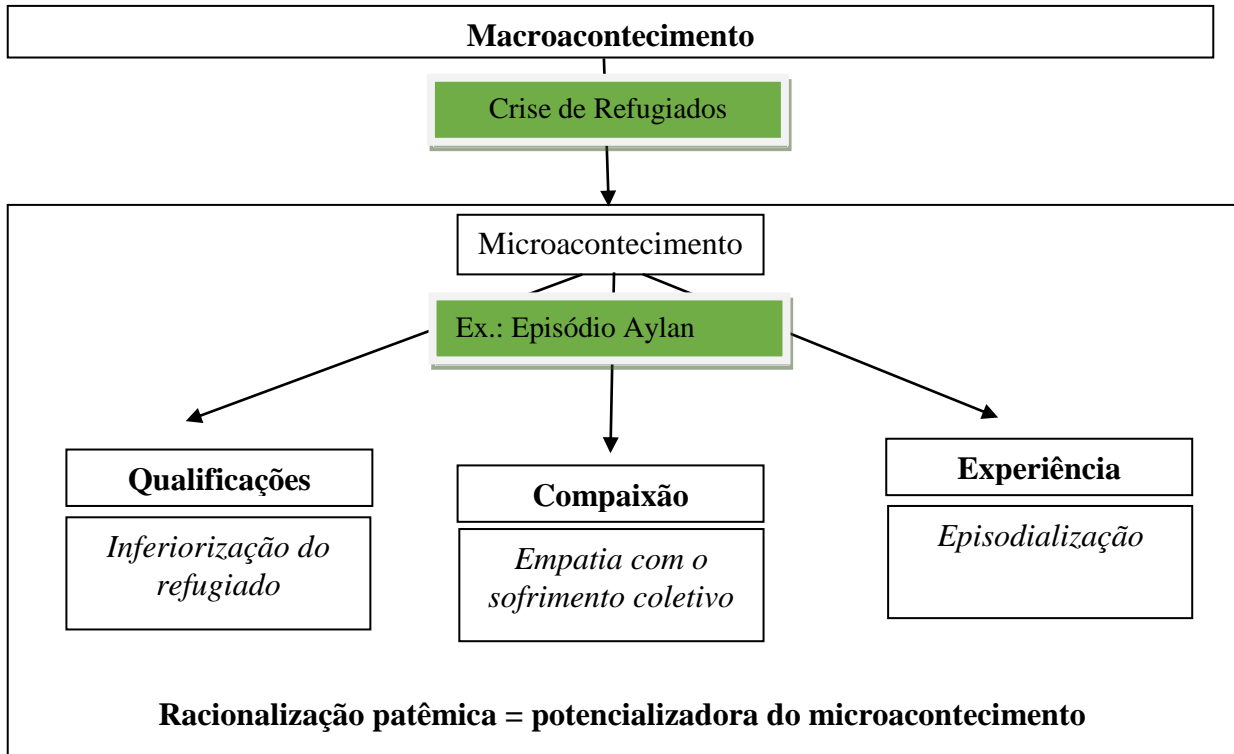
Fonte: nytimes.com

O jornal Folha.com também faz alusão ao episódio de Aylan para autofortificar:

A comoção gerada pela imagem de Omran ecoa a foto de Alan Kurdi, menino de três anos cujo corpo foi encontrado em uma praia na Turquia, em setembro do ano passado, depois do naufrágio da embarcação em que estava sua família. Eles tentavam chegar à ilha grega de Kos. **(Trecho da notícia dobre Omran Daqneesh – Folha.com)**

Complementar à interpretação discursiva da racionalização patêmica, apresentamos um esquema explicativo de como visualizamos o fenômeno:

Figura 21 - Esquematização para visualizar o fenômeno do ápice midiático



Fonte: a autora

Considerações finais

Apresentamos nossas considerações sobre a pesquisa e refletimos sobre o que construímos até o presente momento, projetando olhares futuros. Não temos a pretensão de concluir nenhum pensamento teórico, formular ou atualizar conceitos categóricos, porém defendemos nossa hipótese de pesquisa, sobre o que nos propomos no objetivo geral de analisar as estratégias discursivas nas construções de ações de visibilidade, envolvimento e engajamento social, nas abordagens midiáticas sobre o acontecimento do refúgio sírio, a partir do que os materiais empíricos nos revelaram durante o percurso de pesquisa. Mais especificamente, identificamos estratégias discursivas patêmicas; mapeamos as formações de redes observatórias autofortificadas que se constituem no sistema social; além disso, verificamos as relações dos acontecimentos midiáticos e suas questões de territorialidade.

Vislumbramos esses elementos descobertos por meio da sistematização categórica de análise como participantes das operações sistêmicas formadoras da “racionalização patêmica” e da potencialização dos microacontecimentos sobre o refugiado sírio, possibilitando a proposição conceitual do ápice midiático como um processo comunicacional autofortificado, no contexto dos desdobramentos episódicos de um macroacontecimento (SANTOS, 2005). Diante disso, conseguimos dar a nossa contribuição aos estudos que trabalham as relações entre mídia e discursos emotivos.

Os caminhos escolhidos pela pesquisa

Primeiramente, vamos expor os caminhos metodológicos, com o objetivo de transparecer nossas escolhas. Sobretudo, por que a configuração que a tese adquiriu está totalmente ligada ao que acreditamos fazer parte da (des) construção do objeto. O primeiro procedimento foi o de desprendimento temporário de teorias da nossa área e a busca de uma visão multidisciplinar, dentro das ciências jurídicas, ciências sociais e antropológicas, além da psicologia e da geografia, buscando um domínio de conhecimento mais abrangente sobre a temática, além das fronteiras da área da Comunicação. A circunscrição dos observáveis estendeu-se e definiu-se entre os anos de 2015 e 2017, momentos em que fomos tocados pelos episódios em andamento, dos quais se mostraram relevantes para a nossa análise.

Não tínhamos noção do quanto seria difícil construir um *corpus* de análise sobre os refugiados sírios na mídia, em que os acontecimentos surgem diariamente, em diversas partes do mundo, em consequência de uma situação de extrema violência, que é a Guerra Civil Síria, em andamento desde 15 de março de 2011. Precisávamos muito mais do que faro de pesquisa, não podíamos nos deixar abater pelos conteúdos midiáticos explicitamente brutais, nem pelo nível desumano da natureza deles, seja pelos bombardeios e ataques químicos contra a população que ainda estava na Síria, seja pelas embarcações naufragadas no Mediterrâneo ou pelos caminhões lotados de corpos de sírios que tentavam se refugiar em outros países. Acompanhar as notícias e definir o *corpus* de análise, absolutamente, foi um exercício de superação emocional pessoal.

A seleção das notícias não foi aleatória, pois os materiais nos revelaram que essas abordagens tiveram grande repercussão por um motivo específico, uma estratégia midiática, corroborando com a nossa premissa de que as emoções são táticas de impulsionamentos e que o uso de imagens de crianças causa maior comoção social, possibilitando, em alguns momentos específicos, a elevação do assunto ao topo da escala midiática. A partir disso, o desafio era demonstrar como se dá essa dinâmica.

Da premissa de pesquisa surgiu a problematização do fenômeno comunicacional e foi lançada a hipótese do ápice midiático. Após esse processo exploratório, foram realizadas as descrições, contextualizações da situação de comunicação, articulações teóricas e sistematizações dos materiais empíricos, para então, explicar como se dá esse fenômeno em um nível maior de complexidade.

A pergunta que perseguimos é: **Como a construção de realidades sobre os refugiados sírios intensifica a circulação de discursos emocionais que permitem que esta pauta se autocomplexifique, permaneça na agenda midiática e, conseqüentemente, se potencialize como acontecimento midiático?**

À luz da teoria do Acontecimento Comunicacional e das categorias patêmicas de Charaudeau (2007), os indícios apresentados nos revelaram que havia, nos termos de Santos (2005) um macroacontecimento, ou um acontecimento em curso, iniciado com a Primavera Árabe, em dezembro de 2010, logo depois tornou-se a Guerra Civil Síria, em 2011, e desdobrou-se para a midiaticamente conhecida como “Crise de Refugiados”, a partir da morte do menino Aylan Kurdi, em 2 de setembro de 2015.

Contatamos que a morte de Aylan foi um “microacontecimento previsto” que incorporou um “megaacontecimento imprevisto” (BERGER E TAVARES, 2010) devido a grande repercussão e comoção social em nível mundial. Da mesma forma, também foram

forjados em megacontecimento os episódios do tombo sofrido pelo menino Zaid Abdul, o resgate do menino Omran Daqneesh e a despedida do pai ao casal de gêmeos Aya e Ahmed. A regularidade das lógicas e dinâmicas discursivas, encontrada nesses episódios nos deu segurança ao selecioná-los, traduzi-los e analisá-los criteriosamente com a ajuda das ferramentas metodológicas adotadas.

As análises nos possibilitaram identificar quais são e como atuam as categorias básicas sobre a situação atual do refúgio sírio, por meio dos discursos, integrantes dos processos de racionalização, que são estrategicamente patêmicos. A partir da observação desse comportamento regular discursivo, constituímos o grande grupo: “racionalidade patêmica”, formado pelas relações entre as três categorias emergidas dos materiais empíricos: “Qualificações”, “Compaixão” e “Experiência”.

Entendemos que as emoções possíveis de serem despertadas pelos discursos midiáticos são constituintes das práticas sociais e políticas, bem como os fatos e as formas de nomeá-los são grandes impulsionadores de relações de poder entre as instituições midiáticas, o Estado, atores políticos e refugiados. Nesse sentido, nosso trabalho foi analisar como a mídia constrói esse acontecimento trágico e quais são as dinâmicas sociodiscursivas diante desse fenômeno comunicacional, angulando a visão para o que resulta desses processos de comunicação enquanto efeitos de sentido.

A partir de quatro episódios comunicacionais (BRAGA, 2010), envolvendo as crianças Aylan Kurdi, Ziad Abdul, Omran Daqneesh, Aya e Ahmed al-Yousef, publicados on-line, no período de 02 de setembro de 2015 a 04 de abril de 2017, por quatro empresas jornalísticas com sede em diferentes locais do mundo, Brasil, Estados Unidos, França e Catar, chegamos ao grupo de elementos constituintes da “racionalidade patêmica”.

Consideramos e descrevemos brevemente as formas de ação de cada categoria, que se redefine nesse cenário de mudanças estruturais causadas pelos eventos críticos (DAS, 1995, 2008), estes articulados e entendidos como uma série de microacontecimentos, inseridos em um macroacontecimento (SANTOS, 2005) que infelizmente ainda está em curso.

Para termos uma ideia da projeção do espectro desse macroacontecimento, trazemos a pertinente reflexão do filósofo polonês, que também foi refugiado, Zigmunt Bauman (2018), que um pouco antes de morrer, discorreu sobre o medo que o mundo sente dos refugiados. Para o autor, o choque está apenas começando, pois não existem atalhos para o problema, nem soluções rápidas. Ele alerta que precisamos nos preparar

para um tempo muito difícil que está chegando. A perspectiva lançada por Bauman é de que futuramente ondas migratórias ainda serão pautas nos jornais. Diante disso, cabe a nós, refletirmos como os jornais estão tratando esse assunto, ou seja, qual o desempenho sociotecnodiscursivo e o trabalho social (BRAGA, 2010) que estão sendo realizados na área da Comunicação.

O desafio do aporte teórico multidisciplinar

A base teórica multidisciplinar desta pesquisa foi um grande desafio que resolvemos enfrentar na trajetória de construção da tese. Essa abordagem foi exigida por entendermos o sistema social luhmaniano como uma rede de comunicações intrassistêmicas, impulsionada pelas cada vez mais abundantes tecnologias de difusão e os acionamentos realizados por todos os outros sistemas e seus públicos. Como resultado desses processos sociotecnodiscursivos complexos, temos as irritações e acoplamentos estruturais, que, ao nosso ver, é o que efetivamente comunica, engaja e transforma a sociedade.

No tema dos refugiados sírios, precisávamos entender desde o princípio, o que causou a guerra civil, qual o contexto geopolítico, assim como o contexto cultural e religioso e que políticas públicas estão sendo realizadas para essa situação de extrema gravidade, violência política e estrutural, causando o sofrimento humano coletivo. Foi a partir dessas percepções básicas que definimos o primeiro capítulo da tese, buscando refletir sobre processos de territorialização e reconhecimento do refugiado sírio, entendendo que são instituídas políticas de gestão de sofrimento coletivo que administram e agenciam a dinâmica das migrações forçadas.

O contato direto com os refugiados e migrantes em situação de vulnerabilidade, junto ao Migraidh, foi uma experiência produtiva, enriquecedora e humanizadora, assim como as leituras realizadas e debatidas nos encontros semanais do Grupo de Pesquisa e Extensão. Tivemos acesso a autores que são caros a essa pesquisa, entre eles, a própria coordenadora do Migraidh, professora Giuliana Redin. Assim, adentramos as áreas do Direito, da Psicologia, da Geografia, das Ciências Sociais e Antropologia. Esta última área refletida no item que fala das políticas de gestão de sofrimento coletivo, com o esforço teórico de entender a categoria vítima.

Trazemos alguns conceitos-chave e discussões teóricas dessas áreas, como por exemplo o status de refugiado, as relações entre refúgio e cidadania, defendendo a ideia da existência de uma insuficiente política migratória, repleta de falsas garantias a todos os tipos de migrantes, em especial ao refugiado, que chamamos de “pseudocidadania” fortemente atrelada a questões no campo da ética e da soberania, bem como a objetificação do refugiado no tempo-espaço-global.

No contexto geopolítico, destacamos as relações de poder nas disputas de territórios e conflitos geo-historicamente situados (HAESBAERT, 2014), vislumbrados como geradores de violência política e sofrimento social. Como cenário, descrevemos a contextualização histórico-cultural do êxodo sírio (MASSOULIÉ, 1993); (TEIXEIRA ET AL, 2011) e identificamos os recursos sociotecnodiscursivos, vistos como formadores de redes comunicativas (WEBER, 2007) que impulsionam a potencialização do acontecimento sobre o refugiado sírio e que também contribuem para que esta tematização não saia da agenda midiática.

Articulando aos materiais empíricos analisados podemos destacar o pensamento de Miguel (2015), que afirma que no sistema de violência política criam-se padrões de comportamento e de discurso, configurando um espaço hierarquizado e excludente, impondo ônus àqueles que não agem de acordo com suas regras. Diferente da violência estrutural que está ligada ao poder econômico, a violência política é a responsável pela xenofobia, discriminação, repressão de resistências e contestação violenta. Constatamos que existe uma regularidade discursiva que nomeia o refugiado como vítima, inserido em um sistema de sofrimento coletivo e que ao mesmo tempo busca sensibilizar e comover os públicos buscando a empatia com esse sofrimento.

O que os materiais nos mostraram é que o microacontecimento pode sim se tornar um “evento crítico”, nos termos de Veena Das (1995), na ideia do compartilhamento da dor das comunidades que ficam “presas” em eventos marcantes, os quais mudam o percurso da normalidade, redefinem categorias básicas e reconfiguram novas formas de agenciamentos políticos. Sendo assim, podemos dizer o que a potencialização do acontecimento se dá essencialmente por recursos emotivos da racionalização patêmica.

Resultados da racionalização patêmica como potencializadora do acontecimento

Nesse sentido, entendemos que as “Qualificações” são uma espécie de representações sociais e imaginários sociodiscursivos (CHARAUDEAU, 2007), ligados às crenças e aos conhecimentos que definem tanto os atributos, concepções solidárias e humanitárias quanto as ideias pré-concebidas depreciativas e pejorativas.

“Compaixão” são formas de construção política, na medida em que os discursos denunciam as crueldades, exigem reparação coletiva e reivindicam o reconhecimento das vítimas, os quais podem ser compreendidos dentro de um esquema de códigos simbólicos e progressivas narrativas que universalizam o trauma, em que os direitos humanos se tornam um tipo de política da compaixão.

“Experiência” são formas de “fazer sentir” que Charaudeau (2006) pontua como um procedimento inexorável, uma vez que a inserção de um discurso no domínio midiático exige um teor de dramatização. Nessa grande categoria observamos a encenação discursiva e os modos de utilização dos recursos emocionais, agenciados pelos jornais analisados.

A partir dessas categorias, podemos considerar alguns resultados importantes: os refugiados são vistos de forma negativa, de um modo geral, sendo que suas adjetivações remetem à **inferiorização do indivíduo**, não somente nos quesitos da vulnerabilidade e da vitimização, mas também como invasor, fugitivo e ameaça.

Destacamos o episódio com mais traços discursivos xenofóbicos: o do menino Zaid Abdul, pois, foram utilizadas falas de atores políticos e religiosos com uma versão anti-imigração, dizendo que os muçumanos são invasores que querem assumir o controle. Além disso, reforçou a ideia de que os refugiados estavam fugindo da polícia, tanto que a recorrência das palavras nos mostram que a palavra “fugir” e suas variações aparecem 7 vezes e a palavra “polícia” tem 8 recorrências. Ao mesmo tempo, o foco da abordagem era de que o ato praticado pela jornalista Petra Lazlo foi inaceitável, utilizando as palavras das fontes.

Sobre as formas discursivas que despertam empatia e políticas de compaixão, podemos considerar que a intenção de **sensibilizar os públicos** foi bastante recorrente, principalmente pelos termos serem destacados já nos títulos das notícias: “comoção social, guerra, drama, tragédia e crise”. Essas expressões são formas de reconhecimento

de um sofrimento coletivo e que esses episódios explicitamente dramatizados e envolvendo crianças “atraem atenção para a crise”, “provocam uma onda de choque”, “devem ser vistos”, “são chorados pelos seus grupos”, “geram comoção” e “tornam-se símbolos”.

O *ethos* jornalístico é evidenciado nas formas de falar sobre si dos jornais, possibilitado pela categoria “Experiência”. Conseguimos visualizar dinâmicas recorrentes, regulares e até semelhantes entre jornais, mesmo situados em diferentes pontos do globo terrestre, como mostramos na Figura 19, abordagens similares no Folha.com e no Al Jazeera no episódio Omran Daqneesh. A necessidade de justificar o **uso de imagem** de crianças mortas ou feridas nas notícias é um ponto que merece ser considerado, pois, é notória a recorrência de explicações metajornalísticas, inclusive fazendo levantamento de como foi a cobertura sobre determinado episódio. Além disso, os **bastidores da notícia** também aparecem nas construções de realidade, como uma forma de revelar a “realidade da construção” para inspirar maior confiança nos públicos, conforme defende Luhmann (2005).

Ao nosso ver, todos os elementos acima descritos são produtivos para a nossa hipótese do ápice midiático, porém, a personalização do acontecimento resulta em uma dinâmica diferenciada que chamamos de “episodialização”, que embrionariamente entendemos como o ato de desdobrar um microacontecimento pela força da construção de personagens. Chegamos a essa inferência por constatarmos que nas construções analisadas, tínhamos várias possibilidades de abordagem, porém, ao estabelecer e manter um personagem-símbolo, os fatos ganham um nome que tenha eficácia representativa e até mesmo possa orientar a intenção dos jornais na serialização de determinado episódio.

Afirmamos que esse é um comportamento regular de singularização do acontecimento por meio da imagem de uma criança, na medida em que a mídia designa nomes para tornarem-se ícones da tragédia síria, inclusive fazendo referência entre eles, como vimos no micro acontecimento Onram que faz uma remissão ao micro acontecimento Aylan (Fig.20). Outro exemplo é a episodialização de Zaid, em que o foco passou da demissão da jornalista para o futuro do menino, que depois desdobrou-se nas notícias sobre a vida dele e de sua família na Espanha, a visita ao Real Madri e fotos com o jogador Cristiano Ronaldo.

Ápice midiático como processo comunicacional autofortificado

Desde o princípio, nosso intuito era entender a complexidade do processo comunicacional envolvendo esse fenômeno que dispara o assunto em nível global e em uma velocidade que somente a internet possibilita. A ideia de autofortificação nos pareceu propícia ao rumo que nossa pesquisa estava tomando, principalmente por ser um assunto em efervescência, causando debates polêmicos ao redor do mundo. Foi oportuno abordar os sistemas luhmannianos, pois, conseguimos observar os comportamentos inovadores nos processos midiáticos e sociais, em que há também a participação dos próprios refugiados na retroalimentação desse sistema, ou seja, na autopoiese, conforme mapeamos no item 1.4.1. Contexto comunicacional das redes de autofortificação, em que observamos que os acionamentos emanam de movimentos paralelos e/ou alternativos ao jornalismo profissional e tradicional.

Com isso, descentralizamos o poder da mídia e colocamos nas mãos dos coprodutores, considerados os principais acionadores do ápice midiático. Nesse intuito, compreendemos os fenômenos em uma nova configuração dos processos comunicacionais, a qual foi complexificada devido ao aumento do acesso às tecnologias e dos fluxos comunicacionais, aqui representados teoricamente pelos dispositivos sociotecnodiscursivos, tratados no item 1.4. Haja vista que a Guerra da Síria é originada de um movimento de revolta organizado a partir das redes sociais digitais, ainda em 2011, durante a Primavera Árabe, e mesmo nos dias atuais, com um sistema caótico, existem canais midiáticos alternativos e correspondentes contratados *in loco*, geralmente, são voluntários que atuam no resgate das vítimas, como os “Capacetes Brancos”, que registram os conflitos e enviam materiais para a agências de notícias.

Para entender o que impulsiona esse movimento de grande força discursiva-emotiva, fomos diretamente nas características categoriais do “*logos* patêmico”, que envolve o procedimento de racionalização, ou de encenação do *logos* tendo como estratégia a visada patêmica. Nessa perspectiva, o *logos* e o *pathos*, trabalham em função do elemento dramático/emocional. Entendemos essa dinâmica como “racionalização patêmica”, a qual atua essencialmente na potencialização do microacontecimento.

Nesse sentido, o conjunto categorial, atrelado ao *corpus* revela nossa preocupação em atender, na medida do possível, as dimensões dos efeitos patêmicos, em coerência com nossa premissa de pesquisa. Assim, conseguimos sistematizar fragmentos, processualidades e marcas discursivas revelados pelos materiais empíricos.

Perspectivas e encaminhamentos

A articulação das teorias ao nosso material empírico analisado faz-nos considerar que nos processos comunicacionais houve tensões das redes de autofortificação, por meio de autorreferencialidade, essencialmente encontrada na categoria “Experiência”, heterorreferencialidade, com recurso de reentrada (remissões) e referência a outros sistemas sociais, principalmente o político, cultural e religioso. Entretanto, o conjunto da “racionalidade patêmica” foi a estratégia mais eficiente para o alcance das notícias em larga escala.

Importante considerar que no nosso entendimento o que causa o ápice midiático, é o acionamento social, ou seja a participação e engajamento dos públicos, formando uma grande rede autofortificada de compartilhamento de conteúdos prioritariamente digitais. Isso se dá devido aos processos autonomizados, característicos das novas configurações midiáticas, em que são elaboradas estratégias não somente pelos jornais, mas também pelo próprios refugiados e população síria, os quais querem e precisam ter visibilidade.

Para finalizar nossas considerações, deixamos o seguinte questionamento:

É possível despertar empatia e compaixão através da mídia? Essa é uma emoção legítima?

Se colocar no lugar de alguém que é tão vulnerável e que sofre com tantas barreiras materiais e imateriais não é o mesmo que ser esse alguém! Deixamos para encaminhamentos futuros a nossa reflexão-crítica de que nunca saberemos o que é ser refugiado se não nos transformarmos em um.

No entanto, as políticas públicas e regulações legislativas devem ser pensadas e implementadas, assim como a população mundial precisa ter uma opinião sobre o assunto e realizar ações concretas frente a essa realidade. É nesse contexto que as relações intrassistêmicas atuam, pois, cada sistema social, em determinado ponto do globo terrestre, possui diferentes irritações e acoplamentos estruturais. Sendo que nesse processo tão complexo, que envolve a comunicação substancialmente, é que são criados os discursos que podem ser propensos ao acolhimento e reconhecimento social dos refugiados ou dotados de xenofobia e segregação social.

Referências bibliográficas

ACNUR. **Convenção de 1951 relativa ao Estatuto dos Refugiados**. Disponível em: [http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao relativa ao Estatuto dos Refugiados](http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao%20relativa%20ao%20Estatuto%20dos%20Refugiados). Acesso em 04 jun. 2017.

ACNUR – Agência da ONU para Refugiados. **Cartilha ACNUR: protegendo refugiados no Brasil e no mundo**. 28 pp. Disponível em: <[http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2016/Protegendo Refugiados no Brasil e no Mundo 2016](http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2016/Protegendo%20Refugiados%20no%20Brasil%20e%20no%20Mundo%202016)>. Acesso em 14 de abr. 2016.

ACNUR – Agência da ONU para Refugiados. **Campo de refugiados de Zaatari na Jordânia completa três anos, com desafios para seus milhares de habitantes**. Site ACNUR, 28 jul. 2015. Notícias. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/noticias/noticia/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/>>. Acessado em: 28 jul. 2015.

ALEXANDER, Jeffry. **On the social construction of moral universals**. The ‘Holocaust’ from War Crime to Trauma Drama. In: European Journal of Social Theory, Volume 5, Número 1, p.5 a 85, 2002.

AGIER, Michel. **Refugiados diante da nova ordem mundial**. In: Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v. 18, n.2, p. 197-215, 2006.

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018a.

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2018b.

BABO-LANÇA, Isabel. **A constituição do sentido do acontecimento na experiência pública**. Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, n. 9-9, p. 85-94, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Zygmunt Bauman: o medo dos refugiados**. Site Fronteiras do Pensamento, 2018. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/artigos/zygmunt-bauman-o-medo-dos-refugiados>. Acessado em: 30 jul. 2019.

BERGER, Christa; TAVARES, Frederico. **Tipologias do acontecimento jornalístico**. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virgínia (Org.). Jornalismo e acontecimento, mapeamentos críticos. Volume 1. Florianópolis: Insular, p. 121-142, 2010.

BRAGA, José Luiz. **Comunicação, disciplina indiciária**. Matrizes (USP. Impresso), v. 1, p. 73-88, 2008.

_____. **O que a comunicação transforma?** In: BRAGA, José Luiz et al. (Orgs). 10 perguntas para a produção de conhecimento em Comunicação. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2013.

BRASIL. **Migrantes, apátridas e refugiados: Subsídios para o aperfeiçoamento de acesso a serviços, direitos e políticas públicas no Brasil.** Brasília/DF: Ministério da Justiça, 2015. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B4zxMQF6ymmvT3F6WV9nUFk3SkE/view?usp=sharing>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

BRASIL. Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Dispõe sobre os direitos e os deveres do migrante e do visitante, regula a sua entrada e estada no País e estabelece princípios e diretrizes para as políticas públicas para o emigrante. *Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]*, Brasília, DF, ano CLIV, n. 99. 25 maio 2017. p. 1. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=25/05/2017>. Acesso em: 25 mai. 2017.

CASADEI, Eliza Bachega. A legitimação das redes sociais como fonte para o jornalismo sob a perspectiva dos códigos padrões de narração. *Revista Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura*. Vol. 2, Nº 5, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Discurso Político.** São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Las emociones como efectos de discurso.** *Revista Version*, Mexico, n. 26, pp. 97-118, 2011.

_____. Pathos e discurso político. In: Ida Lucia Machado, William Menezes, Emilia Mendes (org.). **As Emoções no Discurso.** Volume 1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 240-251.

CONARE. **Resolução Normativa CONARE Nº 17 DE 20/09/2013.** Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=258708>. Acesso em 12 out. 2018.

CONARE. **Refúgio em números, 2ª ed.** Relatório anual, 2017. Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/01/refugio-em-numeros-2010-2016.pdf>. Acesso em 12 de out. 2018.

CONARE. **Refúgio em números, 3ª ed.** Relatório anual, 2018. Disponível em: http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numeros_1104.pdf. . Acesso em 12 de out. 2018.

DAS, Veena. **Critical events: An anthropological perspective on contemporary India.** Delhi: Oxford University Press, 1995.

DAS, Veena. **La antropologia del dolor.** In: *Sujetos del dolor, agentes de dignidad.* Ortega (ed). *Lecturas CES*, 2008, pp-407-473.

EDWARDS, Adrian. **Refugiado ou Migrante?** O ACNUR incentiva a usar o termo correto. Site ACNUR, Genebra, 01 out. 2015. Notícias. Disponível em:

<[http://www.acnur.org/t3/portugues/noticias/noticia/refugiado-ou-migrante-o-acnur-
incentiva-a-usar-o-termo-correto/](http://www.acnur.org/t3/portugues/noticias/noticia/refugiado-ou-migrante-o-acnur-
incentiva-a-usar-o-termo-correto/)>. Acessado em: 05 out. 2015.

ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO, 2016. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005139>>. Acessado em: 22 mai. 2016.

FASSIN, Didier. **Humanitarian Reason**. A moral history of the present. University of California Press. 352p. 2011.

FELIX, Ricardo Burrattino. **População Síria no Brasil e Mecanismo de Proteção**. Concessão de Vistos em Caráter Humanitário aos Afetados pelos Conflitos na Síria. In: REDIN, Giuliana, MINCHOLA, Luís Augusto Bittencourt (Org). Imigrantes no Brasil: proteção dos direitos humanos e perspectivas políticos-jurídicas. Curitiba : Juruá, p. 281-298, 2015.

GARCIA, A. D. **Irritações no espaço do quinto poder**: ritos e fragmentos de construção da crítica de mídia no Observatório da Imprensa. São Leopoldo, RS. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2012, 168 p.

GARCIA, A. D.; POZOBON, R. O. . **Refugiados mirins sírios e o acontecimento midiaticizado pela emoção**: uma hipótese de ápice midiático. In: I Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais, 2016, São Leopoldo. I Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais, 2016.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada, Rio de Janeiro, Editora LTC, 1975.

GOMES, Antonio Marcos Tosoli. **Análise de discurso francesa e teoria das representações sociais**: algumas interfaces teórico-metodológicas. Revista Psicologia e Saber Social, v. 4, n. 1, p. 3-8, 2015.

FRANÇA, Vera; ALMEIDA, Roberto. **O acontecimento e seus públicos**: um estudo de caso. Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura, v. 6, n. 2, 2008.

_____. **O acontecimento em sua dimensão semiótica**. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virgínia (Org.). Jornalismo e acontecimento, mapeamentos críticos. Volume 1. Florianópolis : Insular, p. 77-93, 2010.

FUINI, Lucas Labigalini. **O território em Rogério Haesbaert**: concepções e conotações. In: Geografia, Ensino e Pesquisa, v. 21, n 1, 2017, pp- 19-29.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Viver no limite**: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

JIMENO, Myriam. **Emoções e Política:** a vítima e a construção de comunidades emocionais. In: Revista Mana, v.16, n 1, p- 99-121, 2010.

LUHMANN, N. **A realidade dos meios de comunicação.** SP: Paulus, 2005.

MASSOULIÉ, François. **Os Conflitos do Oriente Médio.** São Paulo: Editora Ática, 1996.

MEDEIROS, F.L.S. ; PONTES, M. ; FERNANDES, S. ; GOES, Y. . Refúgio e Primavera Árabe: análise crítica sobre desestabilizações do país acolhedor e as responsabilidades do Estado. In: Cândido, Débora Antônia Lobato; Lima, Amanda Evelyn Cavalcanti de; Dias, Felipe Oliveira; Schetinger, Isadora Bertolin; Cunha, Rhebecca Szwarcberg. (Org.). **Justiça Enquanto Responsabilidade:** o potencial transformador dos agentes no mundo contemporâneo. 1ed. Brasília : ArtLetras Editora, 2014, v. 1, p. 515-542.

MEZZADRA, Sandro. **Multiplicação das fronteiras e Práticas de mobilidade.** In: REMHU – Revista Interdisciplinar Mobilidade Humana, Brasília, Ano XXIII, n. 44, p. 11-30, Jan-Jun. 2015.

MIGUEL, Luis Felipe. **Violência e Política.** In: Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS), v. 30, n. 88, junho, 2015.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** Paris, 1948. Disponível em: <<http://www.dudh.org.br/wp-content/uploads/2014/12/dudh.pdf>>. Acessado em: 12 abr. 2016.

PAIVA, Odair da Cruz. **Refugiados de Guerra e a Imigração para O Brasil nos anos 1940 e 1950.** *Revista Travessia.* Ano XIII, n. 37 mai/ago de 2000, p. 25-30.

POZZOBON, Rejane de Oliveira. **Argumentação enquanto perspectiva teórico-metodológica para estudos de mídia e política.** Trabalho apresentado no VIII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política - Compolítica, Brasília, FAC UnB, 15 a 17 de maio, 2019.

QUÉRÉ, Louis. **Entre facto e sentido:** a dualidade do acontecimento. In: Trajectos, Lisboa, n.6, 2005, p.59-75.

REDIN, Giuliana. O direito humano de imigrar na perspectiva do tempo-espaço global. In: TYBUSCH, Jerônimo Siqueira, et al (Orgs.). **Direitos emergentes na sociedade global:** anuário do Programa de Pós-graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Maria. Ijuí – UNIJUÍ, 2013. p. 121- 138.

REGIS, André. **Intervenções humanitárias, soberania e a emergência da responsabilidade de proteger no Direito Internacional Humnitário.** In: Prima Facie, v 5, n 9, jul/dez, 2006. pp- 5-17.

ROCHE, Alexandre A. E. **A primavera do mundo árabe-sunita:** o islã árabe-sunita entre o wahhabismo conservador e o espírito crítico, entre a política do petróleo e a independência econômica. In: Revista Conjuntura Austral, Vol. 2, nº. 7, Ago-Set 2011.

Disponível

em:

<http://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/22774/13192>

SANTOS, J. M. Da perca do mundo à sociedade dos (mega)acontecimentos. In: **Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – departamento de Sociologia. Seção de Comunicação, Cultura e Educação, n. 6, p.77-83, 2005.

SANTOS FILHO, Onofre dos. **Os movimentos contestatórios no Oriente Médio e no Norte da África: a Tunísia é a solução?**. Estudos Internacionais: revista de relações internacionais, Belo Horizonte, MG, v.1, n.1, p.37-58, Jan-Jun 2013. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/estudosinternacionais/article/download/5159/5169>

SARTI, Cynthia. **A vítima como figura contemporânea**. In: Caderno CRH (Salvador), v. 24, n. 61, pp. 51-61.

SEYFERTH, Giralda. **A assimilação dos imigrantes como questão nacional**. Mana: estudos de antropologia social, vol.3, n.1 Rio de Janeiro, Abr. 1997, p. 95-131.

_____. **Imigrantes, estrangeiros: a trajetória de uma categoria incômoda no campo político**. In: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, 01 e 04 de junho de 2008, Porto Seguro, Bahia. Anais da 26ª RBA. Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/mesas_redondas/trabalhos/MR%2012/giralda%20seyferth.pdf

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. **Rede e território: reflexões sobre a rede agroindustrial do tabaco, circuito espacial de produção e círculos de cooperação na região sul do Brasil**. Caderno de Geografia, v.26, n.47, 2016, pp. 911-941.

WEBER, M. H. **Na Comunicação Pública, a captura do voto**. LOGOS 27, Mídia e Democracia, Rio de Janeiro, ano 14, 2º semestre de 2007, p. 21-42. Disponível em: http://www.logos.uerj.br/PDFS/27/03_MARIA_WEBER.pdf

UNHCR. **Global Trends: Forced displacement in 2018**. Publicado em 20 jun. 2019. Disponível em: <https://www.unhcr.org/5d08d7ee7.pdf>. Acesso em 20 jun. 2019.

ZAHREDDINE, Danny. **A crise na Síria (2011-2013): uma análise multifatorial**. In: Revista Conjuntura Austral, Vol. 4, n. 20, p. 06-23, Out-Nov 2013. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/43387/27333>




Anexo 1 - Notícia analisada Aylan Kurdi / FSP

mundo

Foto de menino refugiado morto na praia atrai atenção para crise

LEANDRO COLON
DE LONDRES
ISABEL FLECK
DE SÃO PAULO

02/09/2015 18h36 - Atualizado em 03/09/2015 às 02h05

Compartilhar    0  OLHA O TEXTO  Mais opções

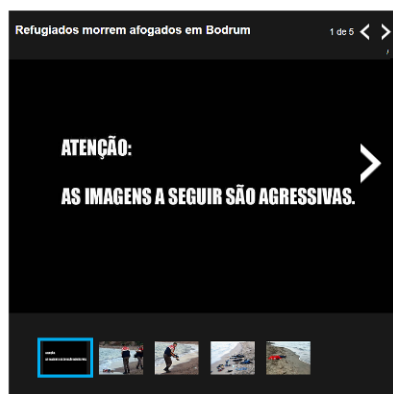
A morte de 12 pessoas na Turquia, simbolizada pela imagem do corpo de Aylan Kurdi, de três anos, à beira do mar, escancarou a tragédia dos milhares de refugiados que tentam chegar à Europa.

A foto da criança foi registrada nesta quarta-feira (2) numa praia na região de **Bodrum** e divulgada pela agência de notícias turca **DHA**.

Os 12 foram identificados como sírios que estavam em dois barcos que naufragaram com 23 pessoas em direção à ilha grega de Kos.

As imagens espalharam-se pelas redes sociais e ganharam repercussão no momento em que a Europa discute como lidar com o que considera a maior fluxo de refugiados desde a Segunda Guerra.

O menino está de camiseta vermelha, bermuda e tênis. Numa das imagens, o seu corpo está sozinho, à beira do mar. Em outra, ele é carregado por um policial.



Com base no relato de parentes, a mídia turca identificou a criança. Um irmão dele de cinco anos e a mãe, identificada como Rihan, também morreram, segundo a imprensa turca. O pai, Abdullah Kurdi, sobreviveu.

Segundo o noticiário local, eles fugiram para a Turquia no ano passado após deixarem a cidade síria de Kobani para escapar do conflito com o Estado Islâmico (EI).

A imagem foi um dos assuntos mais comentados das redes sociais, com a hashtag #KiyiyaVuranInsanlik (algo como "a humanidade levada pelas ondas", em turco).

Esses 12 mortos se somam à estimativa de pelo menos 2.600 pessoas que morreram neste ano tentando chegar à Europa pelo mar, segundo dados da OIM (Organização Internacional de Migração).

Estima-se que mais de 300 mil pessoas tenham feito a travessia em 2015, muitas delas fugindo de países em conflito como Síria e Afeganistão, e outras milhares, de países africanos, sobretudo da África subsaariana.

Na semana passada, um caminhão com 71 corpos em decomposição, provavelmente sírios, foi encontrado abandonado numa estrada na Áustria na região da fronteira com a Hungria.

A Turquia tem se tornando o primeiro ponto de parada de muitos refugiados sírios. Daí, eles tentam chegar a países como a Grécia, de onde buscam seguir viagem para regiões mais ricas da Europa, como a Alemanha, que deve receber somente neste ano 800 mil pedidos de asilo.

COMOÇÃO

A divulgação da imagem da criança morta por veículos de mídia do mundo todo, de diferentes linhas editoriais, e por usuários de redes sociais ocorreu em meio a debates sobre a necessidade de expor imagem tão agressiva.

Para a professora de direito Eloísa Machado, da Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP), é delicada a decisão.

"Os parâmetros de proteção do direito da criança e do adolescente não tratam especificamente desse ponto" afirma.





"A divulgação da imagem ou não, portanto, não se reflete especificamente sobre o direito dessa criança, mas sim sobre um debate necessário da situação de violência e vulnerabilidade, como é a dos refugiados."

Machado diz que há "prós" e "contras" à difusão da imagem, mas afirma que a foto pode ajudar a sensibilizar governos a agirem de forma "mais incisiva na proteção dos direitos da criança".

O jornalista Eder Chiodetto, ex-editor de Fotografia da **Folha** e curador, defende a divulgação.

"Uma coisa seria publicar essa imagem caso o garoto tivesse morrido acidentalmente na praia. Mas aqui se trata de uma situação absurda, em que pessoas nos milhares estão fugindo desesperadamente de sua própria nação por causa de uma situação de opressão, de ameaça à integridade", diz.

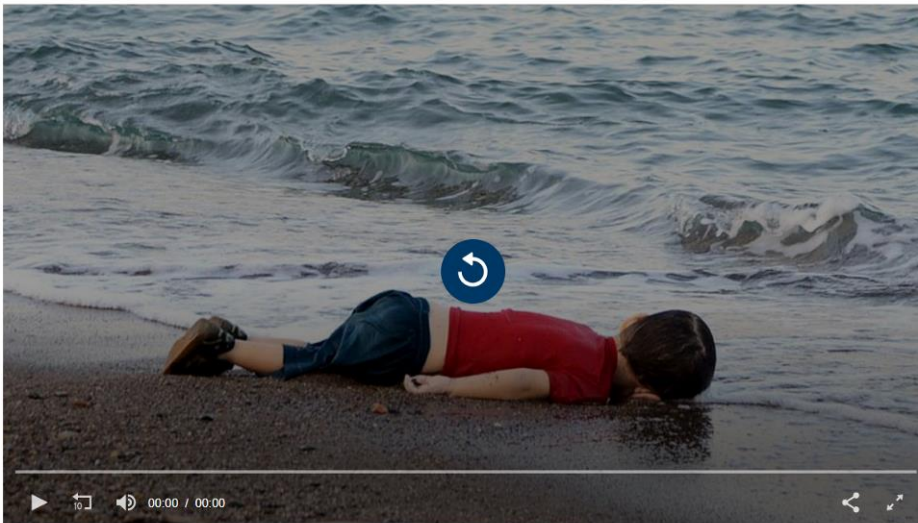
Em 2014, ao menos 24 mil crianças e adolescentes fizeram a travessia pelo Mediterrâneo. Metade sem os pais. ★★

Compartilhar    0  OLHA O TEXTO  Mais opções

TURQUIA

Migrantes: imagem de corpo de criança provoca onda de choque

De **Rodrigo Barbosa** com AFP / Reuters • Últimas notícias: 03/09/2015



PARTILHE ESTA NOTÍCIA



Numa morgue de Bodrum, na Turquia, familiares de um grupo de refugiados sírios que perderam a vida a tentar chegar por mar à Grécia foram chamados a identificar, esta quarta-feira, algumas das vítimas.

Na noite de terça para quarta-feira, o naufrágio de duas embarcações que transportavam 23 migrantes que tentavam chegar à ilha grega de Kos através de uma das mais curtas ligações marítimas entre a Turquia e a Europa saldou-se em pelo menos doze mortos, entre os quais cinco crianças.

Vários corpos deram à costa numa das estâncias balneares de Bodrum.

As imagens mostraram uma das mais trágicas facetas da crise migratória e correram o mundo, em particular a do corpo de um rapaz de 3 anos, identificado pelos meios turcos como Aylan Kurdi, que terá morrido com o irmão de 5 anos no naufrágio.

TAMANHO DO TEXTO



Notícias relacionadas

- Aylan não está sozinho
- Migração: Tragédia numa praia da Turquia
- Encontrado morto um dos fundadores dos "Capacetes Brancos"

Saiba mais

MIGRAÇÃO

TURQUIA

REFUGIADOS

CRISE HUMANITÁRIA

Anexo 3 - Notícia analisada Aylan Kurdi / Al Jazeera


SYRIA'S CIVIL WAR | Kurds mourn drowned refugee brothers in Syria's Kobane

NEWS / SYRIA'S CIVIL WAR

Kurds mourn drowned refugee brothers in Syria's Kobane

Syrian-Kurdish man who lost his wife and two sons when their boat capsized en route to Greece returns to bury family.

4 Sept 2015



The Syrian-Kurdish boy whose death has become a symbol for the desperate plight of refugees trying to escape the war and find safety in Europe, has been laid to rest, along with his brother and mother.

Three-year-old Aylan Kurdi, who had drowned along with his mother Rehan and his five-year-old brother Galip while trying to reach the island of Kos in Greece, were buried in their hometown of Kobane on Friday.

The funeral was attended by hundreds of supporters and Kurdish officials from the city, the Iraqi-based [Kurdish](#) network Rudaw reported.

The three bodies were flown to a city near Turkey's border with Syria, from where police-protected funeral vehicles made their way to the border town of Suruç and crossed into Kobane.

Legislators from Turkey accompanied the brothers' father, Abdullah Kurdi to Kobane. Journalists and well-wishers were stopped at a checkpoint some 3km from the border.

Suspected traffickers

Turkish authorities have arrested four suspected traffickers over the deaths of 12 Syrian refugees in two boat sinkings, including that of the Kurdi family, a report said on Thursday.

The four, all Syrian nationals aged between 30 and 41, are accused of "causing the death of more than one person" and "trafficking migrants", the Dogan news agency reported.

Earlier, the father of the Kurdi brothers said he wants the international attention on his sons' deaths to focus on preventing similar incidents from happening again.

"We want the world's attention on us, so that they can prevent the same from happening to others. Let this be the last," Kurdi said on Thursday.

In a statement to police obtained by the Hürriyet newspaper, Abdullah said he had twice paid smugglers to take him and his family to Greece but their efforts had failed.

They had then decided to find a boat and row themselves but it began to take in water and when people stood up in panic, it capsized.

"I was holding my wife's hand. My children slipped away from my hands. We tried to hold on to the boat," he said in the statement. "Everyone was screaming in pitch darkness. I couldn't make my voice heard to my wife and kids."

RELATED: 'If these images don't change Europe's what will?'

The image of Aylan, drowned off one of Turkey's most popular holiday resorts, went viral on social media and piled pressure on European leaders to do more to help refugees.

Heart-rending pictures of the toddler's lifeless body put a human face on the dangers faced by tens of thousands of desperate people who risk their lives to seek safety in Europe.

"If these extraordinarily powerful images of a dead Syrian child washed up on a beach don't change Europe's attitude to refugees, what will?" Britain's Independent said in remarks echoed in newspapers across the continent.


Over the past week, there has been a dramatic spike in the numbers of refugees - mainly from Syria, Afghanistan, Pakistan, and Africa - seeking to leave Turkey by sea for Greece in the hope of building new lives in the European Union.

SOURCE: AL JAZEERA AND AGENCIES

Humanitarian crisis | Syria's Civil War | Turkey | War & Conflict | Human Rights

Have your say. Give us feedback. Sign up for our Newsletter.

Advertisement



MORE ON HUMANITARIAN CRISES


British founder of Syria's White Helmets found dead in Turkey
6 days ago

In Pictures: 100 days of crippling lockdown in Kashmir
6 days ago

UK police identify truck victims, 10 teenagers among 39 dead
last week

The New Women of Gaza
last week

Aylan Kurdi's father recalls moment he lost his family




TRENDING

Iran's protests: All you need to know in 600 words

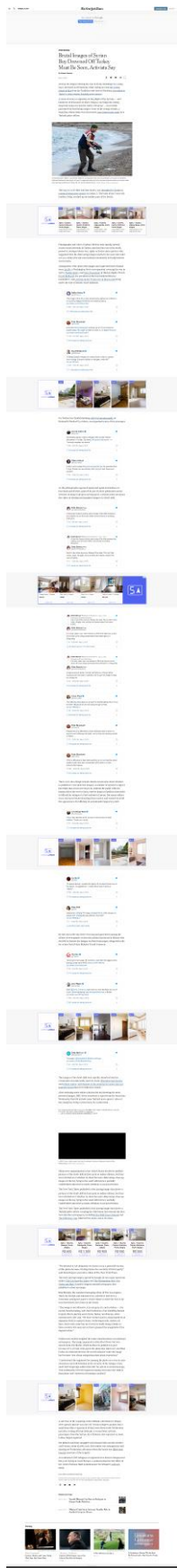
Hong Kong police storm through barricades at ...

NEW TO AL JAZEERA?

Click here for some of our best work

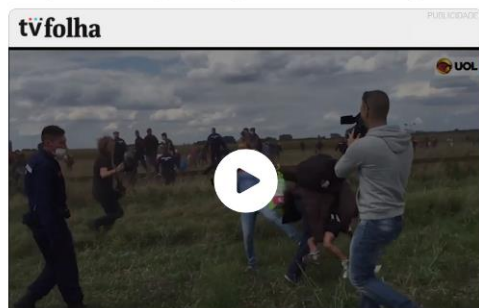


Anexo 4 - Notícia analisada Aylan Kurdi / TheNYTimes




mundo

Cinegrafista faz refugiado tropeçar enquanto fugia da polícia na Hungria



DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

08/09/2015 21h11

Compartilhar     0  OUVIR O TEXTO  Mais opções

Uma cinegrafista de um canal de TV nacionalista da Hungria foi flagrada chutando duas crianças refugiadas e fazendo um homem cair enquanto eles corriam da polícia em Roszke, logo após cruzarem a fronteira com a Sérvia.

As imagens foram gravadas pelo repórter alemão Stephan Richter, que divulgou o vídeo no Twitter nesta terça (8). Nos 20 segundos de imagem, Petra Laszlo aparece provocando a queda de um homem que levava uma menina.



Cinegrafista chutou imigrante que levava uma criança e fugia da polícia em cidade fronteiriça na Hungria

O refugiado cai sobre a criança que levava. Quando o estrangeiro foi reclamar com a cinegrafista húngara, ela estava filmando outro ponto da fuga dos refugiados. O vídeo provocou comoção na internet.

O canal em que Laszlo trabalha é aliado do partido de extrema direita Jobbik, que defende ideias neonazistas, antissemitas e anti-imigração. A agremiação é a terceira maior do Parlamento e faz oposição ao primeiro-ministro Viktor Orban.

Petra Laszlo ainda não se pronunciou sobre o caso. O canal N1TV informou que a demitiu "por seu comportamento inaceitável". "O emprego da cinegrafista foi retirado de forma imediata, o caso para nós está encerrado."


Além de discursos feitos pelo líder do Jobbik, Gabor Vona, o site do canal traz outros textos críticos aos imigrantes. Em um deles, comparam a Hungria à base dos EUA em Guantánamo (Cuba), que abriga presos acusados de terrorismo.

Partidos de centro e de esquerda iniciaram um processo por violência contra a cinegrafista, que pode ser punida com até cinco anos de prisão. A Hungria é um dos países de passagem dos refugiados e dos imigrantes que vêm do Oriente Médio em direção ao norte da Europa.

O primeiro-ministro do país, Viktor Orban, é contra as cotas de refugiados por país da União Europeia e culpa a Alemanha pela chegada dos estrangeiros. Na semana passada, as estações de trem do país ficaram lotadas diante da negativa das autoridades locais de permitir sua passagem para outros países.

Depois de dias de [confrontos com a polícia](#) e de passarem fome e sede, os [refugiados começaram a deixar o país](#) e atravessar a fronteira com a Áustria.

★ ★ ★

Compartilhar     0  OUVIR O TEXTO  Mais opções

Português ▾

euronews.

Europa Mundo Economia Desporto Cultura Sci-tech Viagens Vídeo | Programas ▾

ÚLTIMA HORA • Banco Europeu de Investimento vai parar de financiar os combustíveis fósseis até ao fim de 2021

Home > Notícias > Mundo > Jornalista húngara pontapeia refugiados no campo de Röszke

HUNGRIA

Jornalista húngara pontapeia refugiados no campo de Röszke

De Euronews • Últimas notícias: 09/09/2015

Home > Notícias > Mundo > Jornalista húngara pontapeia refugiados no campo de röszke

HUNGRIA

Jornalista húngara pontapeia refugiados no campo de Röszke

De Euronews • Últimas notícias: 09/09/2015



Notícias relacionadas

- A história do homem que uma repórter húngara resolveu rasteirar
- Migração: Que acolhimento recebem os migrantes na Europa?
- Crise migratória: "O Conselho de Segurança da ONU mostrou-se completamente inútil"


Saiba mais

HUNGRIA

MIGRAÇÃO

JORNALISTA

Anexo 7 - Notícia analisada Zaid Abdul / Al Jazeera



NEWS
OPINION
VIDEO
SHOWS
SCHEDULE

[Visit Al Jazeera English](#)

WORLD
U.S.
INTERNATIONAL
ECONOMY
TECHNOLOGY
SCIENCE
ENTERTAINMENT
SPORTS
CULTURE
HUMAN RIGHTS

REFUGES
ELECTION 2016
IMMIGRATION
ISIS
SPECIAL COVERAGE


INTERNATIONAL

COMMENTS

Hungarian TV journalist fired for tripping, kicking refugees

Chief editor at N1TV calls camerawoman's actions 'shocking and unacceptable'

September 9, 2015 7:30AM ET



TRIPPING REFUGEES

A camerawoman for a private television channel in Hungary was fired late on Tuesday after videos of her kicking and tripping refugees fleeing police spread in the media and on the Internet.

In separate videos, the woman, later identified as Petra Laszlo, is seen kicking a girl and tripping a man carrying a child as hundreds of refugees, many of them from Syria, broke away from police on the Hungary-Serbia border.

"An employee of N1TV today showed unacceptable behavior at the Roszke collection point," N1TV, also known as Nemzeti TV, said in a statement. "We have terminated the contract of the camerawoman, with immediate effect today."

Szabolcs Kisberk, the chief editor at the channel, told Reuters, "I believe we have done what we had to do in this situation. We don't understand how this could happen. It is shocking and unacceptable."

Reuters was unable to reach Laszlo for comment. Hungary's right-wing government has taken a hard line on the flow of refugees across its borders en route to Western Europe, portraying them as a threat to European prosperity and Christian values.

N1TV runs a weekly talk show with Gabor Vona, the leader of the far-right, anti-immigration opposition party Jobbik, according to the channel's website.


The channel says it stands for "national issues."

Over 150,000 refugees, many of them fleeing conflicts in the Middle East, have been recorded entering Hungary so far this year.


Police have been trying to round them up and register them, in line with European Union rules, but many refugees refuse, fearing that they will then be forced to stay in Hungary.

Reuters


SHARE THIS: <http://aj.zm.net>



Refugees try to break free from police in Hungary
Hungary needs a holding point as hundreds have spent three days guarded by police waiting to be registered.



Volunteers defy police and traffickers with refugee convoy
More than 150 drivers from Austria and Germany collect refugees from Hungary.



Austria to revoke measures that let refugees cross from Hungary
Austria to revoke measures that let refugees cross from Hungary.

RELATED

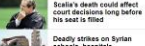
PLACES

Hungary


TOPICS

Refugees

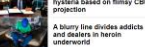
EDITOR'S PICKS



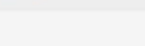
Bele's death could affect court decisions long before his seat is filled



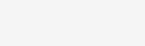
Deadly strikes on Syrian schools, hospitals denounced as 'war crime'



New black majors make a difference, one Georgia town at a time




opinion: Renewed deficit hysteria based on flimsy CBO projection




A luxury line divides addicts and dealers in heroin underworld


WATCH




FOUR WORLDS, THREE INCOMES
China, Sweden and other specifics in focus




VOTER APPROVAL: THIS ECONOMY
Voters used to hold little hope with violence in Chicago




AL JAZEERA AMERICA NEWS
Senators charge against a Chicago official



AL JAZEERA AMERICA NEWS
Japan issued warmest ever official apology from Japan



AL JAZEERA AMERICA NEWS
Canada's missing indigenous woman



NEWS

OPINION

VIDEO

SHOWS

About

Our Mission, Vision and Values

Code of Ethics

Social Media Policy

Leadership

Contact Us

Press Releases

Awards and Accomplishments

Visit Al Jazeera English

Mobile

Newsletter

RSS

Site Map

Privacy Policy

Cookie Policy

Terms of Use

Subscribe to YouTube Channel

FAQ

Community Guidelines

Site Index

© 2015 Al Jazeera America, LLC. All rights reserved.

نحن نستخدم ملفات تعريف الارتباط "الكوكيز" لتسهيل العمل الخاصة بك. يمكنك تعديل إعداداتك أو رفض ملفات تعريف الارتباط الخاصة بنا.

mun



Imagem de menino de 5 anos após bombardeio em Aleppo gera comoção



Imagem divulgada por rebeldes sírios mostra Omran, 5, em ambulância após ataque aéreo em Aleppo

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

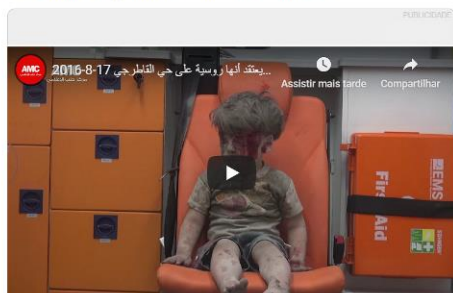
18/08/2016 © 08h49 - Atualizado às 20h32

Compartilhar    0  OUVIR O TEXTO  Mais opções

Um menino de cinco anos, coberto de sangue e poeira, olha assustado para a câmera. Sentado em um banco dentro de uma ambulância, sua imagem gerou comoção internacional.

Omran Daqneesh foi vítima de um ataque aéreo em Aleppo, no norte da Síria. O bombardeio ocorreu em um bairro controlado pelos rebeldes opositores do ditador sírio, Bashar al Assad, em meio à guerra civil que consome o país há cinco anos.

O garoto chegou ao hospital na noite de quarta-feira (17) com ferimentos na cabeça, mas já recebeu alta. O ataque ocorreu minutos após um caça decolar da base russa em Latakia, no litoral da Síria. A Rússia é importante aliada de Assad e realiza frequentes bombardeios nas áreas rebeldes.



O vídeo com a imagem de Omran foi divulgado pelo grupo Aleppo Media Centre, ligado à oposição síria. O menino foi identificado nesta quinta-feira (18) pelo médico que o atendeu em um hospital de Aleppo, Osama Abu al-Ezz.

Omran foi resgatado com os três irmãos — de 11, seis e um ano de idade — e os pais dos escombros do apartamento da família, parcialmente destruído após o ataque aéreo, de acordo com Mahmoud Raslan, repórter fotográfico autor da imagem que trabalha como correspondente para a rede Al Jazeera.

Segundo Raslan, nenhum dos familiares de Omran teve ferimentos graves. O ataque teria ocorrido durante o período de reza no fim da tarde, por volta das 19h20 desta quarta.

A comoção gerada pela imagem de Omran ecoa a foto de Alan Kurdi, menino de três anos cujo corpo foi encontrado em uma praia na Turquia, em setembro do ano passado, depois do naufrágio da embarcação em que estava sua família. Eles tentavam chegar à ilha grega de Kos.

AJUDA HUMANITÁRIA

O Ministério da Defesa da Rússia anunciou nesta quinta-feira que apoiará a iniciativa da ONU de cessar-fogos semanais de 48 horas em Aleppo, para permitir a chegada de ajuda humanitária. O porta-voz do ministério, Igor Konashenkov, disse que a partir da próxima semana a Rússia irá dar suporte aos comboios de ajuda.

Também nesta quinta, a União Europeia, por meio de um comunicado do chefe de diplomacia, exigiu um "fim imediato" dos combates na cidade do norte da Síria, para não atrapalhar as operações humanitárias.

Trata-se de "permitir a transferência de feridos, o fornecimento de ajuda humanitária e a reparação de infraestruturas essenciais (de fornecimento) de água e eletricidade", afirmou Federica Mogherini. ★★

Compartilhar    0  OUVIR O TEXTO  Mais opções

SÍRIA

Síria: Fotografia de criança ensanguentada torna-se símbolo do sofrimento em Aleppo

De Euronews • Últimas notícias: 18/08/2016



PARTILHE ESTA NOTÍCIA



A imagem de uma criança de cinco anos ferida num bombardeamento a Aleppo, sentada numa ambulância, coberta de pó, ferida e desorientada tornou-se num dos símbolos do sofrimento dos 1,5 milhões de civis cercados na cidade síria.

TAMANHO DO TEXTO



A imagem foi divulgada pelo grupo de ativistas anti-regime Aleppo Media Center. A criança, já identificada como Omran Daqneesh, estava no bairro de Qaterji, controlado pelos rebeldes, quando este foi bombardeado esta quarta-feira à noite

Imagem já foi partilhada por milhares de pessoas na Internet.

Notícias relacionadas

- Síria: novo rosto infantil do sofrimento, numa país sem ajuda humanitária
- Síria: chefes da diplomacia dos EUA e da Rússia discutem situação em Alepo
- Atentado com carro armadilhado faz 13 mortos na Síria

Saiba mais

CONFLITO ARMADO

ATENTADO / ATAQUE

PROTEÇÃO DAS CRIANÇAS

CONFLITO NA SÍRIA

SÍRIA

Anexo 11 - Notícia analisada Omran Daqneesh / Al Jazeera

f t


[Home](#)
[News](#)
[AJ Impact](#)
[AJ Go](#)
[Documentaries](#)
[Shows](#)
[Investigations](#)
[Opinion](#)
[More](#)

inscreva-se

Haunting video of bewildered Syrian boy goes viral

Images of five-year-old boy, confused after an air strike in Aleppo, spark revulsion across social media.

10 Aug 2016



Images of a five-year-old Syrian boy - covered in dust and blood after being picked from a bomb-damaged building - have gone viral after they were posted to social media, provoking widespread outrage and upset.

The footage, released by opposition activists on Wednesday, showed the aftermath of an air strike in the city of Aleppo and encapsulated the human toll of Syria's five-year war.

The video, posted online by the Aleppo Media Center, shows a stunned and weary-looking boy, sitting alone and bewildered in an orange chair inside an ambulance shortly after he was rescued.

Khaled Khalaf, an Aleppo-based member of the Syrian Civil Defence, a volunteer rescue group that operates in rebel-held territory, identified the boy as five-year-old Omran Daqneesh.

The boy was later rescued by members of the group, also known as the White Helmets, to a nearby hospital, Khalaf told AJ Jazeera.

He suffered from light head wounds and was released later that night.


Three other people were killed and at least eight others, mostly women and children, were injured in the same air strike, according to Khalaf.

It was the images of Omran, though, that made the headlines and drew shock and revulsion from both Syrians and foreigners on social media.

In a video of a chaotic night-time scene, a man is seen carrying the boy from the rubble of an unidentified building to an ambulance, the five-year-old's expression: dazed and listless.

The boy then sits in a hand over his blood-covered face, looks at the blood and wipes his hands on the ambulance chair. He does not cry or make a sound.

The image has been shared thousands of times on social media platforms such as Twitter and Facebook.



The pictures of Omran - referred to by many as 'the boy in the ambulance' - were reminiscent of the image of [Ghazanwan](#), another Syrian boy whose body was found on a beach in Turkey last year after he drowned on his way to his family's home in the Mediterranean in the hope of finding refuge in Europe.

The image of Omran's body brought world attention to the growing refugee crisis, as tens of thousands of Syrians attempted to make the same dangerous journey, fleeing war-torn homes for the stability of Europe.

UN special envoy Staffan de Mistura estimated in April that at least [400,000 people had been killed](#) in Syria in a five-year-long war that has uprooted nearly half of the country's population.

SOURCE: [AL JAZEERA](#)

[Battle for Aleppo](#)
[Syria's Civil War](#)
[Middle East](#)

Have your say. Give us feedback. Sign up for our Newsletter.

TRENDING

Iran's protests: All you need to know in 600 words

Hong Kong police storm through barricades at protester stronghold

Leaked Chinese

YOU MIGHT ALSO LIKE

Interactive: How does your country vote at the UN?

We visualised 1.2 million votes at the UN since 1946. What do you think are the biggest issues facing the world today?

28 Sept 2016

'We were forced out by the government soldiers'

We dialed more than 35,000 random phone numbers to paint an accurate picture of displacement across South Sudan.

10 Sept 2016

Interactive: Plundering Cambodia's forests

Meet the man on a mission to take down Cambodia's timber tycoons and expose a rampant illegal cross-border trade.

8 Aug 2016

ALJAZEERA

f t

About

Privacy Policy

Terms of Service

Contact Us

Advertise

Contact

Help

Feedback

Partners

Sponsors

Our Channels

Al Jazeera Arabic

Al Jazeera English

Al Jazeera Documentary

Al Jazeera Sport

Al Jazeera 360

Our Network

Al Jazeera Centre for Women

Al Jazeera Centre for the Environment

Al Jazeera Foundation

Al Jazeera Media Group

Al Jazeera Network

Al Jazeera Public Affairs

Al Jazeera TV

179

mun

Sírio filma adeus de pai a seus bebês mortos em ataque químico na Síria



O sírio Abdel Hameed al-Youssef dá adeus aos seus gêmeos, mortos no ataque químico de terça-feira

DA ASSOCIATED PRESS

05/04/2017 17h24

f Compartilhar t in e 0 < 0 OUVIR O TEXTO Mais opções

O pai embalou seus gêmeos de nove meses, Aya e Ahmed, um em cada braço. Ele penteou seus cabelos e segurou suas lágrimas, murmurando, "diga tchau, bebê, diga tchau" aos seus corpos sem vida.

Abdel Hameed al-Youssef perdeu seus dois filhos, sua mulher e outros parentes no [ataque químico](#) de terça-feira (4) que matou ao menos 72 pessoas na cidade de Khan Sheikhun, no noroeste da Síria.

Em material compartilhado com a Associated Press, Youssef senta no banco da frente de uma van com os gêmeos, com os olhos vermelhos enquanto pede a um parente para gravar seu adeus a eles.

Quando o ataque aéreo ocorreu, "eu estava bem ao lado deles e carreguei eles para fora de casa com a mãe deles", disse Youssef, 29, que é comerciante. "Eles estavam conscientes no início, mas dez minutos depois podíamos sentir o odor." Os gêmeos e sua mulher, Dalal Ahmed, passaram mal.

Ele os levou aos paramédicos, e, pensando que ficariam bem, foi procurar pelo resto de sua família. Youssef achou os corpos de dois dos seus irmãos, dois sobrinhos e uma sobrinha, bem como vizinhos e amigos. "Eu não pude salvar ninguém, estão todos mortos agora", disse.

Só depois ele ficou sabendo que seus filhos e sua mulher tinham morrido. "Abdel Hameed está muito mal", diz um familiar. Ele está sendo tratado por causa da exposição à toxina. "Mas está especialmente arruinado por causa de sua grande perda."

ATAQUE QUÍMICO

A foto tem gerado comoção em redes sociais, com diversos usuários compartilhando imagens de Youssef com os corpos dos filhos nos braços.

Ainda não se sabe quem perpetrou o ataque na terça, que deixou ao menos 7 mortos, 20 crianças e mais de 160 feridos, segundo a ONG Observatório Sírio de Direitos Humanos. O governo russo alegou que a [avição síria bombardeou um "armazém terrorista" com "substâncias tóxicas"](#), o que teria causado o vazamento do material, enquanto os [Estados Unidos culpam o governo do ditador Bashar al-Assad](#).

Mais cedo nesta quarta (5), a representante dos EUA na ONU disse que o pai agirá na Síria caso o Conselho de Segurança veto uma resposta. "Quando as Nações Unidas fracassam seguidamente em sua tarefa de atuar de forma coletiva, há momentos na vida dos Estados em que nos vemos impulsionado a atuar por conta própria", declarou a embaixadora Nikki Haley.

O presidente Donald Trump disse que "esses atos de ódio do regime de Assad não podem ser tolerados", mas sem afirmar o que seu governo fará a respeito

★ ★ ★

f Compartilhar t in e 0 < 0 OUVIR O TEXTO Mais opções

Anexo 14 - Notícia analisada Aya e Ahmed al-Yousef / Euronews

Português

euronews.

Europa Mundo Economia Desporto Cultura Sci-tech Viagens Video Programas

ÚLTIMA HORA • Banco Europeu de Investimento vai parar de financiar os combustíveis fósseis até ao fim de 2021

Home > Notícias > Mundo > Síria: Testemunhos das vítimas do horror do ataque químico em Idlib

SÍRIA

Síria: Testemunhos das vítimas do horror do ataque químico em Idlib

De: Euronews • Últimas notícias: 06/04/2017

Home > Notícias > Mundo > Síria: Testemunhos das vítimas do horror do ataque químico em Idlib

SÍRIA

Síria: Testemunhos das vítimas do horror do ataque químico em Idlib

De: Euronews • Últimas notícias: 06/04/2017



PARTILHE ESTA NOTÍCIA:



As imagens do ataque com armas químicas na cidade de Idlib, na Síria, têm corrido o mundo e provocado reações de revolta e incompreensão. A história de Yousef que perdeu os gémeos de nove meses, a esposa, os irmãos, os sobrinhos, os empregados... representa bem o horror e a desumanização deste conflito:

TAMANHO DO TEXTO



"Nós enterrámo-los. Eu trouxe o Ahmed e a Aya e enterrei-os com os meus irmãos. Enterrei os meus filhos com as minhas próprias mãos, a minha mulher e os meus irmãos..".

"Eu costumava charmar-lhes loirinhos. Disse-lhes que nunca os abandonaria. Os meus amores, a minha Aya. Eles deviam estar a abraçar-me assim e a chamar-me..."

Yousef tem 29 anos e é dono de uma loja. Em poucos minutos ficou sem a família, sem o vizinhos e sem parte dos seus empregados...

A Associated Press registou o testemunho e o relato de uma professora de 25 anos, Aya:

"peguei no meu filho e saí de casa com o meu marido. No caminho, um camião fez-nos parar e disseram-nos que havia muita gente morta. Saímos imediatamente do carro e dirigimo-nos ao camião. Vimos os nossos familiares, eram todos família, amigos, vizinhos. Nem acredito... meu Deus, as crianças.. Ammar, Aya, Mohammad, e Ahmed, amo-vos todos meus passarinhos... parecem passarinhos. A minha tia Sanaa, o meu tio Yasser, Abdel Kareem, por favor, ouçam-me. Olho para eles e estão mortos... Estão todos mortos. O meu aluno Ibrahim está desaparecido, não sabemos nada dele."

O ataque matou dezenas de pessoas na terça-feira e deixou inúmeros residentes com problemas respiratórios e queimaduras nos hospitais.

As imagens refletem a dimensão da tragédia e fazem pensar noutra que, em 2013, matou centenas de outras vítimas de uma barbárie que se eterniza.

Notícias relacionadas

- Explicação de Damasco sobre massacre químico não será credível, dizem peritos
- Síria aponta dedo aos rebeldes
- ONU: Quatro anos de impunidade para os ataques químicos na Síria

Saiba mais

ATAQUE COM ARMAS QUÍMICAS ARMAS SÍRIA CRIANÇAS CONFLITO NA SÍRIA MORTE

Anexo 15 - Notícia analisada Aya e Ahmed al-Yousef / Al Jazeera

f t
ENVO


News • AJ Impact • AJ Go • Documentaries • Shows • Investigations • Opinion • More • **Live**

NEWS SYRIA'S CIVIL WAR

Syria chemical attack survivors vow to fight for justice

A father whose twins were killed last week in Khan Sheikhou attack in Idlib province speaks to Al Jazeera.

by **Muhammed Jampoom** f t
13 Apr 2017




Raybashi, Turkey Last week, Abdul Hamid al-Yousef lost two loved of his life.

His wife Dina and their nine-month-old twins, Sara and Ahmad, were among the dozens killed as a result of a suspected chemical attack on the Syrian city of Khan Sheikhou - a tragedy Yousef will never forgive, with a trauma he says he will never overcome.

"It was a huge disaster," Yousef says, before emotion overtake him.

In all, more than 30 members of Yousef's family died on April 4 - a day in which horrific images like the ones showing him cradling the bodies of his dead children [shook the world](#).



Abdul Hamid al-Yousef (Photo: Al Jazeera Network)

Speaking to Al Jazeera from Reykjavik, Turkey, Yousef, who blames the government of Syrian President Bashar al Assad for the attack, will be pain to understate.

"I'm going to try, as much as possible, to fight the regime through the media," he said.

"I'm not going to abandon my country. God willing, if I return to Syria - because we started our revolution six years ago and we still demand freedom and justice."

Other members of the Yousef family who survived the attack are also in Reykjavik - and also still traumatized.

One of them is Yousef's cousin, Aya, who on Monday received even more bad news.

"My wife was attacked by the chemicals as we all were," Aya al-Yousef said.

"When I took her to the hospital she was pregnant. At the beginning, we didn't know if the baby had been affected. Today she got tired and they took her back to the hospital. I was shocked when she told me she lost the baby."

Like so many Syrians who have experienced the brutality of their country's war, members of the Yousef family are not just sad.

They are also scared and fearful that despite international coverage - including from the US - to Assad, the killing in Syria from both conventional and chemical weapons will continue.

When talk rises to the missile strikes launched by the US army last week on Syria's Sharmat airport in response to the Khan Sheikhou attack, Yousef's brother, Mohammed, is sceptical.

"It didn't change things for the better; it changed them for the worse," Mohammed al-Yousef said.

"Because this regime, after only a few hours, began operating out of that airport again and planes started taking off from there and killing us once again."

Just another reason, members of the Yousef family say, that the decision will not ease life, and the suffering will only deepen.

RELATED: AL JAZEERA NEWS

Middle East | Syria's Civil War | War & Conflict | Turkey

Have your say. [Give us feedback.](#)
Sign up for our [Newsletter](#).

Advertisement

MORE ON MIDDLE EAST

Pakistanis pressure briefing convenor down in Israeli country today

At Gulf Cup in Qatar, a showpiece of 'football not politics' today

Second night of clashes in Lebanon amid anti-gov't protests today

US officials meet Libya's father to seek input on future today

READ MORE: Syria gas attack - 'We found bodies all over the floor'

QUINTACANDAR

Appto. 1 Quarto, Cozinha, Banheiro, Sala, Varanda	Appto. 2 Quarto, Cozinha, Banheiro, Sala, Varanda
RS 530	RS 1.000

Appto. 1 Quarto, Cozinha, Banheiro, Sala, Varanda

Appto. 1 Quarto, Cozinha, Banheiro, Sala, Varanda

RS 800

Appto. 1 Quarto, Cozinha, Banheiro, Sala, Varanda

RS 1.000

Advertisement

TRENDING

Pakistan's top court temporarily suspends army chief's extension

Exclusive: Canadian officials linked to diplomatic passport sale


DFRC: Protesters storm UN facility after deadly attack

Iron Guard chief warns US and allies not to 'cross red lines'


US strikes in Syria: Game changer or setback? - Inside Story

OPINION: Syrians should not be thanking Trump for the strikes


YOU MIGHT ALSO LIKE



Racism and the black hole of gun control in the US
Would tighter gun laws help protect African Americans or make them more vulnerable to racism and police brutality?
12 Nov 2016



My father, a Pakistani prisoner of war in India
A daughter's bid to see father who never recovered from his war wounds.
16 May 2016



Occupying Alcatraz: The spark that lit the US Red Power movement
Fifty years ago a group of activists set sail to reclaim Alcatraz Island, sparking a new era of indigenous activism.
01 Dec 2016

ALJAZEERA
f t

About

- Home
- Our Channels
- Partners
- Work with Us
- Advertise
- Privacy Policy
- Terms of Use

Contact

- Head Office
- London
- New York
- Washington DC
- Amman
- Cairo
- Manama
- Paris
- Riyadh
- Singapore
- Tripoli

Our Channels

- Al Jazeera Arabic
- Al Jazeera English
- Al Jazeera Spanish
- Al Jazeera Persian
- Al Jazeera Turkish
- Al Jazeera Urdu
- Al Jazeera Zing

Our Network

- Al Jazeera Centre for Dialogue
- Al Jazeera Media Institute
- Al Jazeera Centre for Policy Studies
- Al Jazeera Centre for Women's Rights
- Al Jazeera Centre for Energy
- Al Jazeera Centre for Environment
- Al Jazeera Centre for Health
- Al Jazeera Centre for Innovation
- Al Jazeera Centre for Leadership
- Al Jazeera Centre for Science
- Al Jazeera Centre for Technology

ENVO

